

FACULDADE DE LETRAS  
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

# CONIMBRIGA

*VOLUME VII*



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1968

# CONIMBRIG A

REVISTA DO INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA  
DA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA (PORTUGAL)

## COMISSÃO DE REDACÇÃO :

Doutor MANUEL LOPES DE ALMEIDA  
Doutor MÁRIO MENDES DOS REMÉDIOS DE SOUSA BRANDAO  
Doutor TORQUATO DE SOUZA SOARES  
(Professores Catedráticos da Secção de História)  
Licenciado JoAo MANUEL BAIARRÃO OLEIRO

Licenciado JORGE DE ALARCÃO  
Licenciado MÁRIO DE CASTRO HIPÓLITO  
(Secretários)

**Toda a correspondência (envio de originais e de publicações para recensão,  
pedidos de permuta, etc.) deve ser dirigida directamente ao**

DIRECTOR DO INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA  
FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE — COIMBRA — PORTUGAL

CONIMBRIGA

(Página deixada propositadamente em branco)

FACULDADE DE LETRAS  
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

# CONIMBRIGA

*VOLUME VII*



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1968

Composto e impresso na «Imprensa de Coimbra, L.da»  
Largo de S. Salvador, 1 a 5 - COIMBRA

## CASTELO DA LOUSA (MOURÃO)

CAMPANHAS DE ESCAVAÇÕES DE 1965,

1966 E 1967

Já dissemos que este fortim romano situado na margem esquerda do Guadiana, a 6 km. a Sudoeste de Mourão, tem um interesse muito especial para o estudo da arquitectura militar dos últimos anos da república (1). O seu conhecimento e revelação ao mundo científico deve-se à Fundação Calouste Gulbenkian, que levada pelo espírito de investigação que a domina, tem proporcionado aos signatários, para tanto, os indispensáveis meios.

Nos trabalhos realizados em 1962-1964 reconheceu-se o interior do forte com os seus variados compartimentos providos de seteiras e ligados entre si por corredores, que rodeiam uma cisterna cavada na rocha com a profundidade de 8 m., uma escada interior, um vestíbulo com sua porta voltada a Norte e uma escadaria exterior metida na muralha, etc.

Enquanto a escavação do interior nos revelava todos estes factos, um reconhecimento do exterior da muralha Este que ainda apresenta 5,90 m. de altura, deu-nos a conhecer dois grupos de construções suplementares: um existente a Sul, encostado à muralha; outro nas imediações e prolongamento do ângulo Noroeste, necessários ambos à vida da guarnição militar que ali viveu, certamente, durante largos anos.

(1) Afonso do Paço e Joaquim Bação Leal, «Castello di Lousa — Fortino Romano sulla Guadiana á Mourão (Portugallo)», *Estudos Italianos em Portugal*, n.º 26, Lisboa, 1966.

Idem, «Castelo da Lousa, Mourão (Portugal). Una fortificación romana de la margen izquierda del Guadiana», *Archivo Español de Arqueología*, vol. XXXIX, n.ºs 113 y 114, Madrid, 1966.

Afonso do Paço, Joaquim Bação Leal, Adília Alarcão e Jorge Alarcão, «Castelo da Lousa (Mourão)», *Boletim da Junta Distrital de Évora*, n.º 6, Évora, 1967.

Estes dois agrupamentos de dependências do fortim estão ligados entre si, a Este, por um corredor que se estende ao longo da referida muralha ocidental.

Esta nova revelação, de que tivemos conhecimento, como se disse, no decorrer da campanha de 1965, pode dividir-se em três partes:

1. <sup>a</sup> — Construções a Sul e Sudoeste do forte.
2. <sup>a</sup> — Corredor e paredes ao longo da muralha Oeste.
3. <sup>a</sup> — Construções junto do ângulo Nordeste da fortificação.

Antes de prosseguir devemos uma explicação aos nossos leitores para melhor compreensão do que iremos expôr. O terreno onde assenta o fortim formaria originariamente uma espécie de promontório correndo entre duas ribeiras de margens alcantiladas: a da *Lousa* a Norte e a do *Montinho* a Sul, Fig. 1. A extremidade deste promontório foi destacada do conjunto pela abertura a Leste de um fosso cavado na rocha. Criou-se assim uma espécie de ilha, construindo-se na sua parte superior o chamado Castelo da Lousa, Fig. 2. Na base do fortim e portanto num segundo plano, há dois agrupamentos xistosos que constituem pequenas esplanadas e foi sobre elas que se edificaram as dependências de que iremos dar conhecimento.

#### CONSTRUÇÕES A SUL E SUDOESTE

O rochedo central da extremidade da península em que assenta o forte, forma a Sul um dorso sobre que se construiu a muralha e foi deixado em parte intacto, encostando-se a ele as dependências que aí se fizeram. Os seus alinhamentos adoptam-se à configuração do patamar xistoso, Fig. 2 e 4.

Devido à intempérie ou a outras razões, as frágeis pareditas apresentam certa obliquidade sobre a base, tendo sido necessário, depois de escavadas, escorá-las para evitar o seu desabamento. Não se tratava, por certo, de grandes edificações, mas tão somente de pequenos alpendres. A primeira construção, imediatamente encostada à mura-

lha, é a que apresenta maior elevação de paredes, estando as seguintes reduzidas a pouco mais que os alicerces.

Junto da primeira divisória havia restos de escórias de trabalhos de ferro, tudo nos levando a crer que se praticavam aí certas operações daquele metal. O chão da divisória seguinte apresenta um grupo de pequenos orifícios abertos no xisto, talvez bases de pilares de qualquer construção. As cerâmicas encontradas neste agrupamento de casas foram escassas e grosseiras, sendo diminuto todo o espólio arqueológico.

#### CORREDOR AO LONGO DA MURALHA OCIDENTAL DO FORTIM:

Caminhando do agrupamento de casas suplementares acima referidas para Norte, ao longo da muralha Oeste e paralelamente ao rio, há de início umas pareditas mal definidas, ficando logo a seguir um corredor de 17,30 m. de comprimento, de 2,30 m. de largura, defendido a Oeste por uma paredita de 0,75 m. de espessura e que ainda conserva uma altura média de 1,50 m.. Três aberturas, uma a meio e duas laterais, dariam acesso para o rio, Fig. 4.

A base deste corredor, bem como os acessos, apresentam vestígios de terem sido lageados com xisto.

#### CONSTRUÇÕES JUNTO DO ÂNGULO NORDESTE DO FORTIM

As construções junto deste ângulo Nordeste obedecem como as do Sul, à configuração do terreno, sendo o seu traçado dele dependente. Certas pareditas também se apresentam com grande inclinação sobre a base e foi preciso escorá-las para evitar o seu desmoronamento pelas chuvas do inverno.

Não existe actualmente todo o conjunto habitacional que ali fora construído. Algumas paredes desapareceram já, levadas pela intempérie ou outras causas. Fig. 2 e 4.

Estávamos no final da campanha de 1966 e com um grupo de revelações que tornam este fortim diferente de qualquer outro.

Uma sondagem feita nos entulhos que se acumulavam de encontro à muralha Este, deixou-nos vislumbrar que a construção desta não nascia no fundo do fosso, mas havia aí qualquer coisa que era preciso reconhecer.

Esta operação só pôde ser iniciada na campanha de 1967, mas infelizmente não concluída por não ter sido possível remover, durante ela, todo o enorme volume de entulhos aí acumulados. Contudo no decorrer dos trabalhos, pode verificar-se o que em parte se supunha: abertura de um fosso de cerca de 20 m. de largo que defendia o fortim de qualquer ataque vindo de Este.

Cortada a rocha contra a clivagem natural e muito desfeita pela acção do tempo, apresenta-se escabrosa e com sulcos profundos abertos entre as ligações dos diferentes blocos que se justapõem.

Esta operação de reconhecimento terá de ser concluída nas próximas campanhas, podendo então obter-se todas as medidas verdadeiras.

Falta-nos finalmente, depois do fosso, reconhecer a muralha do lado Norte e escada de acesso que ali existiu, e de que se vislumbram ainda restos de degraus seguros na muralha.

Esperamos que em breve este fortim possa ficar convenientemente escavado e estudado sob todos os ângulos, antes de ser inundado pelas águas da barragem de Alqueva, a construir nas margens do Guadiana. Não consideramos obra perdida o trabalho ali realizado, mas antes uma valiosa cooperação para o mundo científico interessado na fortificação romana. Os materiais recolhidos, bem como uma «maquete», desenhos, reconstituições de cerâmicas entre as quais uma bela taça de *sigillata* confiada para estudo aos cuidados do Museu Monográfico de Conímbriga, levantamentos topográficos, etc., serão arrecadados no Museu de Arqueologia que a Junta Distrital de Évora pretende organizar nesta cidade, ao lado dos do Castelo do Giraldo e outros, para que o Alentejo possa mostrar aos seus visitantes um pouco da formidável riqueza arqueológica da província e dos problemas com ela ligados, e de que até hoje se tem mostrado tão desinteressado.

O Alentejo com as suas numerosas e esplêndidas antas, como a da Comenda da Igreja em Montemor-o-Novo, os seus cromleks, as suas

pontes romanas como a de Vila Formosa sobre a ribeira da Seda, os seus templos e vilas rústicas atapetadas de preciosos mosaicos, as suas basílicas visigóticas e baptistérios páleo-cristãos como os de Torre de Palma em Monforte, poderia apresentar ao Turismo científico um sem número de riquezas com que Deus o dotou.

É em defesa desta política do que é do Alentejo ficar no Alentejo, pela qual nos temos batido às vezes ingloriamente, mas pela qual apesar de tudo continuamos a pugnar, para que se evitem perdas como as de outrora, em que um belo sepulcro de mármore da Azinheira foi parar a um museu do Porto, e um colar de ouro de Portei ao Museu de Saint-Germain-en-Laye nos arredores de Paris (2).

Felizmente que hoje, mercê de uma viragem na direcção dos destinos da província, os ventos sopram de quadrante favorável e começa a arrecadar-se convenientemente o que resta do muito que se desperdiçou.

AFONSO DO PAÇO

JOAQUIM BAÇÃO LEAL

(2) Afonso do Paço, «O Castelo do Giraldo (Évora) e os novos horizontes do Neolítico alentejano», *Boletim da Junta Distrital de Évora*, n.º 2, Évora, 1962.

Idem, «Arqueologia e Turismo na Região de Évora», *A Cidade de Évora*, n.º 45-46, Évora, 1963.

Idem, «Jóias pré-históricas na região de Évora», *Boletim da Junta Distrital de Évora*, n.º 6, Évora, 1967.

(Página deixada propositadamente em branco)



FIG. 1 — O massiço rochoso sobre que construiu o Castelo da Lousa, vendo-se a Norte a ribeira da Lousa e a Sul a ribeira do Montinho.

*(Fotografia da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil)*



FIG. 2 — Vista aérea do Castelo da Lousa tirada no sentido E-W. São visíveis a Norte e a Sul, num plano inferior ao do Castelo, vestígios de construções. A Oeste o Guadiana e a Este o amontoado de entulhos onde se fez um pequeno reconhecimento para verificar o aspecto da muralha. A remoção de parte destes entulhos foi o principal trabalho da escavação de 1967.

*(Fotografia da Base Aérea n.º 3)*



FIG. 3 — Trabalhos de escavação, em 1967, no Castelo da Lousa, começando a pôr-se a descoberto a rocha que foi cortada verticalmente para abertura de um fosso.

*(Fotografia de A. P.)*



FIG. 4 — Outro aspecto da rocha xistosa que foi cortada para abertura do fosso que defende o fortim pelo lado Este. É de notar a alteração que apresenta. Na parte superior ficam as muralhas do Castelo.

*(Fotografia de A. P.)*

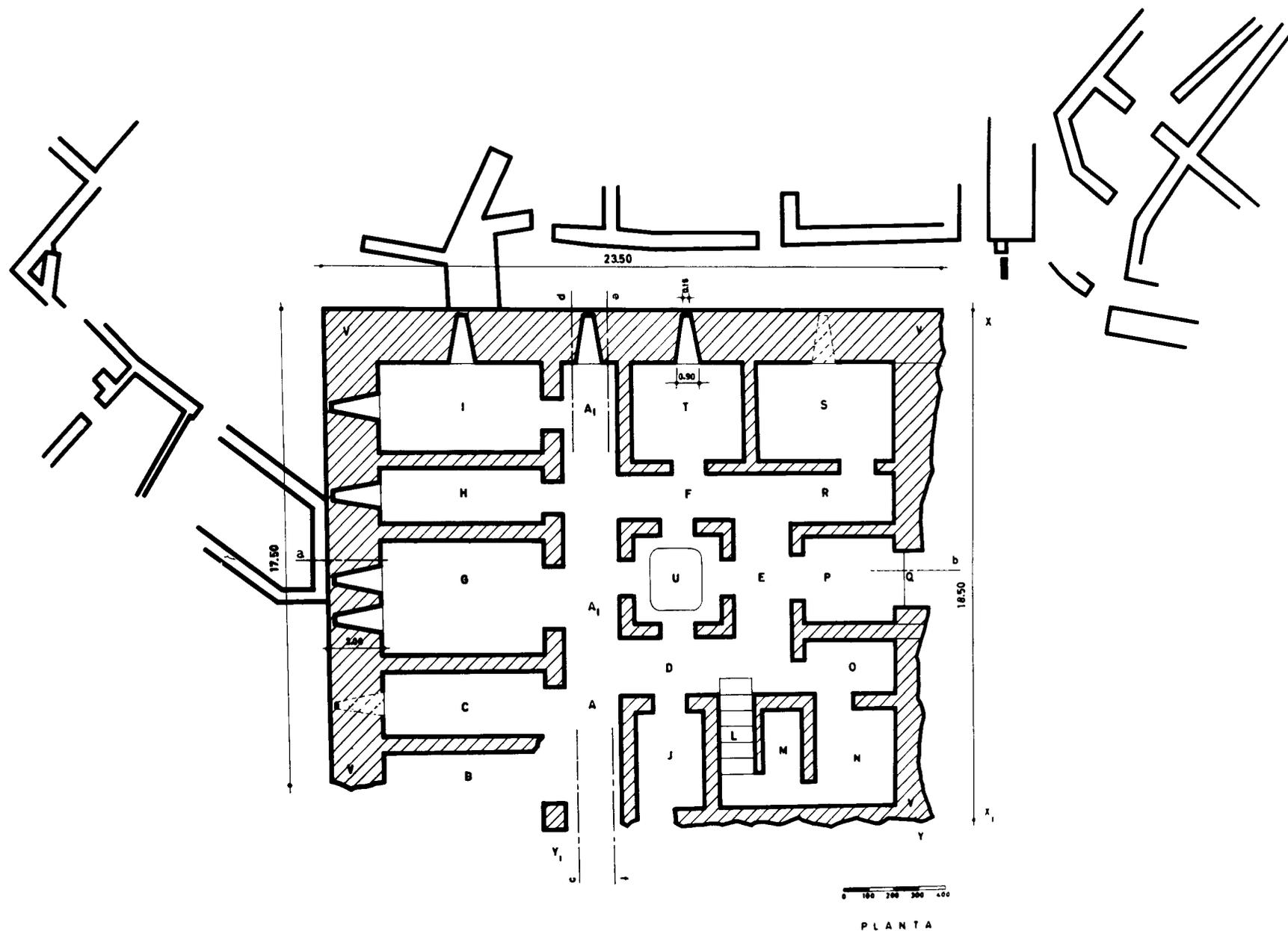


FIG. 5 — Planta do Castelo da Lousa, com indicação das construções exteriores anexas a Norte e a Sul, bem como do corredor e respectivo muro que se estende ao longo da muralha Oeste da fortificação.

(Planta topográfica de Humberto Janes Ramalho)

(Página deixada propositadamente em branco)

## VIDROS ROMANOS DE MUSEUS DO ALENTEJO E ALGARVE

Publicamos, neste artigo, os vidros romanos dos seguintes museus: Arqueológico e Lapidar do Infante D. Henrique (Faro), Regional de Lagos, Municipal de Eivas, Regional de Évora, Regional de Beja, Arqueológico das Minas de Aljustrel, Municipal de Santiago do Cacém, das Ruínas de Miróbriga (Santiago do Cacém) e Municipal de Setúbal. Agradecemos à Fundação Calouste Gulbenkian o subsídio que nos permitiu, em 1966, visitar estes museus e estudar as suas colecções de vidros lusitano-romanos. Agradecemos também as facilidades que nos concederam os directores ou conservadores dos museus, respectivamente: Dr. Mário Lyster Franco, Engenheiro José Ramos Formosinho, Dr. Eurico Gama, Senhor José Patronilho, Dr. Bélard da Fonseca, Engenheiro Ruy Freire d'Andrade, Senhora D. Maria Amália Guerreiro, Prof. Doutor D. Fernando de Almeida e Engenheiro João Botelho Moniz Borba. Agradecemos finalmente ao Dr. D. B. Harden os esclarecimentos que nos prestou acerca de algumas peças.

### 1 — MUSEU ARQUEOLÓGICO E LAPIDAR DO INFANTE D. HENRIQUE (FARO)

Os vidros romanos recolhidos no Algarve por Estácio da Veiga e Santos Rocha — os dois arqueólogos a quem mais deve a arqueologia algarvia — encontram-se, não nos museus daquela província, mas no Nacional de Arqueologia e Etnologia (Lisboa) e no Municipal da Figueira da Foz. Em Faro, no Museu Arqueológico e Lapidar do Infante D. Henrique, há todavia alguns vidros recolhidos há muitos anos na área de Tavira e em Mandil ou descobertos, mais recentemente, na própria cidade de Faro.

Procedem de uma sepultura de perto de Tavira (antiga Balsa?) publicada em 1896 por Monsenhor Cónego Pereira Botto os números 1 a 5 deste artigo. Apenas os números 1 e 2 conservam etiquetas de papel onde se lê que foram encontrados em Balsa; mas do confronto da gravura publicada n'0 *Archeologo Português* com as peças do Museu

de Faro pode concluir-se que também os números 3, 4 e 5 foram achados no mesmo túmulo. A sepultura, achada na Quinta das Antas no aro de Tavira, continha ainda uma lucerna, um vaso de barro, um alfinete de toucado, uma pinça depilatoria, uma caixinha de marfim e um *quadrans* de Cláudio. Tudo Pereira Botto representou na estampa que acompanha o artigo d'O *Archeologo Português*. A moeda de Cláudio (TI. CLAVDIVS CAESAR AVG. Mão segurando balança; no campo, P.N.R. Rev: PON.M.TR.P.IMP.COS.DES.II à volta de S. C. Cfr. Mattingly e Sydenham, *Roman Imperial Coins*, I, p. 130, Claudius, 74) permite-nos datar a sepultura dos meados do século i d.C.. A comparação dos unguentários com paralelos de outros lugares confirma esta cronologia (2).

Foram também encontrados na área de Tavira os números 6 e 7: o primeiro tem etiqueta com o nome de Balsa e a do segundo reza que foi encontrado em Torre de Ares (que dista de Tavira 6 quilómetros). Ignoramos o nome do achador e a data do achado nem sabemos se alguma vez foram ilustrados ou apenas referidos por alguém. Cremos todavia que não. Referências concretas a vidros romanos achados no aro de Tavira só as encontramos no artigo citado de Pereira Botto, no *Relatório sobre o Cemitério Romano descoberto próximo da Cidade de Tavira em 1868* assinado por Augusto Carlos Teixeira de Aragão (Lisboa, 1868), e numa nota de J. Leite de Vasconcelos sobre «Antiguidades de Torre de Ares» publicada n'0 *Archeologo Português* (3). Dos vidros referidos por Teixeira de Aragão e que ficaram, diz o autor, na posse do proprietário das terras, não conhecemos o paradeiro.

De Bela (Mandil) são os números 8, 9 e 10. Foram achados em uma sepultura que continha também uma moeda de Cláudio (4).

(2) Vid. sobre esta sepultura J. M. Pereira Botto, «Archeologia do Algarve. Aro de Tavira», *O Archeologo Português*, II (1896), pp. 152-53. O autor atribui erradamente a moeda a Tibério.

(3) Vid. *O Archeologo Português*, XXIV (1920), 230. Também Leite de Vasconcelos, na mesma revista, XXII (1917), p. 216 e Teixeira de Aragão, ainda n'0 *Archeologo Português*, II (1896), p. 57, se referem a «unguentários de vidro» e «vasos de vidro» aparecidos em Torre de Ares ou no aro de Tavira, mas sem descreverem, ilustrarem ou indicarem o paradeiro de tais peças.

(4) Vid. Monsenhor Conego Pereira Botto, *Glossário crítico dos principaes monumentos do Museu Archeologico Infante D. Henrique*, Faro, 1899, p. 36.

Os fragmentos 11, 12 e 13 foram achados em escavações efectuadas por Abel Viana no Largo da Sé de Faro em 1933 (5). Nestas escavações A. Viana recolheu numerosos fragmentos de vidro que descreve no artigo citado (6). Na maior parte, esses fragmentos são demasiadamente pequenos para se poderem classificar e não estamos certos de que todos sejam romanos. Com efeito, A. Viana recolheu também abundantes restos árabes mas não pôde distinguir o estrato de ocupação muçulmana do romano. Resolvemos por isso apresentar apenas três fragmentos que nos pareceram mais interessantes mas que não ousamos todavia afirmar sejam indiscutivelmente romanos.

O Museu de Faro tem ainda duas peças notáveis encontradas numa sepultura escavada também por A. Viana no Bairro Letes da cidade: são os números 14 e 15 deste nosso artigo (7). No mesmo local, que certamente serviu de necrópole da cidade romana, A. Viana escavou também outras sepulturas; numa delas achou um copo campanular de fundo sextavado que ilustrou no artigo citado (8).

Na mesma sepultura em que se encontraram as peças números 14 e 15 havia também um médio bronze de Tibério; não podemos todavia datar a sepultura do século i d.C.; o número 15 é indiscutivelmente uma peça do século m ou iv.

Finalmente, ainda no mesmo museu, e sem indicação de proveniência, encontram-se as peças 16 a 21.

1 — *Unguentário* (Est. X).

Vidro verde-gelo com muitas bolhas de ar, espuma, impurezas negras e estrias resultantes da soflagem.

Leitiosidade incipiente e ligeira irisão.

(5) Relatadas em «Restos de Ossonoba, no Largo da Sé, em Faro», *Revista do Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores*, n.ºs 39-49 (1949).

(6) P. 373 e 447-48.

(7) Vid. A. Viana, «O cemitério luso-romano do Bairro Letes (Faro)», *Bro-téria*, LIII (1954), pp. 145-65.

(8) Em «Vidros romanos em Portugal. Breves notas», publicadas em *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XVIII (1959) fig. 7, A. Viana dá este copo como existente no Museu de Faro. Não o encontramos, porém, lá. Além disso, em «O cemitério luso-romano do Bairro Letes (Faro)», pp. 152-53, o autor dá a entender que o copo não foi entregue ao Museu.

Reservatório triangular, de fundo ligeiramente côncavo; gargalo alto e cilíndrico; bordo repuxado para fora e depois revirado para dentro.

Altura: 153 mm. Diâmetro máximo: 73 mm. Diâmetro da boca: 40 mm.

Espessura do vidro na base: 3 mm.

Proveniência: sepultura de Balsa (Tavira).

Este unguentário, de reservatório triangular, é contemporâneo de uma forma mais comum e aqui representada pelos números 8, 18, 19 e 28: o unguentário bulbiforme. Assim o entendeu Harden, que incluiu no seu grupo B i b de Vasa unguentários triangulares e bulbiformes (9). Discutimos em 1963 (10) a cronologia dos unguentários bulbiformes que, no Ocidente, se começaram a fabricar na segunda metade do século i d.C.

### 2— *Unguentário* (Est. IX).

Vidro azul-Caran d'Ache com bolhas de ar e estriado da soflagem.

Ligeiramente picado. Irisão, com aspecto nacarado pelo interior.

Reservatório oval, de fundo côncavo; gargalo alto, estrangulado na base; bocal afunilado; bordo de arestas vagamente polidas ao fogo.

Altura: 123 mm. Diâmetro máximo: 27 mm. Diâmetro da boca: 21 mm.

Espessura do vidro: 1 mm.

Proveniência: sepultura de Balsa (Tavira).

O número 2 é um unguentário de tipo Isings 8. O estrangulamento, situado abaixo da linha média, leva-nos a datá-lo da época de Cláudio a Tito (11), o que, aliás, concorda com o achado de uma moeda de Cláudio na mesma sepultura.

### 3 — *Unguentário* (Est. IX).

Vidro vagamente tingido de verde-sombrio, com bolhas de ar, impurezas negras e estrias resultantes da soflagem.

Gargalo e bordo partidos e incompletos. Leitosidade incipiente e ligeira irisão.

Reservatório em forma de gota, muito alongado, com base côncava.

Altura: 100 mm. Diâmetro máximo: 20 mm. Espessura do vidro: 0,5 mm.

Proveniência: sepultura de Balsa (Tavira).

(9) Harden, «Roman Tombs at Vasa: the glass», *Report of the Department of Antiquities, Cyprus*, 1940-48, pp. 58-59.

(10) Alarcão, 1963, pp. 200-202.

(11) Alarcão, 1964, p. 87 e nota 2.

Os unguentários em forma de pingo ou de gota são geralmente atribuídos aos reinados de Augusto e Tibério (12). Este, porém, foi encontrado com uma moeda de Cláudio.

4 — *Unguentario* (Est. IX)

Vidro ligeiramente tingido de verde-azeitona, com bolhas de ar, impurezas negras e estrias resultantes da soflagem.

Ligeiramente irisado pelo interior e picado.

Reservatório oval sobre o comprido; gargalo alto, estrangulado no cimo; bocal afunilado; bordo arredondado e polido ao fogo, ligeiramente revirado para dentro, de um lado; fundo ligeiramente arqueado, que não deixa assentar o vaso perfeitamente.

Altura: 96 mm. Diâmetro máximo 44 mm. Diâmetro da boca: 28 mm.

Espessura do vidro: 1 mm.

Proveniência: sepultura de Balsa (Tavira).

Este tipo de balsamário não é comum. H. Roosens publicou um semelhante pelo gargalo e reservatório e só diferente no bordo, em túmulo de Chantemelle (Bélgica), que datou da época de Cláudio (13).

5 — *Unguentário* (Est. IX).

Vidro azul-Caran d'Ache com bolhas de ar.

Irisão com aspecto nacarado pelo interior; picado ligeiramente.

Reservatório oval, de fundo muito levemente côncavo; gargalo alto, muito estrangulado na base; bocal afunilado; bordo de arestas ligeiramente polidas ao fogo.

Altura: 112 mm. Diâmetro máximo: 27 mm.

Proveniência: sepultura de Balsa (Tavira).

Tipo e cronologia: como o número 2 deste artigo.

6 — *Unguentário* (Est. X).

Vidro ligeiramente tingido de verde-sombrio, com bolhas de ar, algumas impurezas negras e estrias.

Ligeiramente picado. Irisado pelo interior, com aspecto nacarado nalguns pontos. Incompleto.

Reservatório triangular; fundo côncavo; gargalo alto e cilíndrico.

(12) Alarcão, 1963, pp. 182-83.

(13) H. Roosens, *Un cimetiere du milieu du I<sup>er</sup> siecle à Chantemelle* (Archæologia Belgica, 21), Bruxelas, 1954, p. 81 e 115.

Altura: 97 mm. Diâmetro máximo: 70 mm. Espessura do vidro: 1 mm.  
 Proveniência: Balsa (Tavira)  
 Tipo e cronologia: como o número 1.

7 — *Urna* (Est. VI).

Vidro verde-gelo, com algumas bolhas de ar.  
 Irisado. Conserva-se apenas o bordo completo e um fragmento do colo.  
 Bordo repuxado para fora e depois dobrado sob si, formando uma larga aba horizontal.  
 Diâmetro da boca: 150 mm.  
 Proveniência: Torre de Ares.

É urna urna do tipo Isings 67A, da segunda metade do século i d.C. Baradez publicou uma urna completa, de bordo muito semelhante ao nosso, encontrada em Tipasa numa sepultura de c. 75 d.C. Também nas necrópoles de Ampúrias há exemplares semelhantes em sepulturas que Almagro datou da época de Cláudio (14).

8 — *Unguentário* (Est. XI).

Vidro verde-azeitona com muitas bolhas de ar, impurezas negras e estrias resultantes da soflagem.  
 Completo e intacto, mas riscado pelo uso, picado e com ligeira irisão.  
 Reservatório bulbiforme; fundo raso; gargalo alto e cilíndrico; bordo repuxado para fora e logo revirado para dentro.  
 Altura: 115 mm. Diâmetro máximo: 68 mm. Diâmetro da boca: 42 mm.  
 Espessura do vidro na base: 3,5 mm.  
 Proveniência: sepultura de Bela (Mandil).  
 Tipo e cronologia: como o número 1 deste artigo. Foi encontrado com os números 9 e 10 numa sepultura com uma moeda de Cláudio.

9 — *Unguentário* (Est. IX).

Vidro ligeiramente tingido de verde-sombrio, com bolhas de ar e estrias resultantes da soflagem.  
 Picado e com ranhuras. Ligeiramente irisado pelo interior.  
 Reservatório triangular mas de perfil quebrado num degrau; gargalo alto e estreito; bocal afunilado; bordo polido ao fogo.  
 Altura: 95 mm. Diâmetro: 34 mm. Diâmetro da boca: 26 mm. Espessura máxima do vidro: 3 mm.

(14) Baradez, «Nouvelles fouilles à Tipasa. Survivances du cuite de Baal et Tanit au I<sup>er</sup> siècle de l'ère chrétienne, 1<sup>re</sup> partie: Tombe d'un sacrificateur», *Libyca V* (1957), pp. 238 e 258 e fig. 2; Almagro, *Las necropolis de Ampúrias*, II (1955), Tablas no final do volume.

O paralelo mais próximo, que conhecemos, para este unguentário, foi publicado por Fremersdorf, que o atribuiu ao século i ou n (15). O nosso, encontrado com os números 8 e 10 numa sepultura com moeda de Cláudio pode atribuir-se aos meados ou segunda metade do século i d.C.

10—*Unguentário* (Est. X).

Vidro verde-sombrio, com bolhas de ar, estrias e impurezas negras.

Partido e colado, mas quase completo; esborcelado no reservatório; muito picado; fissurado; ligeiramente irisado pelo interior do colo.

Reservatório triangular muito baixo; gargalo cilíndrico; bordo revirado para fora e rematado em pérola.

Altura: 72 mm. Diâmetro máximo: 62 mm. Diâmetro da boca: 52 mm.

Espessura máxima do vidro: 5 mm.

Proveniência: sepultura de Bela (Mandil).

Este tipo de unguentário não é comum. Harden publicou um balsamário de York (Inglaterra) que se aparenta ao nosso e que atribuiu ao fim do século i ou n d.C. (16); o nosso, porém, foi encontrado com uma moeda de Cláudio.

11 — *Taça* (Est. III).

Vidro incolor, com pequenas bolhas de ar.

Picado e com irisão prateada.

Bordo envasado, de arestas vivas, com uma ranhura funda pelo exterior.

Altura: 17 mm. Diâmetro da boca: 80 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Proveniência: Largo da Sé, Faro.

Tipo e cronologia: indetermináveis.

12 — *Taça* (V (Est. II).

Vidro incolor.

Picado, irisado e leitoso.

Parede convexa decorada externamente com facetas circulares bastante fundas; sobre elas corre uma moldura feita pelo desbaste do vidro.

Altura: 37 mm. Espessura máxima do vidro: 3,5 mm.

Proveniência: Largo da Sé, Faro.

(15) F. Fremersdorf, *Das naturfarbene sogenannte blaugriene Glas in Koln*, Colónia, 1958, pp. 43-44 e est. 90 à direita.

(16) Harden, «Glass» in Royal Commission on Historical Monuments of England, *An inventory of the historical monuments in the city of York*, vol. I, *Eburacum, Roman York*, Londres, 1962, p. 139, H. G. 217.

Dada a exiguidade do fragmento, é difícil classificá-lo; trata-se talvez de uma taça integrável no tipo B de Clairmont e, por conseguinte, do século ii d.C. (17); fazemos todavia esta classificação com a maior das reservas pois, como dissemos na introdução, nem sequer temos a certeza de que se trate efectivamente de um vidro romano.

13— *Taça* (Est. II).

Vidro quase incolor, apenas levemente tingido de verde.

Irisão grossa e acastanhada pelo exterior.

Parede arqueada, decorada com um fio de vidro branco enrolado em espiral a toda a volta e com traços oblíquos da mesma pasta vítrea branca; bordo ligeiramente engrossado e arredondado.

Altura: 4,5 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Proveniência: Largo da Sé, Faro.

Tipo e cronologia: indetermináveis.

14 — *Copo* (Est. III).

Vidro de leve tom verde-esmeralda com numerosas bolhas de ar, algumas delas enormes e lentoides; estrias resultantes da soflagem; impurezas negras. Vidro de muito fraca qualidade.

Fragmentado e incompleto; riscado pelo uso; picado.

Copa troncocónica decorada com seis depressões; sem pé; bordo de arestas vivas. Na parte superior correm algumas linhas incisivas muito irregulares.

Altura: 113 mm. Diâmetro da boca: 98 mm. Espessura do vidro: 0,5 a 3 mm.

Proveniência: sepultura da rua D. João IV, Faro.

Este copo cabe no tipo 32 de Isings, que já se encontra em Pompeia mas que aparece ainda na segunda metade do século m d.C. A variedade de perfis adentro deste tipo é grande, como pode julgar-se pelos exemplares de Chipre publicados por Vessberg (18), mas não se fez ainda um estudo aturado das variantes e da sua cronologia. O nosso copo pode integrar-se na variante IV a 2 de Vessberg. Apesar de ter aparecido com uma moeda de Tibério, numa sepultura que continha também a peça seguinte, cremos dever atribuir-se este copo ao século m pelo mais cedo; o balão número 15 pertence, como veremos, a um tipo essencialmente do século iv.

(17) Clairmont, *The excavations at Dura-Europos, Final Report, IV, Part V — The glass vessels*, New Haven, 1963, p. 63; Alarcão, 1965, p. 63.

(18) Vessberg, 1956, fig. 44, 25 a 35.

15— *Balão* (Est. VIII).

Vidro de fraca qualidade, ligeiramente tingido de verde-musgo, com bolhas de ar e muitas estrias resultantes da soflagem.

Fragmentado e incompleto; riscado pelo uso.

Reservatório esférico; fundo ligeiramente côncavo; gargalo alto e afunilado; bordo de arestas polidas ao torno.

O bojo é decorado com um motivo gravado a traço leve. Acha-se dividido em quatro zonas iguais, cada uma das quais apresenta uma láurea com suas fitas pendentes; no centro da láurea, uma folha cordiforme do cimo da qual saem dois gavinhos; algumas incisões acompanham a curva dos gavinhos, cada vez mais curtas à medida que se afastam. A láurea é enquadrada por dois traços largos verticais rematados por volutas. De cada lado do traço, um I com um pequeno círculo acima e outro abaixo. Sobre cada traço vertical, um arco de três quartos de círculo rematado por fechos lentoides dos quais partem flâmulas.

Altura: 166 mm. Diâmetro máximo 115 mm. Diâmetro da boca: 45 mm. Espessura média do vidro: 1 mm.

Proveniência: sepultura da rua D. João IV, Faro.

O balão de bocal afunilado, sem pé, é uma forma dos fins do século ui e sobretudo do século iv d.C. (tipo Morin-Jean 40 e Isings 104 B). Há-os lisos, decorados simplesmente com círculos horizontais como o número 68 deste artigo, outros com ornatos gravados mais elaborados, incluindo motivos historiados, outros ainda pintados (19).

16— *Jarra* (Est. III).

Vidro verde-azeitona com bolhas de ar e pedra.

Partida pelo gargalo; picada e com ligeiras crateras; saís de ferro sobre grande parte da superfície.

Bojo ovoide, decorado com dez depressões estreitas e ovais; linhas finamente gravadas ao torno sobre os ombros; pé repuxado com turquês; fundo côncavo.

Altura: 114 mm. Diâmetro máximo: 66 mm.

Não conhecemos nenhum paralelo exacto para esta peça. Podemos todavia aproximá-la de um vidro de Tipasa, do qual difere por ser menos esguia (20). A decoração aos gomos não é específica de uma determinada época ou forma, e não nos atrevemos por isso a sugerir qualquer cronologia.

(19) Sunkowsky, *Antike Glaser in Carnuntum und Wien*, 1956, ests. 21-22; O. Doppelfeld, *Römisches und Frankisehes Glas in Kohn*, Colónia, 1966, est. 164.

(20) Serge Lancei, *Verrerie antique de Tipasa*, Paris, 1967, n.º 78.

17 — *Unguentário* (Est. IX).

Vidro muito ligeiramente tingido de verde-sombrio, com algumas bolhas de ar. Fragmentado e incompleto; picado; irrisado pelo lado de dentro.

Tubular, com estrangulamento; bordo envasado, de arestas arredondadas ao fogo.

Altura: 96 mm. Diâmetro máximo: 31 mm. Espessura do vidro: 1 mm. Proveniência: ignorada.

**É um unguentário de tipo Isings 8, da primeira metade do século i d.C. (21).**

18— *Unguentário* (Est. XI).

Vidro verde-sombrio com bolhas de ar, grandes e alongadas no colo, mais pequenas e arredondadas no bojo e no bordo; estrias resultantes da soflagem. Completo e intacto.

Reservatório bulbiforme, de fundo ligeiramente côncavo; gargalo alto e cilíndrico; bordo repuxado para fora e depois dobrado para dentro, sobre si mesmo. Altura: 116 mm. Diâmetro máximo: 68 mm. Diâmetro da boca: 40 mm. Espessura do vidro: 2 mm.

Proveniência: ignorada.

Tipo e cronologia: como o número 1 deste artigo.

19— *Unguentário* (Est. XI).

Vidro ligeiramente tingido de verde-azeitona.

Fragmentado e incompleto; picado; com irrisão espessa pelo interior, com aspecto nacarado.

Reservatório bulbiforme; gargalo alto e cilíndrico.

Diâmetro máximo: 37 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Proveniência: ignorada.

Tipo e cronologia: como o número 1 deste artigo.

20— *Unguentário* (Est. X).

Vidro ligeiramente tingido de verde-sombrio, com bolhas de ar e estrias resultantes da soflagem.

Partido pelo gargalo e irrisado pelo interior.

Reservatório triangular; fundo levemente côncavo.

Altura: 63 mm. Diâmetro máximo: 72 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Proveniência: ignorada.

Tipo e cronologia: como o número 1 deste artigo.

(21) Sobre a cronologia destes unguentários vid. Alarcão, 1963, p. 182.

21 — *Taça* (Est. II).

Vidro incolor, ligeiramente fumado, com pequenas bolhas de ar. Fragmentada e incompleta; picada; com ranhuras que cortam toda a espessura do vidro.

Copa cilíndrica, decorada com depressões ovais, talvez em número de oito; bordo de arestas, com uma canelura aberta ao torno correndo a toda a volta; duas molduras concêntricas na base servem de pé.

Altura: 54 mm. Diâmetro da boca: 85 mm. Espessura do vidro: 1 mm

Proveniência: ignorada.

Não conhecemos nenhum paralelo para esta taça e não ousamos sugerir cronologia; não afiançamos sequer que se trate de vidro romano.

2 — MUSEU REGIONAL DE LAGOS

No Museu Regional de Lagos há algumas peças encontradas pelo Dr. José Formosinho nas suas escavações da Boca do Rio (Budens) e Abicada (Mexilhoeira Grande) e outras ainda descobertas acidentalmente por César Landeiro numa sua propriedade do Monte Molião (Lagos) e por ele oferecidas ao museu desta cidade.

Os números 22, 23 e 24, foram encontrados na Boca do Rio (22). Embora o Dr. José Formosinho tenha publicado alguns dos objectos por ele achados nesta estação (23), não se referiu aos vidros que, embora reduzidos a três pequenos fragmentos, têm, como veremos, seu interesse.

Os números 25, 26 e 27 foram escavados, também pelo Dr. J. Formosinho, em 1938, na vila romana da Abicada (Mexilhoeira Grande) (24).

Os números 28 a 36 provêm do Monte Molião. Os quatro primeiros foram já publicados (25), mas os fragmentos inéditos têm mais

(22) Sobre as ruínas da Boca do Rio vid. a bibliografia que citámos em 1964, p. 81, nota 1.

(23) A. Viana, J. Formosinho, O. da Veiga Ferreira, «De lo prerromano a lo arabe en el Museu Regional de Lagos», *Archivo Español de Arqueología*, 1953, p. 119.

(24) Vid. art. cit. na nota anterior, p. 128 s.; tem apenas referência a vidros que não são descritos nem ilustrados.

(25) A. Viana, José Formosinho e O. da Veiga Ferreira, «Alguns objectos inéditos do Museu Regional de Lagos», *Revista de Guimarães*, LXII (1952), p. 133-142.

interesse. Supomos (a julgar pelo que dizem A. Viana, J. Formosinho e O. da Veiga Ferreira no artigo citado da *Revista de Guimarães*) que foram todos achados ocasionalmente por César Landeiro, proprietário de uma terra no Monte Molião. Também no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia e no Municipal da Figueira da Foz existem vidros do Monte Molião; os da Figueira da Foz foram achados por Santos Rocha ou seus amigos e já por nós publicados (26). No Museu de Lagos, com indicação de ter sido achado no Monte Molião, existe ainda uma garrafa muito alta e estreita, que não publicamos por não nos parecer romana.

22 — *Garrafa (V (Est. VIII)*

Vidro verde-gelo, com bolhas de ar pequenas mas numerosas.

Só se conserva um pequeno fragmento do fundo, picado e ligeiramente irisado. Apresenta uma decoração em relevo de dois ramos no interior de um círculo cujo centro está talvez marcado por um ponto.

Espessura máxima: 4,5 mm.

Proveniência: Boca do Rio (Budens).

Este fragmento pertence provavelmente a uma garrafa prismática como o número 46 deste artigo. Lancei publicou uma garrafa de Tipasa com o fundo assim decorado mas com marca, aliás só parcialmente legível, ao centro (27).

23 — *Garrafa (Est. VII).*

Vidro verde-maçã.

Picado, irisado, com ranhuras fundas.

Bocal afunilado, de bordo arredondado, com um cordão de vidro da mesma cor a toda a volta, pelo exterior.

Espessura: 4 mm.

Proveniência: Boca do Rio (Budens).

(26) Na *Revista de Guimarães*, LXXIV (1964), p. 80 e nota 2. Os objectos achados no Monte Molião e hoje repartidos pelos museus de Lagos, da Figueira da Foz e Nacional de Arqueologia e Etnologia foram objecto de uma dissertação de licenciatura apresentada à Faculdade de Letras de Coimbra pela Senhora D. Margarida Sanches em 1966.

(27) S. Lancei, *Verrerie antique de Tipasa*, Paris, 1967, n.º 57.

É fragmento, provavelmente, de uma garrafa de tipo Isings 126 ou 127. A exiguidade do fragmento não permite, porém, classificação segura. De qualquer forma, aqueles dois tipos são de fins do século m e do século iv d.C.

24 — *Prato* (Est. I).

Vidro incolor com pequenas bolhas de ar.  
Picado, irizado e com fissuras.  
Fragmento de aba em V, com um dos braços mais curto. Bordo arredondado e polido.  
Espessura mínima: 1 mm.  
Proveniência: Boca do Rio (Budens).

É um prato ou taça de tipo I B I de Karanis, de que se encontram alguns exemplares em Conímbriga, e que pode atribuir-se ao fim do século i ou ao n d.C. (28).

25 — *Urna* (Est. VI).

Vidro verde-gelo, com bolhas de ar.  
Picado e irizado.  
Bordo revirado para fora e para baixo, formando um colarinho alto.  
Altura: 20 mm. Diâmetro da boca: 90 mm. Espessura do vidro: 3 mm.  
Proveniência: Abicada (Mexilhoeira Grande).

É uma uma de tipo Isings 62, de fins do século i ou do século ii d.C. (29).

26 — *Taça* (Est. II).

Vidro incolor, com marcas visíveis de polimento feito ao torno.  
Picado.  
Paredes verticais e bordo engrossado e polido ao fogo.  
Altura: 27 mm. Diâmetro da boca: 130 mm. Espessura do vidro: 1 mm.  
Proveniência: Abicada (Mexilhoeira Grande).  
Tipo e cronologia: indetermináveis.

(28) Alarcão, 1965, pp. 59-60 e 75-76; à bibliografia citada nesta obra devemos acrescentar D. Barag, «Glass vessels from the Cave of Horror», *Israel Exploration Journal*, 12 (1962), p. 209 e fig. 6 e Yadin, *The finds from the Bar Kokhba period in the Cave of Letters*, Jerusalém, 1963, pp. 106 s.

(29) Alarcão, «Vidros romanos do Museu de Soares dos Reis», *Museu*, 2.<sup>a</sup> série, 8 (1964), p. 78.

27 — *Testo* (Est. VI).

Vidro incolor.

Picado e coberto de depósitos calcários e ferruginosos.

Em forma de *umbo*, de bordo arredondado.

Diâmetro: 54 mm. Altura: 6 mm. Espessura do vidro: 1-2 mm.

Proveniência: Abicada (Mexilhoeira Grande).

Não conhecemos nenhum paralelo para este testo.

28 — *Unguentário* (Est. XI).

Vidro verde-gelo com muitas bolhas de ar, filandrado e pedra.

Intacto; picado e com leitosidade.

Reservatório bulbiforme; gargalo alto e cilíndrico; bordo repuxado para fora e pendente.

Altura: 118 mm. Diâmetro máximo: 72 mm. Diâmetro da boca: 46 mm.

Espessura do vidro: 1 mm.

Proveniência: Monte Molião.

Tipo e cronologia: como o número 1 deste artigo.

29 — *Unguentário* (Est. IX).

Vidro verde-gelo, com algumas bolhas de ar e espirais resultantes da soflagem.

Fragmentado e incompleto, com irisão multicolor, picado e ranhuras.

Reservatório triangular muito alto; gargalo estrangulado na base.

Altura: 83 mm. Diâmetro máximo: 42 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Proveniência: Monte Molião.

Este unguentário é um tipo intermédio de Isings 8 e 28A. Publicamos já um balsamário semelhante proveniente da necrópole da Fonte Velha (Bensafrim) e hoje no Museu Municipal da Figueira da Foz. Na necrópole de Ampúrias há alguns exemplares semelhantes atribuíveis à época de Tibério; na de Isasco, o mesmo tipo encontra-se em túmulos sensivelmente da mesma época; na de Pollenzo, em túmulo da primeira metade do século i d.C. (30).

(30) Alarcão, 1964, p. 92, n.º 16. Almagro, *Las necropolis de Ampúrias*, II (1955), Tablas no final do volume; B. Ugo e N. Lamboglia, «La necropoli romana di Isasco», *Rivista di Studi Liguri*, XXII (1956), p. 56 e fig. 12; E. Mosca, «Note archeologiche pollentine. 3. Scavo del settembre 1958 nella necropoli di Pollenzo», *Rivista di Studi Liguri*, XXIV (1958), p. 346.

30 — *Unguentário* (Est. IX).

Vidro azul petróleo, com espirais resultantes da soflagem.

Fragmentado e incompleto. Picado intenso formando crateras nas duas faces; ranhuras e irisão multicolor.

Reservatório alto e triangular; fundo côncavo; gargalo estrangulado na base.

Altura: 89 mm. Diâmetro máximo: 28 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Proveniência: Monte Molião.

É um unguentário de tipo Isings 28B, da segunda metade do século I ou do início do II d.C. (31).

31 — *Unguentário* (Est. IX).

Vidro verde-gelo com muitas bolhas de ar, espirais resultantes da soflagem e filandrado.

Picado e com irisão multicolor.

Reservatório triangular; fundo ligeiramente côncavo; gargalo estrangulado na base; bocal afunilado.

Altura: 108 mm. Diâmetro máximo: 34 mm. Diâmetro da boca: 24 mm.

Espessura do vidro: 1,5 mm.

Proveniência: Monte Molião.

Tipo e cronologia: como o número anterior(32).

32 — *Taça* (Est. II).

Vidro quase incolor, apenas com um leve tom acinzentado, com muitas bolhas e espirais resultantes da soflagem.

Conservam-se dois fragmentos que permitem todavia a reconstituição fácil da forma. Picado intenso, com esfoliações.

Parede em S; bordo tubular; pé repuxado com turquês; fundo externo aos degraus.

Altura: 58 mm. Diâmetro da boca: 136 mm. Espessura do vidro na parede: 1 mm.

Proveniência: Monte Molião.

Esta taça pode integrar-se no tipo 42A de Isings, embora este não tenha bordo tubular, mas horizontal e singelo. Vessberg publicou dois exemplares muito semelhantes provenientes de Chipre, os quais classificou no seu tipo B I /5 2. Isings data o tipo 42A da época dos Flávios ao fim do século I e Vessberg observa que em Pompeia já

(31) Alarcão, 1964, n.º 4, e pp. 83-85.

(32) É muito semelhante ao que publicámos sob o número 3 em Alarcão, 1964.

se encontram taças do seu tipo BI /3 (33). Na necrópole de Apt (França), datável dos fins do século i e n d.C., há também diversas taças deste tipo (34).

33 — *Taça* (Est. II)

Vidro ligeiramente tingido de verde-sombrio, com bolhas de ar e filandrado. Incompleta; picada; com esfoliações. Parede arqueada; bordo tubular, sobre o qual se aplicou uma fita grossa de vidro canelada. Altura: 27 mm. Diâmetro máximo: 113 mm. Espessura do vidro: 1 mm. Proveniência: Monte Molião.

É uma taça de tipo Isings 43. Neste tipo podemos distinguir duas formas: uma taça pequena (como o presente número) e uma mais larga e mais baixa (como o número seguinte) (35). Os exemplares datáveis são, como observa Isings, raros; vão dos meados do século i d.C. à época de Adriano ou Antonino.

34 — *Taça* (Est. II).

Vidro ligeiramente tingido de verde sombrio, com bolhas de ar e filandrado. Picado, com esfoliações e ranhuras que cortam toda a espessura do vidro. Parede arqueada; bordo tubular, sobre o qual se aplicou uma fita de vidro canelada. Altura: 12 mm. Diâmetro: 220 mm. Espessura do vidro: 0,5-1,5 mm. Proveniência: Monte Molião. Tipo e cronologia: como o número anterior.

35 — *Taça* (Est. II)

Vidro com as mesmas características do número anterior. Parede em S; bordo tubular. Altura: 156 mm. Diâmetro da boca: 210 mm. Espessura do vidro: 1-2 mm. Proveniência: Monte Molião.

(33) Vessberg, 1956, p. 196 e fig. 43, 1 e 2.

(34) Dumoulin, 1964, *passim*.

(35) Da primeira vejam-se exemplos em Yadin, *The finds from the Bar Kokhba period in the Cave of Letters*, Jerusalém, 1963, p. 105 e fig. 38, 7; Ch. Simonett, *Tessiner Graberfelder*, Basileia 1941, p. 86 e fig. 69; Vessberg, 1956, fig. 43,6; W. Bremen, *Die alten Glasgemälde und Hohlgläser der Sammlung Bremen in Krefeld*, Colônia, 1964, pp. 220-21 (que o autor data erroneamente do século iv ou v). Da segunda: E. Barrington Haynes, *Glass through the ages*, Harmondsworth, 1959, est. 4d; W. C. Braat, *Glas vit de Oudheid*, Leyde, 1962, n.º 126; Vessberg, 1956, fig. 42, 16.

O mesmo tipo de taça encontra-se em Chipre (36). Vessberg classifica-o como Morin-Jean 91. Parece-nos todavia difícil incluir no tipo 91 de Morin-Jean esta taça de Lagos e a cipriota. Por outro lado, Morin-Jean incluiu no seu tipo 91 formas suficientemente diversas para justificar, em vez de um, vários tipos; a forma que escolheu para ilustrar o tipo (fig. 171 C) corresponde a Isings 97A e é uma forma do fim do século n ou inícios do m até ao iv. O nosso prato é uma forma mais antiga, a julgar pela semelhança de perfil que apresenta com as taças e pratos de tipo Isings 43. Além disso, encontra-se na necrópole já citada de Apt, que data dos fins do século i e do II d.C. (37).

36— Taça (V (Est. VI).

Vidro quase incolor, apenas com ligeira tonalidade verde-maçã.

Picado, com irisão multicolor e ranhuras cortando toda a espessura do vidro.

Fundo decorado com botão de vidro umbilicado; pé formado por um cordão de vidro da mesma cor.

Altura: 11 mm.

Proveniência: Monte Molião.

Tipo e cronologia: indetermináveis.

3 — MUSEU MUNICIPAL DE ELVAS

O Museu Municipal de Eivas tem alguns vidros provenientes da necrópole da Horta das Pinas. A maior parte, porém, dos vidros romanos deste Museu não tem indicação de proveniência. Numa edição do catálogo de António Thomaz Pires (38) existente no Museu Municipal de Eivas encontrámos um apêndice manuscrito em que se descrevem alguns vidros; nenhuma destas descrições, aliás muito sumárias, corresponde aos vidros deste nosso artigo; ou os vidros referidos no apêndice desapareceram, ou trata-se de alguns fragmentos que se encontram no Museu mas que não publicamos por serem, ou inclassificáveis e irrelevantes, ou árabes. Também não encontrámos um gargalo de unguentário descoberto numa sepultura da herdade dos Mosteiros,

(36) Vessberg, 1956, fig. 42, 11 e p. 196.

(37) Dumoulin, 1964, *passim*.

(38) António Thomaz Pires, *Catálogo do Museu Archeologico da Câmara Municipal de Eivas*, Lisboa, 1901.

no concelho de Arronches, dado por Leite de Vasconcelos e Thomaz Pires como existente no Museu de Elvas (39).

Os vidros da Horta das Pinas fazem parte do espólio exumado por Abel Viana nesta necrópole alentejana. A maior parte dos achados da Horta das Pinas encontra-se, porém, no Museu Arqueológico da Fundação da Casa de Bragança em Vila Viçosa (40).

37 — *Prato* (Est. I).

Vidro verde-gelo coalhado de bolhas de ar e de espirais resultantes da soflagem, com impurezas negras e fílandrado.

Picado; com esfoliações e manchas leitosas.

Parede côncava; bordo simples, engrossado; pé tubular; fundo muito grosso.

Marca de pontel muito visível.

Altura: 32 mm. Diâmetro máximo: 180 mm. Espessura do vidro na parede: 2 mm.

Proveniência: ignorada.

Este prato, bem como os três números seguintes, é de tipo Isings 49. A autora cita apenas exemplos datáveis de Pompeia (portanto anteriores a 79 d.C.) e de San Lorenzo di Parabiago (também do século i d.C.). Podemos acrescentar dois outros exemplos, de Tipasa, em sepultura de c. 75 d.C., que confirmam a cronologia (41).

38 — *Prato* (Est. I).

Vidro com as mesmas características do anterior.

Parede muito ligeiramente convexa; bordo em forma de cabeça de fósforo; pé tubular.

Altura: 30 mm. Diâmetro máximo: 184 mm. Espessura do vidro na parede: 1 mm.

Proveniência: ignorada.

Tipo e cronologia: como o número anterior.

(39) J. Leite de Vasconcelos, «Aquisições do Museu Municipal de Eivas», *O Archeólogo Português*, II (1896), p. 4; A. Thomaz Pires, «Catalogo do Museu Archeologico de Eivas», *O Archeólogo Português*, VI (1901), p. 223.

(40) Publicámos no número anterior desta revista os vidros romanos deste Museu e, entre eles, vários da necrópole da Horta das Pinas.

(41) Baradez, «Nouvelles fouilles à Tipasa. Survivances du cuite de Baal et Tanit au I<sup>er</sup> siècle de l'ère chrétienne, I<sup>re</sup> partie: Tombe d'un sacrificateur», *Libyca V* (1957), p. 239 e est. XV, 6 e 7.

39 — *Prato* (Est. I).

Vidro de fraca qualidade, verde-gelo, cheio de bolhas de ar, filandrado e com pedra.

Fragmentado e incompleto; com leitosidade incipiente.

Parede quase recta e oblíqua; bordo e pé tubulares; fundo muito grosso com marca de pontel muito visível.

Altura: 33 mm. Diâmetro máximo: 182 mm. Espessura do vidro na parede: 1 mm.

Proveniência: ignorada.

Tipo e cronologia: como o número 37 deste artigo.

40 — *Prato* (Est. I).

Vidro verde-gelo, filandrado, com bolhas de ar e impurezas negras.

Fragmentado, picado e com leitosidade incipiente.

Parede côncava; bordo e pé tubulares.

Altura: 27 mm. Diâmetro máximo: 162 mm. Espessura do vidro na parede: 1 mm.

Proveniência: ignorada.

Tipo e cronologia: como o número 37 deste artigo.

41 — *Taça* (Est. I).

Vidro verde-gelo, muito estriado da soflagem e com muita pedra.

Pé esborcelado; picado incipiente e leitosidade.

Parede ligeiramente convexa; bordo revirado para fora; pé tubular.

Altura: 43 mm. Diâmetro da boca: 82 mm. Diâmetro do pé: 59 mm  
Espessura do vidro: 1 mm.

Proveniência: ignorada.

As taças 41 a 44, não obstante pequenas diferenças de perfil, devem agrupar-se todas num mesmo tipo. Não longe de Eivas, na serra de Portalegre, encontrou-se uma taça idêntica que publicámos em 1964(42). Nessa altura classificámo-la de tipo Isings 41 A, embora notando que se afastava do protótipo, representado pelas taças do túmulo de Vervoz (Bélgica). Estas taças do Museu de Eivas afastam-se ainda mais, pela inclinação das paredes, daquele protótipo; de tal forma que nos sentimos tentados a classificá-las como de tipo Isings 42-taça de bordo horizontal e paredes convexas, isto é, de perfil em S.

A favor de uma classificação no tipo 41 A temos, porém, um argumento. As taças 41 A parece terem sido fabricadas e vendidas com

(42) Alarcão, 1964, est. III, 2.

pratos de tipo 48. Ora em Elvas encontramos também um prato para cada taça. É certo que não temos indicação da proveniência das peças; não custa, porém, admitir que as taças estivessem realmente a par dos pratos. Ora, assim como as taças não são perfeitamente de tipo 41 A, também os pratos não cabem exactamente no tipo 48, antes se integram no 49. Trata-se talvez de uma variedade do conjunto taça e prato que, na tipologia de Isings, tem o número 41 A e 48; de qualquer forma, são peças da segunda metade do século i d.C.

42 — *Taça* (Est. I).

Vidro verde-gelo, com grossas bolhas de ar, pedra e muitas espirais resultantes da soflagem.

Intacta, com picado incipiente e manchas leitosas.

Parede oblíqua; bordo em forma de pequena aba horizontal; pé repuxado com turquêsês; marca de pontel muito visível.

Altura: 38 mm. Diâmetro da boca: 87 mm. Diâmetro do pé: 59 mm.

Espessura do vidro na parede: 2 mm.

Proveniência: ignorada.

Tipo e cronologia: como o número anterior.

43 — *Taça* (Est. I).

Vidro verde-gelo, coalhado de bolhas e impurezas negras, filandrado e com muitas espirais resultantes da soflagem.

Fragmentado e incompleto.

Parede recta e oblíqua; colo bem marcado; bordo em forma de pequena aba horizontal; pé tubular; fundo muito alçado; marca de pontel muito visível.

Altura: 47 mm. Diâmetro da boca: 107 mm. Diâmetro do pé: 66 mm.

Espessura do vidro na parede: 1 mm.

Proveniência: ignorada.

Tipo e cronologia: como o número 41 deste artigo.

44 — *Taça* (Est. I).

Vidro idêntico ao da taça anterior.

Fragmentada e incompleta.

Parede convexa; bordo em forma de aba horizontal com pequeno lábio em pérola; pé tubular; fundo muito alçado.

Altura provável: 47 mm. Diâmetro da boca: 101 mm. Diâmetro do pé: 64 mm. Espessura do vidro na parede: 1 mm.

Proveniência: ignorada.

Tipo e cronologia: como o número 41 deste artigo.

## 45 — Jarro (Est. III).

Vidro verde-gelo, com muitas bolhas de ar, pedra, impurezas negras, filandrado e estrias resultantes da soflagem.

Intacto; picado incipiente nas duas faces, mas especialmente na interna; com manchas leitosas e irisão esmaltada.

Bojo esférico decorado com dois fios de vidro da mesma cor enrolados em espiral; gargalo troncocónico, com marcas de modelação na base; bordo em forma de martelo; pé ligeiramente apertado com turquês; asa de fita.

Altura: 171 mm. Diâmetro máximo: 136 mm. Diâmetro da boca: 43 mm. Espessura do vidro: 1,5 mm.

Proveniência: ignorada.

Não encontramos paralelo mais próximo para este jarro que um da necrópole de Valdoca (Aljustrel): têm o mesmo corpo esférico decorado com fio de vidro da mesma cor enrolado em espiral, o mesmo pé apenas ligeiramente apertado com turquês, o bordo engrossado. O jarro de Valdoca está fragmentado e nada, na parte conservada, indica que tivesse asa; não pode todavia excluir-se esta hipótese, tornada mais verosímil por esta peça do Museu Municipal de Eivas. Julgamos poder atribuir a ambas as peças a mesma cronologia, isto é, o fim do século i d.C. ou a primeira metade do II, época em que a decoração por meio de fio de vidro assim enrolada se tornou muito comum (43).

## 46 — Garrafa (Est. IV).

Vidro de cor entre verde-sombrio e verde-relva, coalhado de bolhas de ar, com algumas impurezas negras e espirais resultantes da soflagem.

Bordo esborcelado.

Corpo sobre o quadrado; ombros horizontais, muito marcados; gargalo cilíndrico; bordo repuxado para fora e depois para dentro sobre si mesmo; asa de fita, larga, nervurada; fundo decorado com cinco círculos secantes em relevo e assente em LL também em relevo, aos cantos.

Altura: 179 mm. Largura: 94 mm. Diâmetro da boca: 51 mm.

Proveniência: Cerrado dos Fangueiros, freguesia de S. Brás de Varche, concelho de Eivas.

Bibliografia: A. Thomaz Pires, «Catalogo do Museu Archeologico de Eivas», in *O Archeólogo Português*, VI (1901), p. 222.

(43) Alarcão, «O espólio da necrópole luso-romana de Valdoca (Aljustrel)», *Conimbriga*, V (1966), pp. 57-59; F. Fremersdorf, *Das naturfarbene sogenanntes blaugriine Glas in Koln*, Colónia, 1958, est. 26 s.

Esta garrafa, de tipo Isings 50 A, data da segunda metade do século i ou do ii d.C. Os círculos secantes da base são motivo para o qual não conhecemos paralelo.

47 — *Jarra* (Est. VII).

Vidro verde-alface, com raras bolhas de ar, sobretudo alongadas e no gargalo, e com impurezas negras.

Esborcelada no pé; com leitosidade incipiente e concreções ferruginosas pelo interior.

Bojo esférico; pé apertado com turquês; gargalo alto e estrangulado na base; bordo de arestas; decorações de linhas finamente gravadas; marcas de modelação na base do colo.

Altura: 174 mm. Diâmetro máximo: 90 mm. Diâmetro da boca: 29 mm.

Espessura do vidro: 1 mm.

Proveniência: necrópole da Horta das Pinas.

Bibliografia: A. Viana e A. Dias de Deus, «Campos de urnas do concelho de Elvas», in *O Instituto*, 118 (1958), est. IX. 91; A. Viana, «Notas de arqueologia alto-alentejana», in *A Cidade de Évora*, 33-34 (1955), fot. 8.

Esta jarra pode, talvez, incluir-se no tipo 40 de Morin-Jean, pois apresenta certa semelhança com uma das peças com que o autor ilustra aquele seu tipo (44). A forma 40, embora apareça já no século ni, é típica, porém, do século iv d.C., segundo Morin-Jean. No Museu Municipal da Figueira da Foz, proveniente do Monte Herminio (Serra de Portalegre), há um vaso semelhante que publicámos em 1964 (45) e ao qual nessa altura atribuímos a mesma cronologia. Doppelfeld, porém, atribui aos séculos II-III uma peça também de perfil semelhante proveniente de Colónia (46). É curioso observar que os dois únicos exemplos desta forma conhecidos em Portugal se encontram na mesma região.

48 — *Garrafa* (Est. V).

Vidro verde-gelo com algumas bolhas de ar e impurezas negras.

Fragmentada e incompleta; com manchas leitosas e picado incipiente.

Corpo cilíndrico; fundo côncavo; gargalo cilíndrico; bordo em aspa; asa de fita; marcas de modelação na base do gargalo.

(44) Morin-Jean, 1913, fig. 107.

(45) Alarcão, 1964, pp. 110-111.

(46) Doppelfeld, *Römisches und frankisches Glas in Köln*, Colónia, 1966, est. 73.

Altura: 169 mm. Diâmetro máximo: 91 mm. Diâmetro da boca: 39 mm.  
Espessura do vidro: 1 mm.

Proveniência: necrópole da Horta das Pinas.

Bibliografia: A. Viana, «Notas de arqueologia alto-alentejana», in *A Cidade de Évora*, 33-34 (1955), fot. 16; A. Viana e A. Dias de Deus, «Campos de urnas do concelho de Eivas», in *O Instituto*, 118 (1958), est. VI, n.º 7.

Cabe também no tipo 51 de I sings e data da segunda metade do século i ou do ii d.C. O bordo não é dos mais comuns, mas tem semelhança com o de uma garrafa de Vindonissa publicada por Berger (47).

49 — *Garrafa* (Est. IV).

Vidro verde-gelo, coalhado de bolhas de ar; com muita pedra; impurezas negras, espirais resultantes da soflagem e filandrado.

Fragmentada e incompleta; com leitosidade incipiente.

Corpo octogonal; gargalo curto, cilíndrico; bordo em gancho; asa de fita.

Altura: 102 mm. Diâmetro máximo: 61 mm. Diâmetro da boca: 27 mm.

Espessura do vidro: 1 mm.

Proveniência: necrópole da Horta das Pinas.

Bibliografia: A. Viana, «Notas de arqueologia alto-alentejana», in *A Cidade de Évora*, 33-34 (1955), fot. 15; A. Viana e A. Dias de Deus, «Campos de urnas do concelho de Eivas» in *O Instituto*, 118 (1958), est. IX, 189; A. Viana, «Vidros romanos de Portugal. Breves notas» in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* (Faculdade de Ciências do Porto), XVIII (1960-61) est. III, 44.

Não conhecemos nenhuma outra garrafa octogonal. Há-as hexagonais, atribuíveis à segunda metade do século i d.C. e, mais raramente, ao ii (48). Possivelmente esta garrafa é da mesma época.

50 — *Unguentário* (Est. XI).

Vidro verde-relva com algumas bolhas de ar e espirais resultantes da soflagem.

Fragmentado e incompleto; picado e riscado pelo uso; com esfoliações.

Reservatório bulbiforme; fundo raso; marcas de modelação na raiz do colo.

Altura: 54 mm. Diâmetro máximo: 66 mm. Espessura do vidro: 1,5-4 mm.

Proveniência: necrópole da Horta das Pinas.

Tipo e cronologia: como o número 7 deste artigo.

(47) Berger, *Römische Glaser aus Vindonissa*, Basileia, 1960, n.º 199.

(48) Alarcão, 1965, pp. 92-93.

51 — *Unguentário* (Est. IX).

Vidro verde-gelo, com muitas bolhas, impurezas negras e estrias resultantes da soflagem.

Completo; ligeiramente picado; com leitosidade e irisão incipientes.

Reservatório triangular; fundo ligeiramente côncavo; gargalo alto e cilíndrico; bocal afunilado; bordo de arestas.

Altura: 112 mm. Diâmetro máximo: 51 mm. Diâmetro da boca: 29 mm.

Espessura do vidro: 1 mm.

Proveniência: ignorada.

Este unguentário, bem como o seguinte, cabe no tipo 28 b de Isings e data, portanto, da segunda metade do século i d.C. O bordo destes unguentários é geralmente revirado para dentro e dobrado sobre si, mas há também exemplos de bordos simples como o deste.

52 — *Unguentário* (Est. IX).

Vidro verde-gelo, com bolhas de ar, espuma, impurezas negras e estrias resultantes da soflagem.

Incompleto, picado, com leitosidade incipiente e concreções ferruginosas.

Reservatório triangular; gargalo alto e cilíndrico com marcas de modelação na base.

Altura: 106 mm. Diâmetro máximo: 51 mm. Espessura do vidro: 1,5 mm.

Proveniência: ignorada.

Tipo e cronologia: como o número anterior.

53 — *Unguentário* (Est. IX).

Vidro quase incolor, apenas ligeiramente tingido de azul-gelo, com pequenas bolhas de ar e espirais resultantes da soflagem.

Ligeiramente picado e com manchas leitosas.

Tubular, com estrangulamento a meio; bordo de arestas polidas ao fogo; muito irregular; fundo ligeiramente côncavo.

Altura: 110 mm. Diâmetro da boca: 21 mm. Espessura do vidro: 0,5 mm.

Proveniência: ignorada.

Tipo e cronologia: como o número 2 deste artigo.

## 4 — VIDROS DO MUSEU REGIONAL DE ÉVORA

A colecção arqueológica do Museu Regional de Évora é pobre para uma região de tão densa e rica ocupação romana. Os vidros luso-romanos dessa colecção são apenas dois.

54 — *Garrafa* (Est. V).

Vidro entre verde-musgo e verde-alface, com raras bolhas de ar e impurezas negras.

Completa e intacta; riscada e com ligeira leitosidade.

Corpo sobre o cilíndrico, mas mais largo em cima do que em baixo; fundo côncavo; gargalo alto e cilíndrico; bordo repuxado para fora e depois revirado para dentro sobre si mesmo; asa de fita, muito lisa.

Altura: 232 mm. Diâmetro máximo: 95 mm. Diâmetro da boca: 48 mm.

Espessura do vidro 1-2,5 mm.

Proveniência: ignorada.

É uma garrafa de tipo 1 sings 51 B — forma que se encontra já em Pompeia e de que há exemplares por todo o século n, mas que é predominantemente flávia. Este perfil, com gargalo muito alto e ombros muito mais largos que a base, não é comum; o Museu Arqueológico de Mérida tem todavia duas garrafas muito parecidas descobertas em 1959 naquela cidade (49).

55 — *Jarro* (Est. VII).

Vidro verde-musgo com muitas bolhas de ar e impurezas negras, pedra e estrias resultantes da soflagem.

Completa e intacta; com ranhuras e ligeira leitosidade.

Bojo ovoide; pé repuxado com turquês; gargalo cilíndrico; bocal afunilado, decorado com um cordão grosso de vidro da mesma cor sob o bordo; asa de fita, larga.

Altura: 185 mm. Diâmetro máximo: 97 mm. Diâmetro da boca: 68 mm.

Espessura do vidro: 2 mm.

Proveniência: ignorada.

Não conhecemos nenhum paralelo exacto para este jarro, que pode todavia integrar-se no tipo 120 de Isings — forma de fins do século ui e sobretudo do século iv d.C.

5 — VIDROS DO MUSEU REGIONAL DE BEJA

Tal como em Évora, também no Museu Regional de Beja são raros os vidros romanos. No *Catálogo de algumas das principais*

(49) J. A. Sáenz de Buruaga, «Museu Archeologico de Mérida (Badajoz)», *Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales*, XIX-XXII (1958-61), p. 109.

*peças* que a Junta Distrital editou há alguns anos (50) apresentam-se dois vidros romanos encontrados na cidade (est. 18). Publicamos aqui apenas um (nosso número 56), pois o outro não nos parece romano (51). Apresentamos também, com sérias reservas, um gargalo nervurado, e deixamos de parte outros dois gargalos tidos no Museu como romanos mas de cuja cronologia duvidamos seriamente.

56 — *Garrafa* (Est. VI).

Vidro verde-musgo com muitas bolhas de ar e estrias resultantes da soflagem. Intacta; com concreções calcárias.

Corpo sobre o quadrado; fundo côncavo; gargalo cilíndrico e largo; bocal afunilado, decorado externamente com um fio de vidro da mesma cor; bordo polido ao fogo; asa de fita, nervurada.

Altura: 211 mm. Diâmetro máximo: 93 mm. Diâmetro da boca: 74 mm. Espessura do vidro: 2-5 mm.

Proveniência: Beja.

Não encontramos melhor paralelo para esta garrafa do que o número 764 de Karanis (52). O mesmo tipo de bocal, afunilado, com fio de vidro grosso enrolado em espiral, encontra-se em vários tipos dos fins do século III ou do século IV, época a que atribuímos esta garrafa.

51 — *Balão* (V) (Est. VII).

Vidro verde-gelo, com algumas bolhas.

Conserva-se apenas o gargalo, ligeiramente picado, com leitosidade e irisão multicolor.

Gargalo alto e cilíndrico, canelado helicoidalmente; bordo polido ao torno.

Altura: 112 mm. Diâmetro da boca: 31 mm. Espessura do vidro: 0,5-2 mm.

Proveniência: Rossio da Barreira, Beja.

Bibliografia: A. Viana, «Vidros romanos em Portugal. Breves notas», in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* (Faculdade de Ciências do Porto), XVIII (1960-61), p. 39.

(50) Sem data. O catálogo foi obra do Prof. Abel Viana e dos Drs. Béliard da Fonseca e Nunes Ribeiro.

(51) É talvez o vidro a que A. Viana se refere em «Vidros romanos em Portugal. Breves notas», *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* (Faculdade de Ciências do Porto), XVIII (1960-61), p. 39.

(52) Harden, *Roman glass from Karanis*, Michigão, 1936.

Os balões de gargalo decorado com caneluras helicoidais não são comuns na época romana, razão porque duvidamos da cronologia deste. Conhecemos todavia um exemplar encontrado em La Granjita (Espanha) (53).

6 — VIDROS DO MUSEU ARQUEOLÓGICO DE ALJUSTREL

Publicámos no volume V (1966) desta revista o espólio da necrópole das minas romanas de Aljustrel, no qual se contam alguns vidros. O museu local tem todavia mais alguns fragmentos encontrados fora da necrópole e que merecem publicação. Foram quase todos achados pelo Senhor Engenheiro Ruy Freire de Andrade em ruínas que escavou num local a que chamam Transtagana, por haver ali uma chaminé, hoje abandonada, que foi erguida pela Companhia Transtagana, primeira concessionária da exploração mineira quando esta foi retomada no século XIX (54).

58 — *Taça* (Est. I).

Vidro quase incolor, apenas muito ligeiramente tingido de verde-maçã, sem bolhas de ar.

Conservam-se dois fragmentos, muito riscados pelo uso, picados, com leitosidade, leve irisão e crateras em formação.

Copa arqueada; bordo em aspa. Polido ao torno.

Altura: 27 mm. Diâmetro da boca: 14 mm. Espessura do vidro: 1,5-4 mm.

Proveniência: Transtagana (Aljustrel).

Tipo e cronologia: É uma taça pequena e funda, correspondente ao prato ou taça larga e baixa que aqui publicamos sob o número 24.

59 — *Taça* (Est. III).

Vidro incolor, sem bolhas de ar.

Fragmentada e incompleta, com leitosidade, irisão, crateras em formação e aspecto de vidro gelado.

(53) Samuel de los Santos Gener, «Museo Arqueológico de Cordoba», *Memo-rias de los Museos Arqueológicos Provinciales*, XV (1954), p. 158 e fig. 65.

(54) Para localização destas ruínas veja-se a planta geral da exploração mineira romana de Aljustrel publicada por R. Freire de Andrade e O. da Veiga Ferreira no vol. V (1966) desta revista.

Copa bitroncocónica, decorada com cordões de vidro também incolor; fundo côncavo.

Altura: 56 mm. Diâmetro máximo: 88 mm. Espessura do vidro: 1-3 mm.

Proveniência: Transtagana (Aljustrel).

Esta taça cabe no tipo Beaker A II de Vessberg, muito frequente em Chipre mas decorado com linhas gravadas e não com fios de vidro. Podemos também citar como paralelo uma taça de Samotrácia atribuída por E. Dusenbery à 1.<sup>a</sup> metade do século i d.C. (55).

60 a 65 — *Garrafas* (Ests. IV e V).

Vidro verde-gelo, com algumas bolhas de ar.

Ligeira leitosidade em 60, 62-64; ligeiro picado em 61.

Proveniência: Transtagana (Aljustrel).

São fundos de garrafas de tipo Isings 50 sopradas em moldes. Podem atribuir-se à segunda metade do século i ou ao n d.C. A decoração de círculos concêntricos é muito comum, com ou sem meias pérolas nos cantos a servir de pé (56). O número 64 apresenta um motivo que não conhecemos senão numa peça da sepultura 20 da necrópole de Farrobo mas num vidro e numa forma diferentes (57). O número 65 tem uma marca para nós indecifrável: AXP(ou R)ON. Uma meia pérola a seguir ao N serve de pé e indica o canto da base.

66 — *Unguentário* (Est. VIII)

Vidro verde-gelo com algumas bolhas de ar.

Leitosidade incipiente.

Fragmento de fundo, com marca em relevo dentro de um círculo: AU[G] encimado por duas folhas de hera de pés voltados um contra o outro.

Espessura máxima do vidro: 3 mm.

Proveniência: Transtagana (Aljustrel) (?).

(55) Vessberg, 1956, fig. 44, 9-19. O autor não data este tipo. Elisabeth B. Dusenbery, «Ancient glass from the cemeteries of Samothrace», *Journal of Glass Studies*, IX (1967), n.º 37. Esta taça tem também decoração gravada e o fundo muito umbilicado.

(56) Alarcão, 1965, p. 91 e nota 5.

(57) J. Alarcão, «Une coupe à fond d'or découverte à Farrobo, Portugal», *Journal of Glass Studies* X (1968), p. 72.

A mesma marca encontrou-se num unguentário da necrópole de Valdoça que publicámos nesta revista em 1966. A propósito, fizemos nessa altura um inventário dos exemplares conhecidos dessa marca, para o qual remetemos agora o leitor (58).

67 — *Unguentário* (Est. VIII).

Vidro ligeiramente tingido de verde-musgo, com bolhas de ar.

Ligeiramente picado.

Fragmento do fundo, com marca em relevo: dentro de dois círculos concêntricos, AVG encimado por duas folhas de hera de pés voltados um contra o outro. A moldagem é muito mais fraca que a do número anterior.

Espessura do vidro: 1,5 mm.

Tipo e cronologia: como o número anterior.

7 — VIDROS DO MUSEU MUNICIPAL DE SANTIAGO DE CACÉM

A vila de Santiago de Cacém sucedeu à cidade romana de Miróbriga (59), a curta distância desta. Além de um depósito junto das ruínas, onde o Prof. Doutor D. Fernando de Almeida guarda o espólio das suas escavações de Miróbriga, existe na Câmara Municipal um pequeno museu arqueológico com objectos daquelas ruínas e de outros lugares.

68 — *Balão* (Est. VI).

Vinho verde-gelo com muitas bolhas de ar.

Muito riscado pelo uso e com leitosidade.

Corpo esférico, decorado com linhas gravadas em círculos horizontais; fundo ligeiramente côncavo; gargalo afunilado.

Altura: 124 mm. Diâmetro máximo: 95 mm. Diâmetro da boca: 34 mm.

Espessura do vidro: 1 mm.

Proveniência: Torre (Santa Cruz). Foi encontrado em 1929 e oferecido ao Museu por Jacinto Pereira.

Tipo e cronologia: como o número 15 deste artigo.

(58) Alarcão, art. cit. na nota 43, p. 43.

(59) D. Fernando de Almeida, *Ruínas de Miróbriga dos Célticos (Santiago do Cacém)*, Setúbal, 1964.

69 — *Taça* (Est. II).

Vidro azul-gelo com algumas bolhas de ar.

Picado, com concreções calcárias e irisão multicolor.

Copa troncocónica, de fundo umbilicado; bordo de arestas polidas ao torno, sob o qual corre uma ranhura funda e larga e outra mais fina.

Altura: 77 mm. Diâmetro máximo: 85 mm. Diâmetro da boca: 70 mm.

Espessura do vidro: 1,5 mm.

Proveniência: encontrada numa sepultura em Formiga (Santiago de Cacém).

Bibliografia: *História de Portugal*, dirigida por Damião Peres, vol. I, Barcelos, 1928, p. 260.

O tipo 12 de Isings, em que entra esta taça, é uma forma do século i d.C., de cujas variantes, cronologia e decoração tratámos a propósito de um exemplar de Conímbriga (60). Além deste exemplar encontramos outros em Portugal: no castro da Retorta, no Museu Arqueológico de Vila Viçosa (sem indicação de proveniência) e em Beja (inédito, na colecção particular do Dr. F. Nunes Ribeiro).

## 8 — VIDROS DO MUSEU DAS RUÍNAS DE MIROBRIGA

Publicamos apenas alguns dos fragmentos que julgámos com mais interesse dentre os achados das ruínas. O espólio das escavações do Prof. Doutor D. Fernando de Almeida aguarda publicação.

70— *Copo* (V (Est. III).

Vidro incolor.

Pequeno fragmento decorado com fio de vidro também incolor, que forma como que uma bolsa.

Altura do fragmento: 27 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Trata-se de um tipo de decoração que se começou a usar nos fins do século i d.C. mas que se manteve talvez até ao m (61).

(60) Alarcão, 1965, pp. 40-41.

(61) Alarcão, 1965, pp. 26-27.

71 — *Copo* (Est. III).

Vidro verde-maçã.

Picado e com irisão.

Pequeno fragmento de vidro moldado com botões de lótus em relevo. A linha vertical que se observa no fragmento é a costura correspondente à junção das duas metades do molde, que era bivalve.

Altura: 44 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Os copos decorados com relevos em forma de botões de lótus não são muito comuns. São uma das formas mais curiosas dos vidros romanos da segunda metade do século i d.C., provavelmente dos anos 70-100 d.C. (62). Berger publicou diversas variantes da decoração, ora de botões simples ora debruados como neste copo de Miróbriga, ora entre as malhas de uma rede ora entremeados de pérolas. No Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (Lisboa) há um copo pequeno, proveniente de Portimão, decorado também com estas nodosidades em forma de botão de lótus; é todavia de um fabrico muito mais grosseiro, tal como um copo da coleção Amattler, anteriormente na coleção Merkens, de Colónia, e no catálogo desta coleção classificado como medieval (63).

72 — *Taça* (Est. II).

Vidro incolor.

Muito picado; com irisão multicolor.

Bordo envasado. Tinha gravada, a traço pouco fundo, uma inscrição entre duas linhas de aspas; dela se conserva apenas ES.

Altura: 41 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Bibliografia: D. Fernando de Almeida, *Ruínas de Miróbriga dos Céticos (Santiago de Cacém)*, Setúbal, 1964, p. 24 (onde, por lapso, se diz que a decoração é pintada.)

A taça em forma de calote esférica, de bordo envasado, é típica do século iv (64). Além dos exemplares lisos há muitas taças decoradas,

(62) Isings, 1957, p. 46; Berger, *Römische Glaser aus Vindonissa*, Basileia, 1960, pp. 52-54.

(63) J. Gudiol, *Catalech deis vidres de la colecció Amattler*, Barcelona, 1925, p. 6 e n.º 13.

(64) Isings, 1957, forma 116; Harden, *Roman glass from Karanis*, Chicago, 1936, nota 2; Harden, «The Wint Hill hunting bowl and related glasses», *Journal of Glass Studies*, II (1960), p. 52.

por vezes mesmo historiadas (com cenas de caça, da mitologia ou bíblicas). O nosso fragmento, infelizmente, é tão pequeno que não podemos imaginar a decoração que teria. As duas letras ES serão talvez o resto da inscrição PIE SESES, forma latina da saudação THE ZHCAIC, que aparece em vidros cristãos dos séculos iv e v. Numa taça de Colonia aparece todavia a inscrição ESCIPE ME PLACEBO TIBI, e podemos também admitir que fosse este o moto da taça de Miróbriga. No Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia há uma taça deste tipo, anegígrafa, com mastins a perseguirem coelhos — taça a incluir no grupo de Wint Hill que Harden estudou em 1960. É possível que, tal como uma taça do Ashmolean Museum, tivesse a inscrição numa coroa de folhagem tratada muito esquemáticamente, à volta de um motivo que ocupasse o centro do fundo (65).

## 9 — VIDROS DO MUSEU DE SETÚBAL

São escassos os fragmentos de vidro encontrados em Setúbal e conservados no Museu. Escolhemos apenas dois, pois os outros são inclassificáveis e sem interesse. Os dois que publicamos são talvez romanos, mas não ousamos afirmá-lo com segurança.

### 73 — *Gargalo* (Est. VII).

Vidro ligeiramente tingido de verde-maçã.

Picado; com espessa camada de eflorescência esmaltada cor de tabaco.

Gargalo cilíndrico decorado com catorze caneluras. Bordo polido ao fogo.

Altura: 130 mm. Diâmetro da boca: 34 mm.

Tipo e cronologia: indetermináveis.

### 74 — *Gargalo* (Est. VII).

Vidro verde fumado muito ténue.

Corrosão idêntica à do número anterior.

Gargalo cilíndrico; bordo revirado para fora e polido ao fogo.

Altura: 51 mm. Diâmetro da boca: 8 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Tipo e cronologia: indetermináveis.

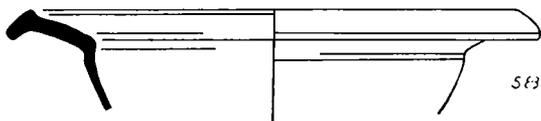
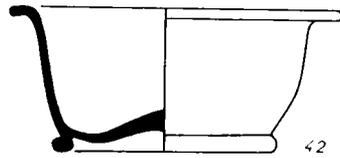
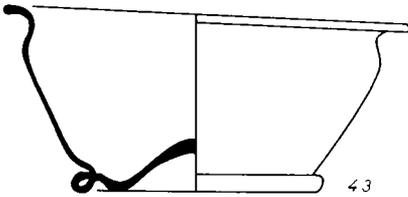
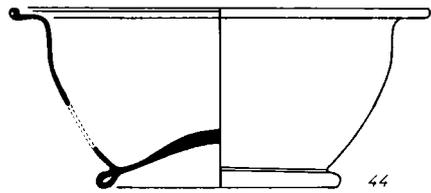
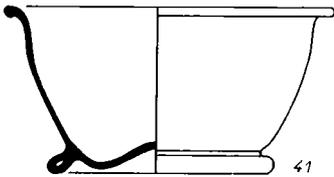
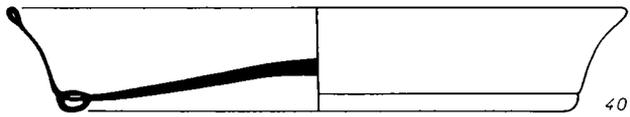
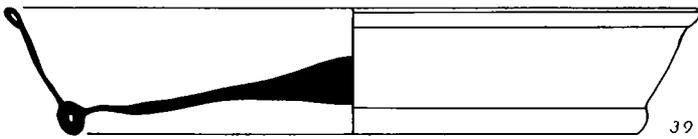
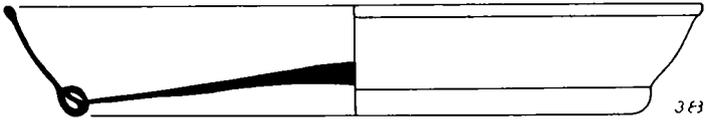
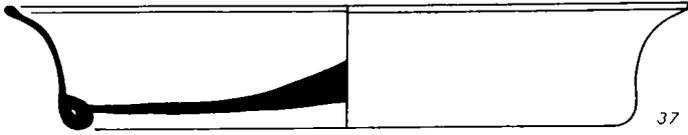
JORGE DE ALARCÃO

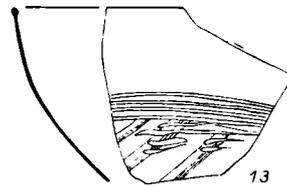
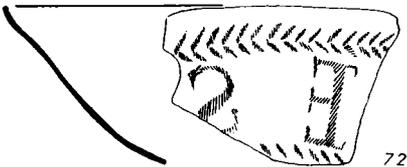
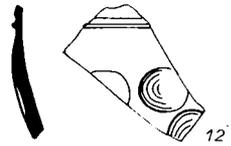
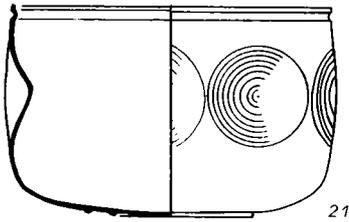
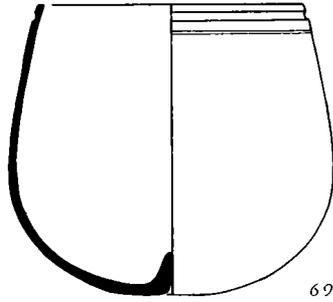
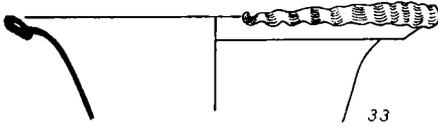
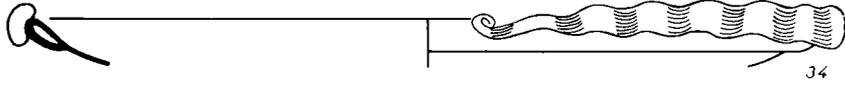
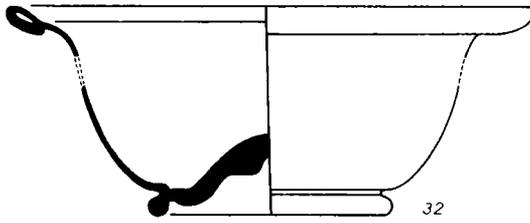
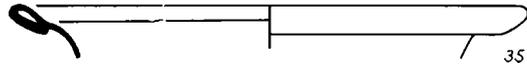
(65) Harden, «Tomb-groups of glass of Roman date from Syria and Palestine» *Iraq*, XI (1949), pp. 151-159

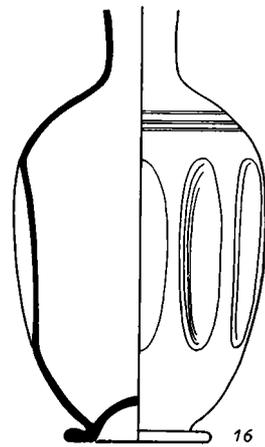
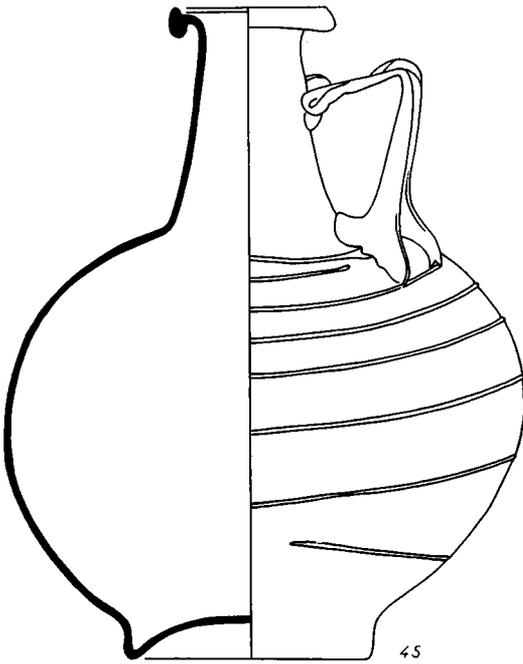
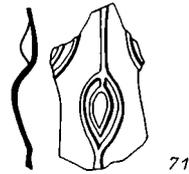
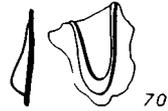
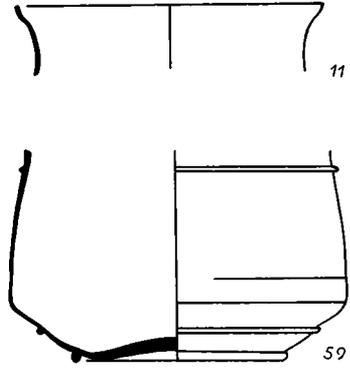
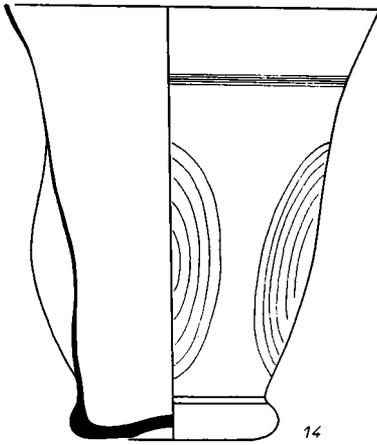
## ABREVIATURAS USADAS

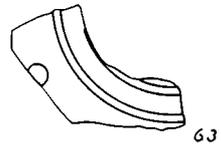
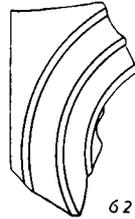
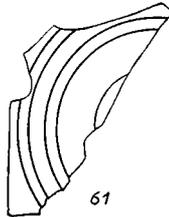
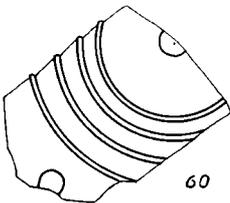
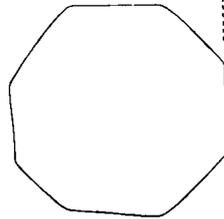
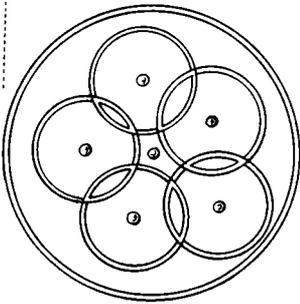
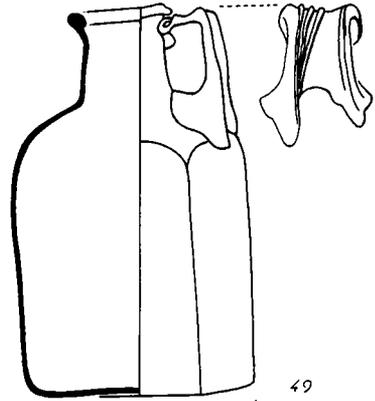
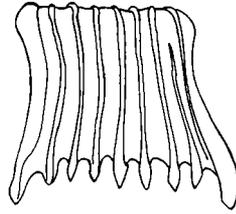
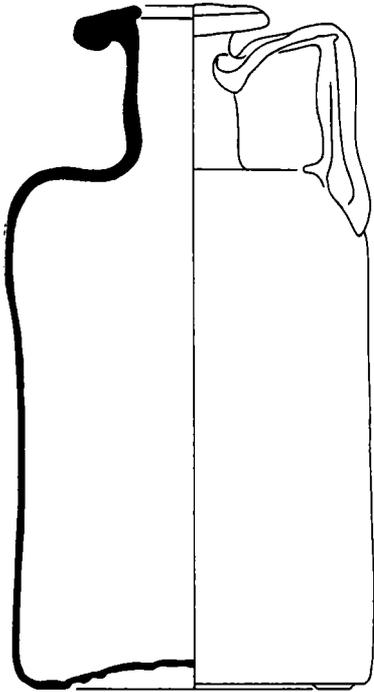
- ALARCÃO, 1963: J. e A. Alarcão, «Vidros romanos do Museu de Martins Sarmento» in *Revista de Guimarães*, 73 (1963), pp. 175-209.
- , 1964: J. e A. Alarcão, «Vidros romanos do Museu Municipal da Figueira da Foz» in *Revista de Guimarães*, 74 (1964), pp. 79-116.
- , 1965: J. e A. Alarcão, *Vidros Romanos de Conimbriga*, Conimbriga, 1965.
- DUMOULIN, 1964: A. Dumoulin, «Découverte d'une nécropole gallo-romaine à Apt (Vaucluse)», *Gallia*, 22 (1964), pp. 87-110.
- ISINGS, 1957: C. Isings, *Roman glass from dated finds*, Groningen, 1957.
- MORIN-JEAN, 1913: Morin-Jean, *La verrerie en Gaule sous Vempire romain*, Paris, 1913.
- VESSBERG, 1956: O. Vessberg, *The Swedish Cyprus Expedition, vol. IV, part 3: The Hellenistic and Roman periods in Cyprus*, Estocolmo, 1956.

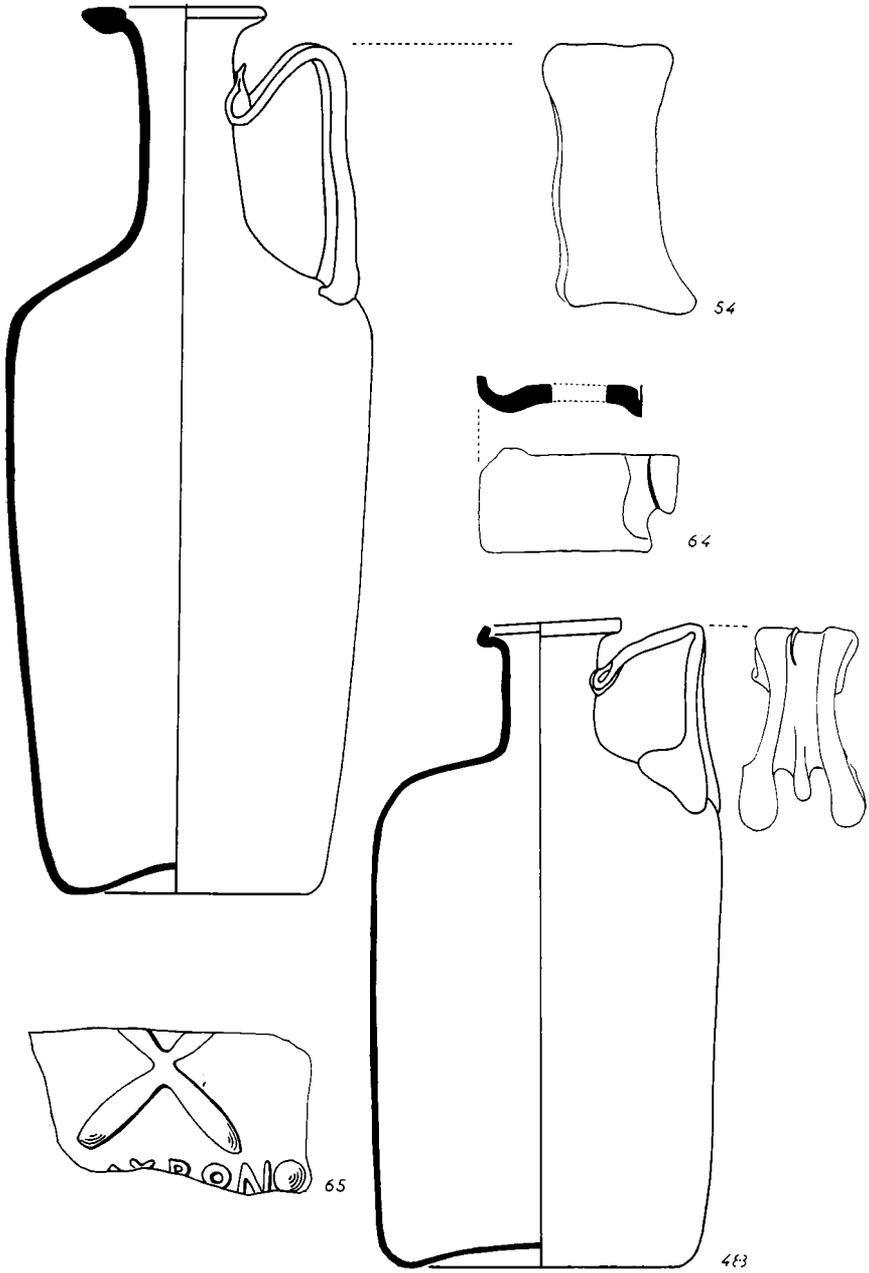
(Página deixada propositadamente em branco)



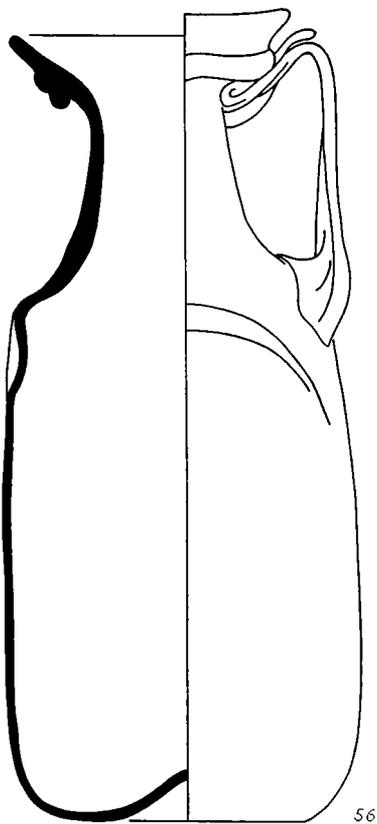




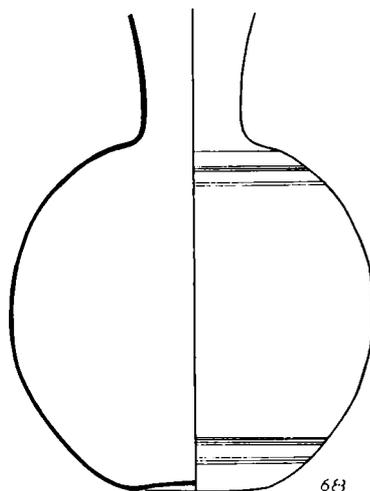
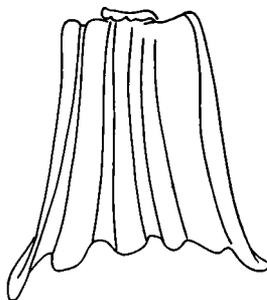




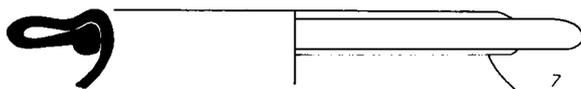
Est. VI



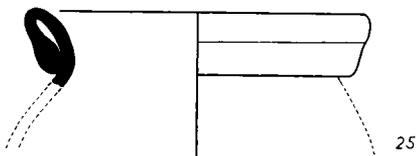
56



68



7



25

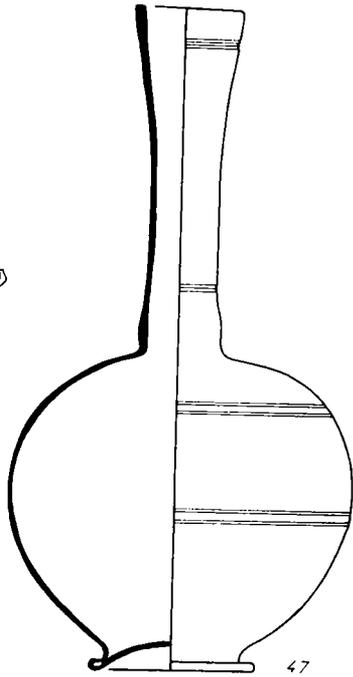
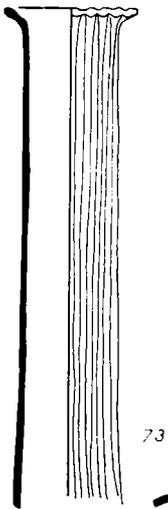
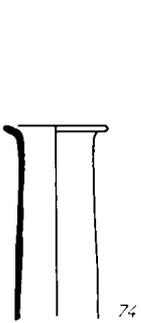
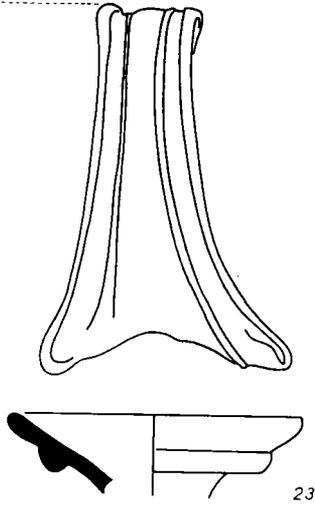
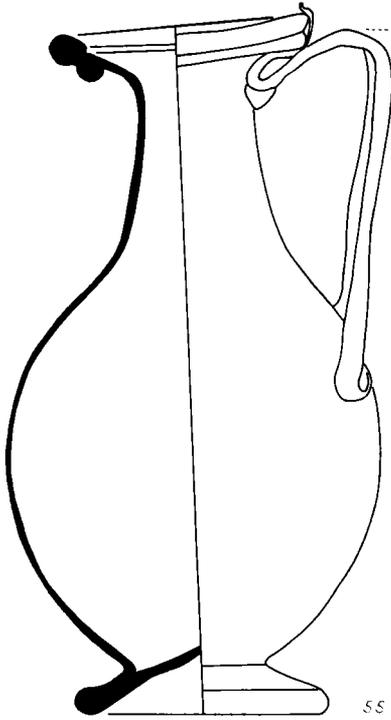


27

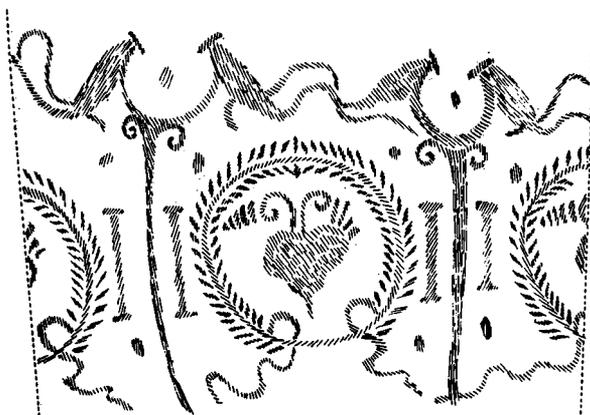
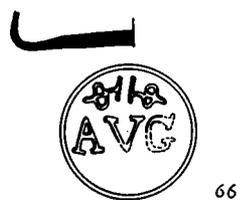
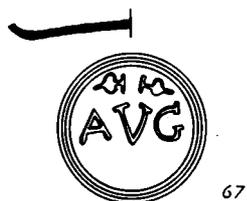
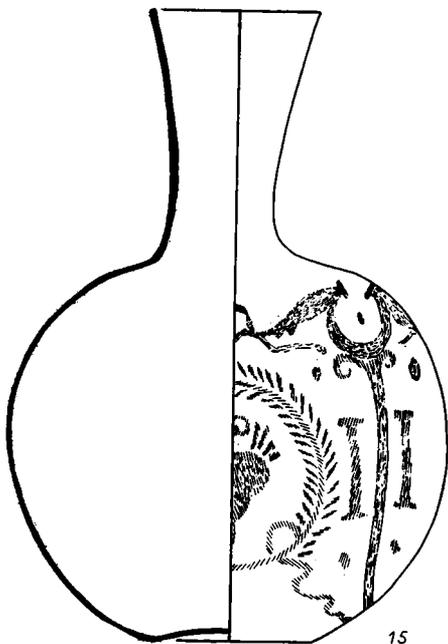


36

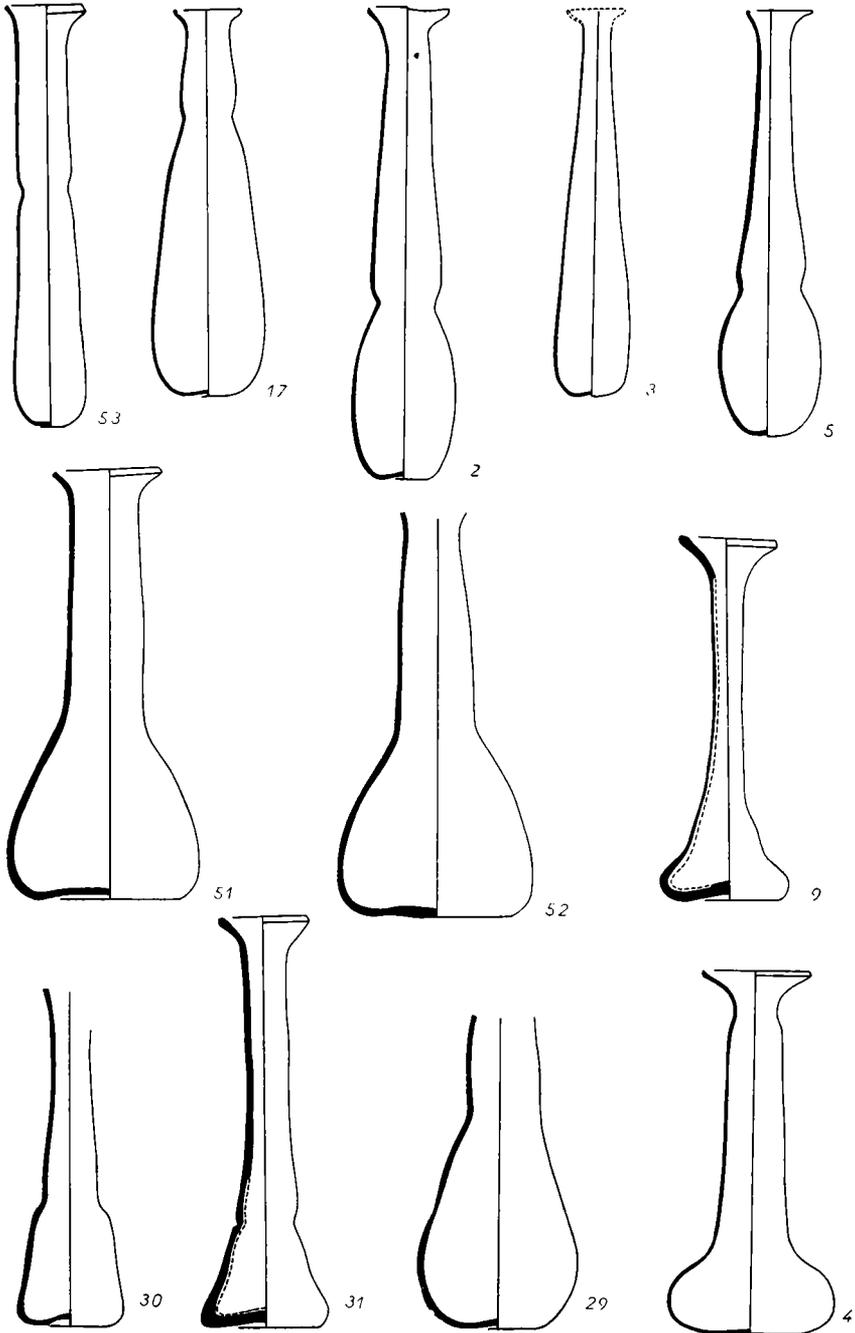
Escala 1 : 2



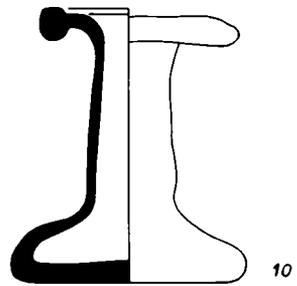
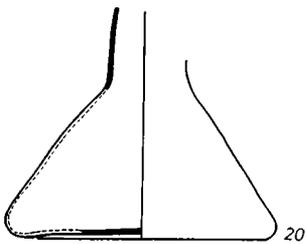
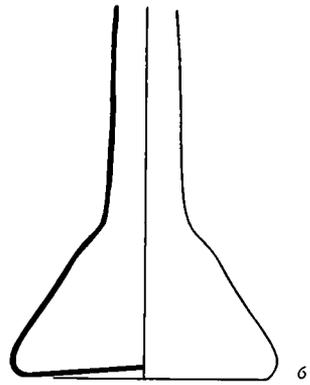
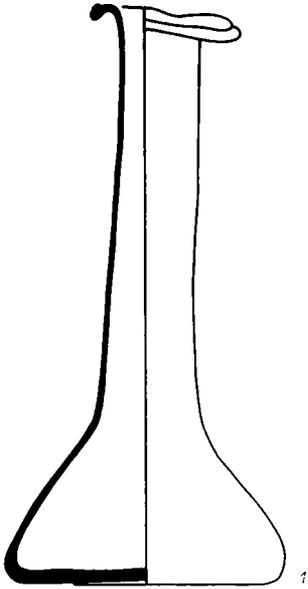
Est. VIII



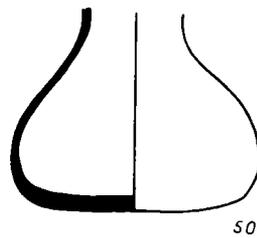
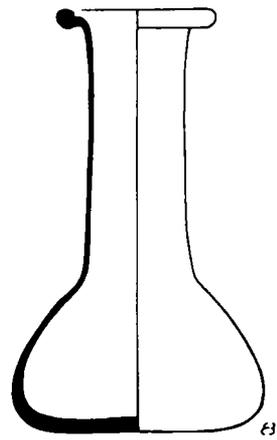
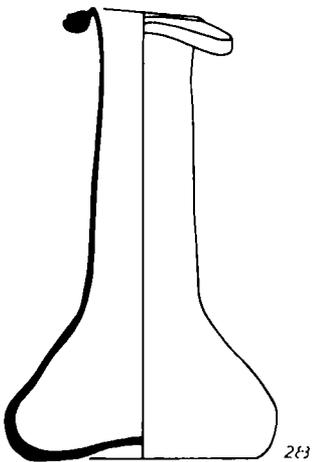
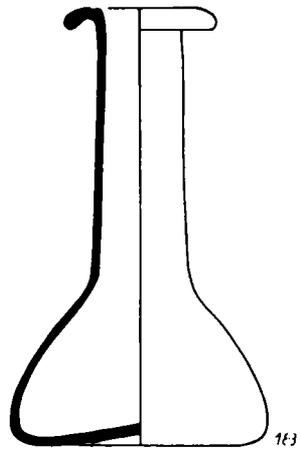
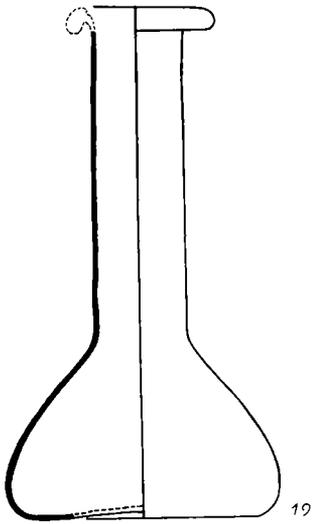
Escala 1 : 2



Est. X



Escala 1 : 2



(Página deixada propositadamente em branco)



56



57



43



40

Est. XIII



47



45



22

## TERRA SIGILLATA CLARA DE MUSEUS DO ALENTEJO E ALGARVE

### INTRODUÇÃO

Do estudo da terra sigillata clara existente em museus do Alentejo e Algarve ressaltam dois factos para que já havia chamado a atenção no meu primeiro trabalho sobre a terra sigillata clara de Conimbriga (1):

1 — a abundância, no Sul de Portugal, do fabrico A, em contraste flagrante com a sua escassez em Conimbriga — onde se conhecem apenas dois fragmentos — e ausência no norte do país.

2 — a escassez do fabrico nomeado, provisoriamente, Grupo 2 — existe apenas um fragmento de testo proveniente das Represas (Beja) — escassez essa também em flagrante contraste com a quantidade de exemplares deste fabrico encontrados em Conimbriga e sua relativa abundância no Norte.

A observação das formas do fabrico A permite concluir também que as mais comuns pertencem ao número daquelas que maior difusão tiveram no Norte de África (1, 2, 3, 4/36, 10, 20).

(1) «Terra sigillata clara de Conimbriga», in *Conimbriga*, Vol. VI (1967), pp. 47-128. Agradeço à Fundação Calouste Gulbenkian a bolsa que me concedeu para a realização destes dois trabalhos.

Agradeço ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Nunes Ribeiro a amabilidade com que pôs à minha disposição a sua colecção de Terra Sigillata Clara proveniente das Represas, Beja.

Agradeço também as facilidades que me concederam os directores ou conservadores dos Museus: Arqueológico e Lapidar do Infante D. Henrique (Faro), Regional de Lagos, Municipal de Eivas, Arqueológico da Casa de Bragança (Vila-Viçosa), Arqueológico das Minas de Aljustrel, respectivamente: Dr. Mário Lyster Franco, Engenheiro José Ramos Formosinho, Dr. Eurico Gama, Dr. João de Figueiredo, Engenheiro Ruy Freire de Andrade.

Podemos, pois, afirmar com segurança que a terra sigillata clara A, difundida em toda a hacia do Mediterrâneo entre 90-100 d.C. até fins do século ii ou inícios do m, abundante no Sul, só esporadicamente chegou ao Centro e Norte do país, alimentados então pelos mercados da sigillata hispânica.

É também certo que, da segunda metade do século m até fins do século iv, a terra sigillata clara C e D se difundiram de Norte a Sul de Portugal.

Para afirmarmos, porém, como deixam prever as conclusões até agora obtidas, que o Grupo 2 só esporadicamente chegou ao Sul, necessário é fazer o estudo da terra sigillata clara existente no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, sem o qual toda a generalização será arriscada, dada a abundância desse material e a importância dalguns dos locais de que ele provem.

Quanto à cronologia deste fabrico, apenas podemos dizer que parece contemporâneo da sigillata hispânica tardia, com cujos exemplares tantas afinidades apresenta. Esperemos que as recentes escavações de Conímbriga nos forneçam — e só elas, neste momento, o poderão fazer — os dados cronológicos indispensáveis à definição do seu lugar dentro da produção geral da Terra sigillata clara.

Segui aqui o critério de apresentação do meu primeiro trabalho, não só pelas razões nele expostas mas ainda para manter uma certa uniformidade no estudo desta cerâmica, uniformidade sempre vantajosa (2).

## DESCRIÇÃO DE PASTAS E ENGOBES

### GRUPO 1

*Est. I n.ºs 1-12*

*Est. II n.ºs 1-12, 14 e 15.*

Engobe — Em ambas as faces, laranja-claro, brilhante, polido depois de aplicado. O engobe, como consequência desse polimento, torna-se muito aderente, parecendo formar corpo com a própria pasta.

(2) O Grupo 1 identifica-se à Terra Sigillata Clara A, o Grupo 3 à Terra Sigillata Clara C e o Grupo 4 à Terra Sigillata Clara D. O Grupo 2, pelas características

Pasta — Laranja-tijolo, de grão fino e desengordurante em partículas não muito grandes. Fractura vítrea, embora a parte central tenha uma contextura ondulada. A cozedura é muito regular e a cerâmica muito sonora.

**GRUPO 2**

*Tipo A — Est. II n.º 13*

Engobe — alaranjado, brilhante, espesso e pouco aderente, não polido depois de aplicado.

Pasta — laranja-vivo, de grão fino, com bolhas de ar, muito esponjosa. Desengordurante abundante, em pequenas partículas. Fractura ondulada.

**GRUPO 3**

*Tipo A — Est. III /?.<sup>os</sup> A e 5*

Engobe — vermelho violáceo, mate, pouco espesso e muito aderente, parecendo, em certos exemplares, uma simples aguada.

Pasta — vermelho-escuro, muito dura, de grão finíssimo, com poucas bolhas de ar e algum desengordurante em partículas mínimas.

*Variante I — Est. III n.<sup>oH</sup> 1, 2, 3, 9*

Engobe — alaranjado, um pouco mais brilhante e espesso.

Pasta — alaranjada e idêntica à anterior.

de pasta e formas não é identificável a nenhum dos fabricos de Terra Sigillata Clara conhecidos. As variantes correspondem sempre a características secundárias de pasta e engobe (vide Manuela Delgado, 1967, pp. 18-22).

## GRUPO 4

**Tipo A — Est. III n.º 16**

Engobe — laranja-avermelhado, de brilho discreto e muito aderente, polido depois de aplicado, na face interna e parede externa até meio ou quase até à base.

Pasta — Dura, de grão fino, com muito desengordurante em partículas pequenas. Fractura geralmente vítrea.

**Tipo B — Est. III, n.os 8, 10, 11, 12, 13, 15**

Engobe — levemente brilhante ou mesmo brilhante, apenas na face interna e aderente.

Pasta — de grão fino, com abundantíssimo desengordurante em partículas maiores que as do tipo A (grãos de tijolo, calcário, quartzo, areia).

Pasta dura, mas de fractura ondulada.

**Variante I—Est. III n.os 6, 7, 14**

Engobe — mate, só na face interna, escorrendo para a parte superior do bordo e parte superior da parede externa.

Muito pouco espesso, às vezes como que uma simples aguada quase não alterando a cor da pasta e muito aderente.

Pasta — idêntica à anterior.

## DESCRICHÃO DAS PEÇAS

**Est. I— 1**

Fragmento de tijela

Parede hemisférica carenada. O bordo externo é formado por 3 molduras, sendo a do meio maior e arredondada. 2 finas caneluras internas sob o bordo. Decoração em rodízio pouco inciso sobre a moldura maior do bordo externo.

Grupo 1

Proveniência: Represas, Beja.

Forma la de Lamboglia (3).

Imita a forma 29 da sigillata sudgálica e tardo-itálica.

Conhecem-se 3 variantes desta forma: *la* com a moldura do bordo arredondado, a parede mais longa que a carena, decoração em rodízio sobre a carena e o bordo e engobe brilhante e uniforme; *lb* com a moldura do bordo mais aguçada, as caneluras internas mais juntas, a carena quase do mesmo tamanho da parede, a decoração em rodízio menos incisa e mais simplificada, o engobe menos brilhante; a variante *lc* com a moldura do bordo em triângulo, as caneluras internas mais próximas e descidas, a carena mais longa que a parede, sem decoração e com engobe opaco e decadente.

A forma 1 difundiu-se em todo o Mediterrâneo Ocidental e é muito comum no Norte de África (4). Aparece também no Mediterrâneo Oriental, embora se possa considerar rara, como, aliás, todos os exemplares de Terra Sigillata Clara A aí conhecidos (5).

Esta forma é a mais antiga dentro da produção da Terra Sigillata Clara A. Segundo dados cronológicos fornecidos pelas escavações de Albintimilium a variante *la* surge à volta de 100 d.C. Seguem se-lhe respectivamente as variantes *lb* e *lc* entre 150 e 250 d.C.

### *Est. 1—2*

Fragmento de tigela

Forma la semelhante à anterior, com rodízio menos inciso.

Grupo 1 — A pasta apresenta-se uniformemente enegrecida. A argila, cinzenta, parece ter sido sujeita a fogo oxidante insuficiente para tornar vermelha toda a pasta.

Proveniência: Represas, Beja

(3) Lamboglia, 1958, pp. 262-263.

(4) Pallarés, 1960, p. 16 fig. 5 n.ºs 10, 11, 12. Baradez, 1961, Est. I n.ºs 1 a 12. Ponsich et Tarradel, 1965, fig. 12 n.ºs 1 a 5; fig. 17; fig. 19; fig. 39 n.ºs 3, 4, 5; fig. 46.

(5) Waagé, 1948, p. 49; Est. IX n.º 843; fig. 27; fig. 28 n.º 6.

*Est. 1—3*

## Fragmento de tigela

Variante 1b, com a moldura do bordo menos arredondada, a tender para a forma triangular. Decoração em rodízio mais simplificada.

Grupo 1 — O engobe, ainda brilhante na face externa, é mate na face interna.

Proveniência: Represas, Beja

*Est. 1 — 4*

## Tigela

Parede hemisférica, muito ligeiramente carenada. O bordo externo tem 2 molduras limitadas por 2 finas caneluras. A moldura inferior é ornamentada por rodízio que atinge a canelura subjacente. Pé pequeno característico do fabrico A.

Grupo 1 — Engobe um pouco menos brilhante que nos exemplares anteriores.

Proveniência: Represas, Beja

## Forma 2a de Lamboglia (6)

Imita a forma 37 da sigillata sudgálica.

Lamboglia apresenta 3 variantes provenientes de Albitimiliun: 2a, ligeiramente carenada com rodízio sobre a moldura inferior. 2b, praticamente sem carena e com molduras menos salientes. A decoração em rodízio tende a desaparecer. A variante 2c tem uma parede muito mais aberta e molduras muito mais reduzidas. Sem decoração.

Tal como a forma anterior esta também se divulgou em todo o Mediterrâneo Ocidental e é muito comum no Norte de Africa (7). Waagé considera-a a mais comum de todas as formas do fabrico «early Late B», sempre relativamente raro, no Mediterrâneo Oriental (8).

(6) Lamboglia, 1958, pp. 263-264.

(7) Gabriella Martin Avila, 1962, p. 98 e fig. 5 n.º 53. Pallarés, 1960, p. 16 e fig. 5 n.ºs 3, 4 7 e 8. Baradez, 1961, Est. I n.ºs 13 a 19. Ponsich et Tarradel, 1965, fig. 12 n.ºs 6 e 7; fig. 24 n.ºs 1 e 2; fig. 29.

(8) Waagé, p. 50, Est. X, n.º 897 e fig. 26, n.º 1.

A variante *2a* apareceu, em Albintimilium, num túmulo datável da 1.<sup>a</sup> metade do século n d.C. É, pois, contemporânea da forma *1a*. A variante *2b* acompanha a forma *1b* na 2.<sup>a</sup> metade do século n d.C., sendo a variante *2c* dos inícios do século m.

***Est. 1—5***

Fragmento de tigela

Forma 2a, semelhante à anterior. A decoração em rodízio, muito fina, cobre toda a moldura e atinge a canelura superior.

Grupo 1

Proveniência: Represas, Beja

***Est. 1 — 6***

Fragmento de tigela

Forma 2a semelhante às anteriores. A moldura é menos saliente e o rodízio mais grosseiro e menos inciso.

Grupo 1 —Acidente de cozedura idêntico ao do n.º 19

Proveniência: Represas, Beja

***Est. 1—1***

Fragmento de tigela

Semelhante às anteriores. Parede idêntica à variante 2a, mas sem rodízio sobre a moldura pouco saliente como na variante 2b.

Grupo 1 — Engobe brilhante

Proveniência: Represas, Beja

***Est. 1— 8***

Fragmento de tigela

Semelhante à anterior, também sem rodízio sobre a moldura.

Grupo 1 — O engobe é opaco e degradado.

Proveniência: Represas, Beja

*Est. 1—9*

Fragmento de tigela

Forma 2a, semelhante às anteriores, com rodízio pouco inciso sobre a moldura. Grupo 1 — Perdeu quase todo o engobe e a pasta tem bastante mica.

Proveniência: Abicada — Mexilhoeira Grande, Lagos

*Est. /—10*

Fragmento de prato

Parede muito carenada e bordo arredondado levemente inclinado para o interior.

Grupo 1—Perdeu o engobe quase por completo.

Proveniência: Aljustrel

Forma 3 *b'* de Lamboglia (9).

A forma 3 tem pé pequeno e fino e lembra a 18/31 da sigillata sudgálica.

Lamboglia publica variantes desta forma provenientes de Albin-timilium e Tarragona.

A primeira, 3a, parece ser uma simplificação da forma 2, com bordo apenas arredondado sem qualquer decoração e parede levemente carenada. A variante 3*b'* tem uma carena mais elevada e muito mais marcada, formando ângulo com a parede alta e espessa. Em 3*b*<sup>2</sup> a parede, mais fina e baixa, torna-se vertical em relação à carena ainda bastante alta. A variante 3*c*, de menores dimensões, tem uma parede mais aberta e quase fundida com a carena.

O engobe é menos brilhante que nas formas 1 e 2 e vai-se degradando nas sucessivas variantes, chegando a confundir-se com a pasta na variante 3*c* mais tardia.

Jorge e Adília Alarcão publicaram um exemplar desta forma proveniente da sepultura n.º 1 da Necrópole de Valdoca (Aljustrel) (10).

(9) Lamboglia, 1958, pp. 265-266.

(10) Alarcão, 1966, pp. 8-9, Est. I n.º 2.

Não é das formas mais antigas mas foi urna das que perduraram mais tempo. *3a* aparece em Albintimilium em sepulturas dos últimos decénios do século n d.C., data confirmada pela descoberta doutra sepultura do último terço do século n em que ela também está presente (11).

Apareceu também numa sepultura da Necrópole de Pollentia, do século ii d.C.

Esta forma continuou nas variantes *3b* e *3c* durante o século m constituindo, a última, um elo de ligação com a Terra Sigillata Clara D, cujo fabrico começa na 2.<sup>a</sup> metade deste século.

### *Est. II— 2*

Taça

Parede aberta e arqueada com o bordo em forma de aba abaulada e pendente com ornamentação em barbotina representando uma «folha de água». Pé pequeno e oblíquo.

Grupo I

Proveniência: Represas, Beja

Forma 4/36 de Lamboglia (12).

Imita a Drag 36 da sigillata sudgálica.

Lamboglia publica uma variante 4/36B de Albintimilium com aba menos pendente e sem ornamentação, que o autor considera muito rara e mais tardia.

A colecção do Museu de Copenhague inclui um exemplar da forma 4/36, sem engobe e com decoração estampada sobre a aba em substituição das características «folhas de água». Pallarés considera-a pertencente ao fabrico A, constituindo assim o único exemplar desta forma com decoração estampada (13).

(11) Lamboglia, «Una tomba romana scoperta a Bordighera», in *Rev. St. Liguri XXIV*, 1958 n.ºs 1-2, pp. 121-134.

(12) Lamboglia, 1958, p. 267.

(13) Pallarés, 1960, fig. 7 n.º 2a.

A forma 4/36, comum em toda a bacia do Mediterrâneo Ocidental, aparece com muita frequência no Norte de África (14). É a forma mais representada na coleção do Museu de Copenhague que indue a variante 4/36B (15). Também foi exportada para o Mediterrâneo Oriental. Waagé publica um exemplar proveniente de Corinto, da variante 4/36B e um fragmento de Antioch (16).

Em Albintimilium a forma 4/36A, com decoração, aparece acompanhada de sigillata sudgálica tardia e das formas antigas *la* e *2a* da Terra Sigillata Clara A, na 1.<sup>a</sup> metade do século n d.C. Um exemplar 4/36B foi encontrado em Albintimilium junto de materiais do século ni d.C. Pallarés atribue ao século ni d.C. o exemplar único da Coleção de Copenhague com decoração estampada. Waagé diz que o exemplar de Corinto, sem decoração, não é posterior aos Severos.

### *Est. I— 12*

Fragmento de taça

Forma 4/36 semelhante à anterior. A aba é mais espessa, menos afilada na extremidade e menos pendente. Pé menos baixo e menos oblíquo.

Grupo 1 — Engobe brilhante e em perfeito estado de conservação.

Proveniência: Aljustrel

### *Est. II— 1*

Fragmento de taça

Forma 4/36, semelhante às anteriores. Aba e parede mais espessas.

Grupo 1 — Engobe brilhante.

Proveniência: Largo da Sé, Faro

(14) Baradez, 1961, Est. I, n.<sup>os</sup> 36-39. Ponsich et Tarradel, 1965, fig. 29; fig. 39 n.º 1.

(15) Pallarés, fig. 1 n.<sup>os</sup> 2 a 5; fig. 2; fig. 3 n.<sup>os</sup> 1 a 5 e 10 a 12.

(16) Waagé, 1948, p. 49, Est. IX, n.º 847 e fig. 26.

*Est. I – II*

**Fragmento de taça**

Forma 4/36, semelhante às anteriores  
Grupo 1 — Perdeu o engobe quase por completo embora ainda se notem vestígios sobre a aba.  
Proveniência: Abicada—Mexilhoeira Grande, Lagos

*Est. II — 4*

**Fragmento de bordo numa tigela**

Quase rectilíneo com o rebordo externo muito engrossado. Sem caneluras internas. Externamente 2 caneluras limitam uma zona decorada em rodízio.  
Grupo 1 — Engobe brilhante em ambas as faces, mas pouco aderente. Pasta mais avermelhada que a habitual deste grupo.  
Proveniência: Largo da Sé, Faro

Assemelha-se à forma 7 de Lamboglia (17).

Nenhum dos exemplares publicados por Lamboglia apresenta um rebordo tão engrossado.

A variante 7 está representada por um exemplar quase completo de Ampúrias e um outro, completo, de Les Blais. Ambos com 2 caneluras internas, características da forma 1; o primeiro, de maiores dimensões com a parede ligeiramente carenada e decoração em rodízio sobre o bordo externo limitado inferiormente por uma canelura; o segundo, de Les Blais, apresenta também decoração em rodízio sobre a parede externa, perfeitamente hemisférica, e pé pequeno e fino. Nos exemplares mais tardios desaparecem as caneluras internas do bordo, e toma-se mais rara a decoração em rodízio, ao mesmo tempo que se degrada o engobe.

Esta forma não figura na Colecção do Museu de Copenhague nem entre o material publicado por Ponsich e Tarradell. Entretanto Baradez publica alguns fragmentos de Tipasa(18).

(17) Lamboglia, 1958, pp. 270-271.

(18) Baradez, 1961, Est. I n.ºs 20 a 24.

Embora não possuindo ainda dados cronológicos rigorosos, Lamboglia inclui esta forma no grupo das mais antigas, fabricadas por todo o século n d.C., mais rara todavia que as formas 1, 2 e 4/36. Os exemplares mais tardios devem ser dos fins do século n e princípios do século m d.C. (19).

### *Est. II— 3*

Fragmento de taça

Parede carenada e bordo em forma de aba horizontal que rebaixa um pouco junto do limite exterior formando degrau. Canelura interna ao nível da carena. Grupo I

Proveniência: Represas, Beja.

Forma 23b de Lamboglia (20).

Esta forma tem pé baixo e fino típico do fabrico A. Lembra a forma Curie 23 da sigillata sudgálica.

Dos exemplares publicados ou referidos por Lamboglia, provenientes, os primeiros, de Albintimilium, Cabasse, Valência e os segundos de Ampúrias, Cova de Partora (Valência), Sardenha, destaca o autor duas variantes fundamentais: 23a com a parede curva e 23b, ligeiramente carenada. Nos exemplares de Albintimilium a aba é um pouco inclinada para o exterior, nos de Cabasse e Valência, horizontal. Esta forma admite exemplares, contemporâneos, de maiores dimensões, em forma de prato e menores, em forma de taça.

Francisca Pallarés publica exemplares desta forma pertencentes à colecção do Museu de Copenhague. Quatro desses exemplares com engobe alaranjado de boa qualidade têm decoração em rodízio, típico das formas mais antigas, no fundo interno (21). A um outro exemplar que apresenta uma moldura em forma de degrau na parede externa ao nível da carena, semelhante à das formas 5 e 7 atribue a autora uma nova forma 5/23 ou 17/23, já que parece aliar características comuns a estas duas formas (22).

(19) Lamboglia, *idem*.

(20) Lamboglia, 1958, pp. 291-292.

(21) Pallarés, 1960, fig. 7 n.º 3, 4, 5; fig. 9 n.º 1.

(22) Pallarés, 1960, p. 21 e fig. 8 n.º 2.

Tal como a forma 3, esta não é das mais antigas. O exemplar de Cabasse, proveniente da Necrópole, apareceu aliado a muitos vasos da segunda metade do século n d.C. Segundo Lamboglia, veio, possivelmente, substituir, no decurso deste século, a forma 4/36, constituindo, no século ni d.C. juntamente com a forma 3, um elo de ligação com o fabrico D, fértil em pratos de aba com depressão em forma de degrau (23).

### *Est. II— 5*

Fragmento de grande prato

Parede recta e bordo engrossado no interior. Fundo côncavo com estrias e sinais de ter sido colocada sobre o fogo.

Grupo 1 — Perdeu o engobe quase por completo. Pasta com muita mica.

Proveniência: Abicada — Mexilhoeira Grande, Lagos

Forma 10A de Lamboglia (24).

A forma 10 típica, representada por 3 exemplares completos de Ampúrias, Sassari e da colecção do Museu de Copenhague (25), tem bordo rectilíneo e inclinado para fora com uma leve saliência interior que servia para suporte da tampa. A essa saliência interna corresponde, externamente, uma depressão que marca o ponto de junção do bordo com a parede. Os exemplares de Sassari e da colecção do Museu de Copenhague assentam sobre dois suportes, em forma de semi-esfera, o primeiro, e de cone, o segundo. Têm engobe brilhante, de boa qualidade apenas na face interna.

Lamboglia publica uma variante desta forma, 10A, proveniente de Albintimilium com engobe na face interna idêntico ao do fabrico A. A parte inferior da parede externa é muito pouco engobada ou mesmo privada de engobe, enquanto que a parte superior apresenta 2 ou mais bandas enegrecidas junto ao bordo. A variante 10B, proveniente de Sassari, sem bordo engrossado e com parede mais encurvada e aberta tem um engobe muito mais opaco e tardio.

(23) Lamboglia, *idem*

(24) Lamboglia, 1958, pp. 276-277.

(25) Pallarés, 1960, p. 18.

Esta forma é muito comum no Norte de África (26).

Esta forma admite muitas variantes e imitações locais com as quais é fácil ser confundida. De facto, assemelha-se muito a formas de cerâmica comum de fundo estriado correntes no século n e princípios do século ui d.C. Segundo Lamboglia e Pallarés teria sido, muito provavelmente, dentro deste período que esta forma evoluiu (27).

### *Est. II—1*

Fragmento de prato

Forma 10A semelhante ao anterior.

Grupo 1 — Perdeu o engobe. Banda enegrecida na parte superior da parede externa.

Proveniência: Abicada — Mexilhoeira Grande, Lagos

### *Est. II— 6*

Fragmento de prato

Forma 10A semelhante aos anteriores. Variante de muito maiores dimensões, com parede mais aberta e bordo arredondado mais alto.

Grupo 1 — Engobe na face interna. Banda enegrecida na parte superior da parede externa.

Proveniência: Largo da Sé, Faro

### *Est. II— 12*

Fragmento de testo

Parede levemente encurvada e moldurada com bordo vertical encimado por uma aba horizontal. Decoração em rodízio sobre a aba e parte inferior da parede externa.

Grupo 1 — Engobe brilhante e uniforme apenas na face externa

Proveniência: Aljustrel

(26) Ponsich et Tarradel, 1965, fig. 5 n.º 13; fig. 12 n.º 10; fig. 24 n.º 3; fig. 30 n.º 1, 2, 3; fig. 39 n.º 9

(27) Lamboglia e Pallarés, *ob. cit.*.

Forma 20 de Lamboglia (28).

O autor publica um exemplar completo proveniente de Tarragona com relevo em espiral sobre a parte central da parede com pegadeira plana, internamente côncava. Na coleção do Museu de Copenhague figura um exemplar desta forma sem decoração em relevo (29). Existe uma variante sem aba nem bordo vertical mas apenas levemente arredondado e com decoração em rodízio sobre a parede em 2 linhas paralelas (30).

Em Conímbriga conhece-se um fragmento de testo de fabrico A, proveniente das antigas escavações, que não corresponde a nenhuma destas formas e é engobado em ambas as faces. Pelas suas dimensões não parece ter servido de tampa às forma 10, 19 ou 21 como é o caso dos exemplares de fabrico A conhecidos (31).

Admitindo que este testo tenha servido as formas 10, 19 ou 21 natural é que se lhe atribua a mesma cronologia dessas formas, isto é, século ii ou fins deste século e início do século m.d.C..

***Est. II — 14***

Fragmento de testo

Forma 20 semelhante à anterior.

Grupo 1 — Perdeu o engobe quase por completo. Vestígios na face externa.

Proveniência: Aljustrel

***Est. II— 15***

Fragmento de testo

Forma 20, semelhante aos anteriores.

Grupo 1 — Engobe brilhante na face externa.

Proveniência: Ajustrel

(28) Lamboglia, 1958, p. 288.

(29) Pallarés, 1960, pp. 20-21.

(30) Lamboglia, 1958, p. 287.

(31) Manuela Delgado, 1967, pp. 69, 70 e Est. I n.º 2.

***Est. II— 11***

Fragmento de testo

Forma 20, semelhante aos anteriores.

Grupo 1 — Engobe brilhante na face externa da aba

Proveniência: Represas, Beja.

***Est. II— 9***

Fragmento de testo

Variante da forma 20, sem aba e com um ressalto na parede e bordo que o exemplar publicado por Lamboglia não apresenta.

Grupo 1 — Idêntico aos anteriores

Proveniência: Represas, Beja

***Est. II— 10***

Fragmento de testo

Variante sem aba da forma 20.

Grupo 1

Proveniência: Aljustrel

***Est. II— 8***

Fragmento de testo

Variante sem aba da forma 20 muito mais baixo que o anterior e que o exemplar publicado por Lamboglia.

Grupo 1 — O engobe desapareceu quase por completo

Proveniência: Represas, Beja

***Est. II— 13***

Fragmento de testo

Parede alta e rectilínea com decoração em rodízio limitado por 2 caneluras na parte central da parede. O fragmento não permite ver a forma do bordo e da pegadeira.

Grupo 2 — Vestígios de engobe na face interna. Na face externa o engobe não é uniforme, antes aparece em manchas de maior ou menor densidade.

Proveniência: Represas, Beja

Gabriela Martin Avila publica um fragmento dum possível testo com decoração em rodízio que a autora inclue no fabrico de Terra Sigillata Clara B e que parece não corresponder à forma 18 de Lamboglia. Refiro esse fragmento pelas características da decoração e do engobe (32).

***Est. III — 1***

Tijela

Parede hemisférica e bordo em forma de aba inclinada para o interior e formando degrau. Pé reduzido.

Grupo 3 — Tipo A — Variante 1 — O engobe desapareceu quase por completo

Proveniência: Concelho de Vila-Viçosa.

Não tem correspondência na tipologia da Terra Sigillata Clara C apresentada por Lamboglia.

A aba lembra a da forma 42 da Terra Sigillata Clara D, representada por um exemplar de Albintimilium (33).

Cronologia desconhecida.

***Est. III— 2***

Tijela

Parede hemisférica e bordo em forma de aba horizontal, levemente inclinada para o exterior. Pé baixo.

Grupo 3 — Tipo A — Variante 1 — O engobe desapareceu quase por completo.

Proveniência: Concelho de Vila Viçosa

(32) Martin Avila, 1962, p. 100 e fig. 5, n.º 56.

(33) Lamboglia, 1963, p. 192.

Corresponde à forma 35 de Lamboglia (34).

Lembra a forma 35 sud-gálica e segundo aquele autor devia ter formado serviço com os pratos 42.

Lamboglia apresenta 3 exemplares, respectivamente, de Siracusa, Sassarie Ostia, que variam na espessura da parede e na curvatura da aba mas não permitem estabelecer a cronologia desta forma.

### *Est. III — 3*

Fragmento de prato

De grandes dimensões e paredes muito finas ligeiramente encurvadas e bordo liso, terminado em gume. Fundo interno levemente realçado. O prato assenta sobre um falso pé.

Grupo 3 — Variante 1 — Na face externa o engobe não é uniforme e não atinge o fundo do prato.

Proveniência: Concelho de Eivas

Forma 40 de Lamboglia (35).

Esta forma teve urna larga difusão em toda a bacia do Mediterrâneo, com variações no bordo e base como mostram os exemplares provenientes de Albintimilium, Albenga, Ampúrias, Tarragona, Valência, Norte de África, Atenas, Dura-Europos, Antioquia.

Antigas escavações de Conímbriga forneceram vários fragmentos de bordos desta forma (36). Existem alguns exemplares desta forma no Museu Municipal da Figueira da Foz, proveniente de Lagos. Jorge e Adília Alarcão publicam um exemplar desta forma proveniente da sepultura n.º 244 da necrópole de Valdoca, Aljustrel (37).

As escavações de Albintimilium, Ampúrias e Atenas situam o seu aparecimento no Mediterrâneo Ocidental e Oriental em meados do século *ui*. Em Antioquia, onde o fabrico Late Roman A chegou até ao início do século V, encontraram-se fragmentos desta forma

(34) Lamboglia, 1963, p. 154.

(35) Lamboglia, 1963, pp. 147-151.

(36) Manuela Delgado, 1967, pp. 86-87 e Est. III, n.ºs 41 e 43.

(37) Alarcão, 1966, pp. 65-66 e Est. XVII.

**datáveis dos meados do século iv. Segundo Lamboglia os exemplares mais tardios têm paredes menos finas, mais encurvadas e engobe opaco.**

***Est. III — 5***

Fragmento de prato

Forma 40 com a parede mais espessa.  
Grupo 3 — Tipo A  
Proveniência: Represas, Beja

***Est. III—A***

Prato reconstituído

Forma 40 semelhante ao anterior.  
Grupo 3 — Tipo A. Perdeu o engobe quase por completo.  
Proveniência: Concelho de Vila-Viçosa

***Est. III—9***

Fragmento de prato

Muito pouco fundo, de paredes oblíquas e bordo em forma de aba quase horizontal. Pé muito atrofiado. Uma fina canelura limita o fundo interno.  
Grupo 3 — Variante 1 — O engobe, muito aderente em ambas as faces, não é uniforme na face externa que, em certos pontos, não chega a ser engobada.  
Proveniência: Boca do Rio, Lagos — N.º de inventário 1356

**Forma 41 de Lamboglia (38).**

**Esta forma é conhecida nas margens do Mediterrâneo Ocidental e também em Antioquia.**

**Em Conímbriga existe um fragmento proveniente de antigas escavações (39). Menos comum que a forma 40, vários fragmentos, porém, existem já em Conímbriga, provenientes das novas escavações.**

(38) Lamboglia, 1963, p. 511.

(39) Manuela Delgado, *ob. cit.*, p. 88-89 e Est. III ,n.º 42.

O exemplar de Ampúrias, em Terra Sigillata Clara C, é de 264 d.C. ou data pouco posterior. Waagé considera também dos meados do século ni os exemplares mais perfeitos e típicos desta forma no fabrico Late Roman A.

Inicialmente a forma 41 não era conhecida em T. Sigillata Clara A. Francisca Pallarés, porém, publicou 2 fragmentos de Albintimilium e Barcelona, em fabrico A que permitem reconstituir esta forma (40). Ela teria, assim, surgido nos fins do século n ou princípios do século ui d.C. Manteve-se, durante este século, no fabrico C e foi imitada no século iv em Terra Sigillata Clara D.

### *Est. III— 8*

Fragmento de tigela

Parede encurvada, bastante espessa e bordo em amêndoa.

Grupo 4 — Tipo B — O engobe cobre ainda a parede numa faixa irregular sob o bordo

Proveniência: Represas, Beja

Forma 1 de Lamboglia (41).

O exemplar de Albintimilium publicado por Lamboglia tem um pé alto e oblíquo e fundo interno ornamentado com motivos estampados.

Esta forma parece ser rara no Norte de África e comum na margem setentrional do Mediterrâneo. Waagé considera-a uma das mais frequentes do fabrico Late Roman B.

Em Conímbriga existem alguns fragmentos de antigas escavações (42).

É uma forma tardia, da segunda metade do século iv. Em Antioquia aparece no segundo quartel do século vi dada a interrupção, para Antioquia, do fabrico Late Roman B entre 430 e 530 d.C.

(40) Pallarés, 1959, pp. 234-235.

(41) Lamboglia, 1963, pp. 184-186.

(42) Manuela Delgado, 1967, pp. 91 a 93 e Est. IV n.ºs 49 e 51.

***Est. III—6***

Tigela

Funda, de parede encurvada e bordo em forma de aba horizontal, cujo lábio realça e pende em parede vertical. A aresta superior do lábio é dentada e sobre a face superior da aba corre uma canelura. A tigela assenta sobre um fundo levemente realçado formando um falso pé.

Grupo 4 — Tipo B — Variante 1 — O engobe, muito pouco espesso e opaco na face interna não chega a cobrir o fundo. Sobre a aba e parte da parede externa é muito pouco uniforme e parece uma simples aguada.

Proveniência: Represas, Beja.

**Forma 57 de Lamboglia (43).**

**Esta forma que devia formar serviço com os grandes pratos 56 é conhecida em toda a bacia do Mediterrâneo, incluindo Antioquia onde, porém, Waagé a considera rara.**

**Em Conímbriga existe um fragmento proveniente de antigas escavações (44).**

***Est. III—1***

Fragmento de tigela

Forma 57, semelhante à anterior.

Grupo 4 — Tipo B — Variante 1

Proveniência: Represas, Beja

***Est. III— 12***

Fragmento de prato

Grande prato covo de paredes encurvadas e bordo em forma de aba larga horizontal. Duas incisões correm, respectivamente, ao longo dos limites externos e internos da aba formando entre si um ressalto. Fundo interno realçado, sem canelura.

(43) Lamboglia, 1963, p. 204.

(44) Manuela Delgado, 1967, p. 111 e Est. VII, n.º 94.

lura. Fundo externo levemente reaçaldado, quase plano. O fragmento não permite ver se existia motivo estampado.

Grupo 4 — Tipo B

Proveniência: Aljustrel

Forma 51 de Lamboglia (45).

Esta forma teve urna larga difusão em toda a bacia do Mediterrâneo. Em Conímbriga existem numerosos fragmentos, de antigas e novas escavações (46).

Rigaud de Sousa publica 1 exemplar desta forma com decoração estampada no fundo interno proveniente duma sepultura da necrópole do Bairral (47).

Niño Lamboglia admite que ela seja urna das mais antigas da Terra Sigillata Clara D, pois em Albintimilium aparece já em estratos dos fins do século m d.C., e que derive da forma 32 da Terra Sigillata Clara B.

É muito comum em todas as estações mediterrânicas do século iv, data que para ela propõe também Waagé.

### *Est. ///* — 13

Fragmento de prato

Forma 51, com a aba levemente inclinada para o interior e o fundo externo reaçaldado, ao que corresponde uma canelura interna.

Grupo 4 — Tipo B — Sinais de fogo em todo o prato, especialmente nos fundos interno e externo.

Proveniência: Largo da Sé, Faro

*Não desenhado*

Fragmento de prato

Forma 51, com aba horizontal e parede muito mais espessa que as anteriores. Grupo 4 — Tipo B — O engobe é mais brilhante que nos exemplares anteriores e a pasta de grão mais fino.

Proveniência: Largo da Sé, Faro

(45) Lamboglia, 1963, pp. 194-196.

(46) Manuela Delgado, 1967, pp. 98-101 e Est. IV, n.ºs 58, 60, 61.

(47) Rigaud de Sousa, separata da *Revista de Etnografia*, n.º 17, p. 5.

***Est. III — 10***

Fragmento de prato

Forma 51, com a aba levemente inclinada para o interior e parede particularmente espessa.

Grupo 4 — Tipo B — Engobe mais brilhante, tal como no fragmento anterior.

Pasta com desengordurante abundante e alguma mica.

Proveniência: Largo da Sé, Faro

***Est. III— 11***

Fragmento de prato

Variante 51A de Lamboglia com a parede externa ornamentada de caneluras verticais incisais. A estas caneluras correspondem gomos na face interna, provenientes do rebaixamento da parede.

Grupo 4 — Tipo B

Proveniência: Represas, Beja

**Esta variante, também muito comum, está representada em Conímbriga por vários fragmentos (48).**

**Russel Cortez publicou um exemplar proveniente de Fonte do Milho (Canelas do Douro) (49).**

***Est. ///— 14***

Fragmento de prato

Variante da forma 51 com aba inteiramente lisa e parede menos encurvada. O fragmento não permite ver o fundo.

Grupo 4 — Tipo B — Variante 1 — O engobe escorre sobre a parte superior da aba e da parede como uma simples aguada.

Proveniência: Represas, Beja

(48) Manuela Delgado, 1967, Est. V, n.ºs 62, 64, 66.

(49) Russel Cortez, 1951, p. 33.

*Est. III—16*

Fragmento de prato

Parede em quarto de círculo um pouco alargado e bordo em forma de aba muito estreita. Sobre a face superior da aba corre uma fina canelura. Fundo externo levemente realçado. Fundo interno plano e liso.

Grupo 4 — Tipo A — Na face externa o engobe desce quase até ao fundo do prato.

A pasta é rosada.

Proveniência: Represas, Beja

Forma 52 de Lamboglia (50).

Esta forma admite variantes com parede em perfeito quarto de círculo e pé muito reduzido que Lamboglia considera a mais típica, pé menos reduzido e parede mais aberta e fundo completamente plano e parede aberta e espessa. Alguns exemplares possuem decoração estampada sobre o fundo interno.

Teve uma larga difusão na bacia do Mediterrâneo e em Conímbriga existem inúmeros fragmentos, alguns dos quais permitiram reconstituir vários exemplares. Nenhum deles, porém, corresponde à forma típica de Barcelona, nem tem decoração estampada (51).

Forma corrente em todos os estratos do século iv.

*Est. III—15*

Fragmento de prato

Baixo, de paredes encurvadas e bordo triangular.

Grupo 4 — Tipo B

Proveniência: Concelho de Eivas

Forma 54 de Lamboglia (52).

Os exemplares desta forma, publicados por Lamboglia, têm um

(50) Lamboglia, 1963, pp. 196-197.

(51) Manuela Delgado, 1967, pp. 101-102 e Est. V n.ºs 63, 65, 67, 68, 69, 70, 71.

(52) Lamboglia, 1963, pp. 198-201.

pé muito reduzido e decoração estampada no fundo interno, e apresentam variantes no bordo cujo ângulo inferior, muito elevado, médio ou baixo, implicam paredes externas do bordo muito oblíquas ou quase verticais.

Esta forma teve uma larga difusão em toda a bacia do Mediterrâneo e é também muito frequente em Conímbriga. Os fragmentos já estudados, provenientes de antigas escavações, apresentam as variantes de bordo apontadas mas nenhum permite ver o fundo (53).

Rigaud de Sousa publica um exemplar completo proveniente duma sepultura da necrópole do Bairral com fundo externo apenas realçado e com duas caneluras concêntricas no fundo interno sem decoração (54).

Lamboglia data-a dos fins do século m e século iv d.C. Waagé considera esta forma, com decoração estampada, a mais frequente do fabrico Late Roman B nos séculos m e iv.

Gabriela Martin Avila publicou 2 fragmentos desta forma em Terra Sigillata Clara C (55).

MANUELA DELGADO

**Bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian**

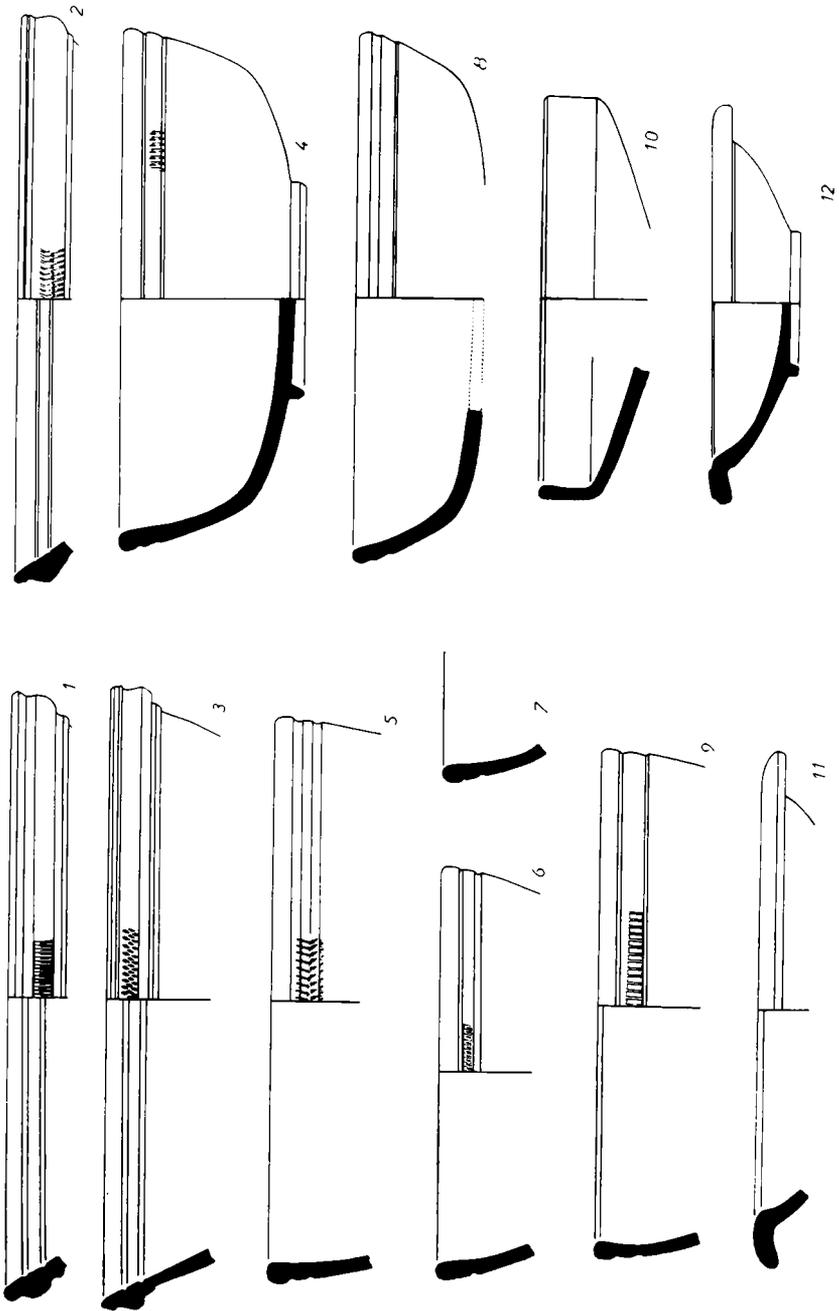
(53) Manuela Delgado, 1967, pp. 103 a 106 e Est. V n.ºs 73, 74; Est. VI, 75 a 78.

(54) Rigaud de Sousa, *ob. cit.*, p. 7.

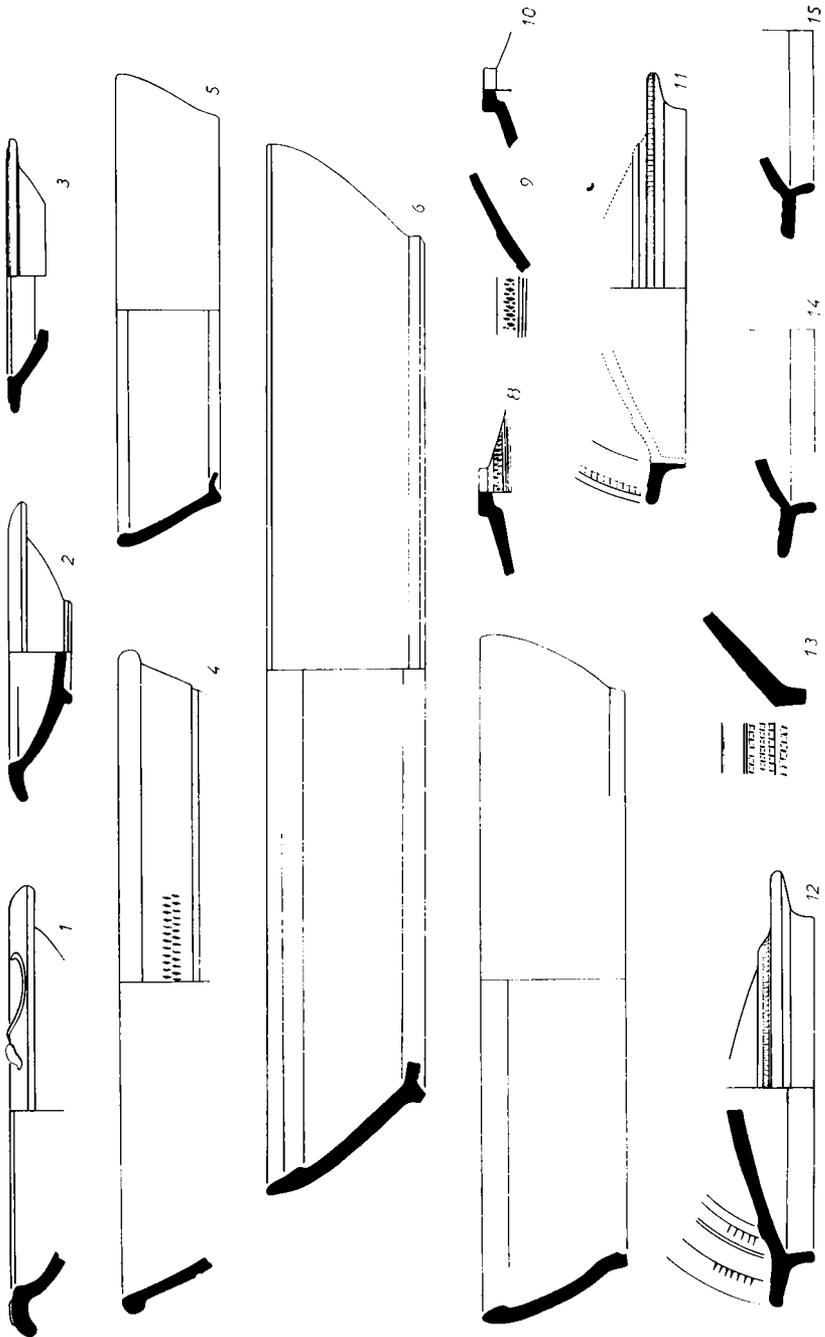
(55) Martin Avila, 1962, p. 100 e fig. 5, n.ºs 58 e 59.

## ABREVIATURAS USADAS

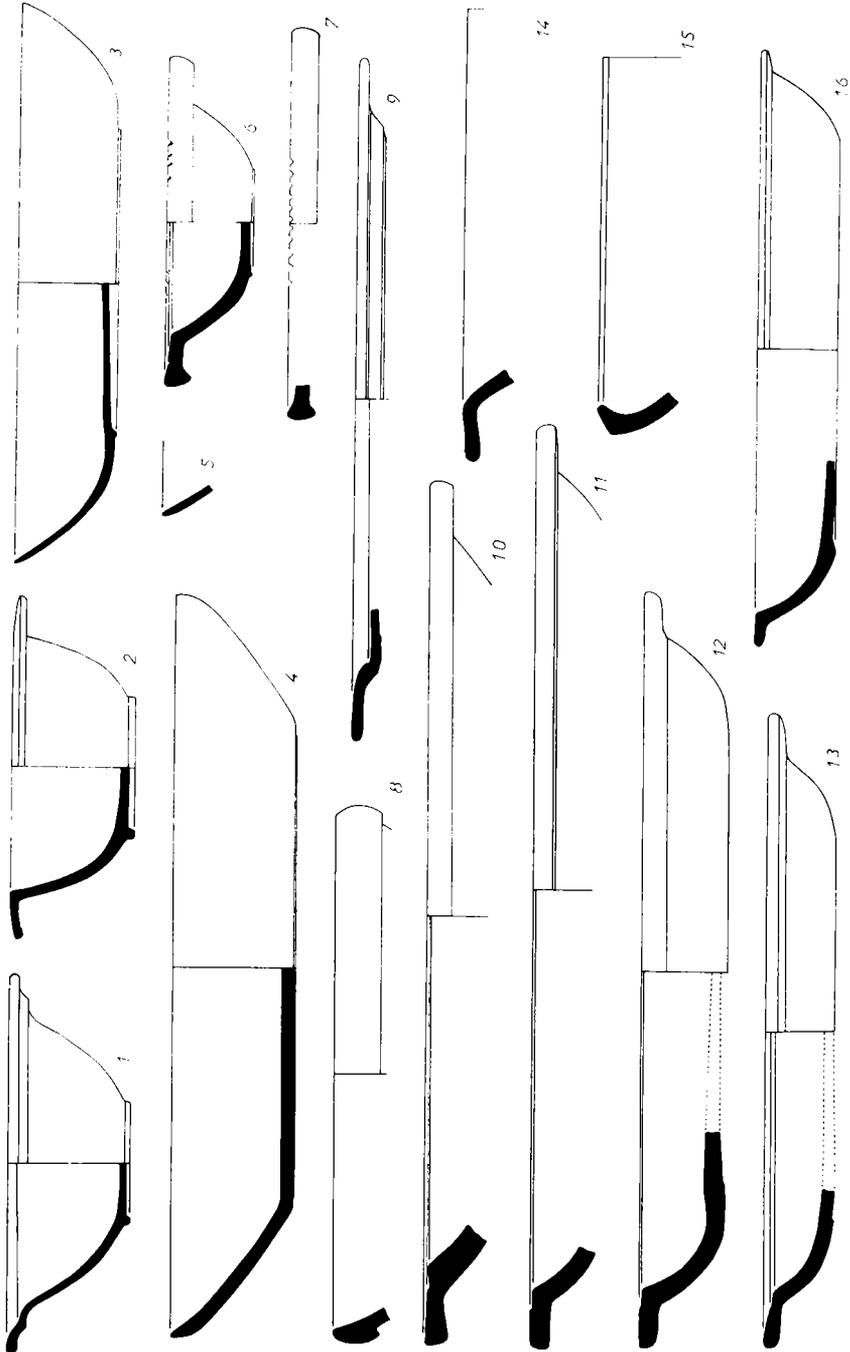
- ALARCÃO, 1966: Jorge e Adília Alarcão, «O espólio da necrópole de Valdoca (Aljustrel)» in *Conimbriga*, V, (1966), pp. 7-104.
- BARADEZ, 1961: J. Baradez, «Nouvelles fouilles à Tipasa — La maison des fresques et les voies la limitant — Annexe 1 — La céramique et les lampes à huile», in *Lybica*, IX, (1961), pp. 114-130.
- LAMBOGLIA, 1958: N. Lamboglia, «Nuove osservazioni sulla “Terra Sigillata chiara” (Tipi A e B)» in *Rivista di Studi Liguri*, XXIV, n.º 3-4, (1958), pp. 257-330.
- 1963: N. Lamboglia, «Nuove osservazioni sulla “Terra Sigillata chiara”» in *Rivista di Studi Liguri*, XXIX, n.º 1-4, (1963), pp. 145-211.
- MANUELA DELGADO, 1967: Manuela Delgado, «Terra Sigillata Clara de Conimbriga» in *Conimbriga*, VI, (1967), pp. 47-128.
- MARTIN AVILA, 1962: Gabriella Martin Avila, «Estudio de los materiales arqueológicos hallados en el subsuelo del palácio de la Generalidad de Valencia» in *Saitabi*, XII, (1962), pp. 98-102.
- PALLARES, 1959: Francisca Pallarés, «Notas complementarias sobre “Terra Sigillata clara”» in *Rivista di Studi Liguri*, XXV (1959), pp. 232-235.
- 1960: Francisca Pallarés, «Notas complementarias sobre “Terra Sigillata clara” — Sigillata Clara A en el Museo de Copenhague» in *Rivista di Studi Liguri*, XXVI, n.º 1-4, (1960), pp. 264-288.
- PONSICH et TARRADEL, 1965: M. Pousich et M. Tarradel, *Garum et Industries Antiques de Salaison dans la Méditerranée Occidentals*, Paris, 1965.
- RUSSELL CORTEZ, 1951: F. Russell Cortez, «Da terra sigillata tardia encontrada em Portugal» in *Beira Alta*, X, (1951), pp. 3-70.
- WAAGÉ, 1948: Frederick O. Waagé, *Antioch-on-the-Orontes, IV, Part one, Ceramics and Islamic Coins*, Princeton, 1948.



Escala 1 : 3



Escala 1 : 3



Escala 1 : 3

(Página deixada propositadamente em branco)

## ALFINETES DE TOUCADO, ROMANOS, DE CONIMBRIGA

O alfinete, a que os Romanos chamavam *acus*, existiu desde os primeiros tempos e pode considerar-se, portanto, como uma das mais antigas invenções.

Fabricaram-se os alfinetes romanos em variados materiais: osso, marfim, madeiras duras, cobre, bronze e ferro, sem falar, como é óbvio, nos metais ricos — ouro e prata.

Os alfinetes apresentam múltiplas formas bem como diversos motivos ornamentais. Uns têm a cabeça de formas simples, esféricas, bicónicas, prismáticas, afeiçoadas à maneira de cebola, de pinha, de chama; outros têm cabeças figurativas, que representam bustos, cabeças, mãos, animais, dados; alguns têm pedras incrustadas, outros cadeias pendentes.

As suas dimensões são, também, muito variáveis; há-os desde os mais pequeninos, que não ultrapassam três centímetros de comprimento, até aos de tamanho avantajado.

Tinham diversas aplicações: uns serviam para segurar várias peças de vestuário, enquanto outros eram usados nos cabelos — *acus crinalis* ou *comatoria*. É de notar a existência de alfinetes ocios destinados a guardar perfumes ou venenos. Estes alfinetes serviam, inclusivamente, de armas de tortura nas mãos de damas vingativas e cruéis, que os empregavam para martirizarem os seus escravos.

No *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, dirigido por Saglio e Daremberg, o leitor encontrará uma introdução ao estudo dos alfinetes que nos dispensamos de reproduzir. Neste artigo pretendemos apresentar os alfinetes de toucado encontrados em escavações antigas (anteriores a 1962) de Conímbriga. Intentámos uma tipologia,

na esteira de Beckmann (1), que realizou idêntico trabalho sobre os alfinetes romanos achados na Germânia não-romana. Não podemos, todavia, apresentar, como fez aquele autor, uma cronologia dos tipos. Os achados que aqui estudamos não têm qualquer referência estratigráfica e o estudo comparativo que empreendemos não trouxe grandes resultados. Esse estudo foi puramente bibliográfico, pois não pudemos correr museus. Ora na bibliografia arqueológica romana não se encontram com frequência publicados alfinetes de toucado; outras vezes, os que se encontram não são datados com rigor. Assim, os paralelos que publicamos são poucos, sobretudo porque só para as formas menos comuns é que resolvemos citar todos os paralelos que encontramos, datados ou não; para as formas mais correntes só incluímos os paralelos encontrados quando datáveis com rigor.

Agradecemos ao Senhor Dr. J. M. Bairrão Oleiro, director do Museu Monográfico de Conímbriga ao tempo em que começámos este trabalho, a autorização que nos concedeu para realizarmos este estudo; à Senhora Dr.<sup>a</sup> D. Adília Alarcão, actual directora do Museu, o auxílio que nos concedeu no desenho das peças; ao Senhor Dr. Jorge de Alarcão, a sugestão do tema e a orientação na revisão do trabalho.

## CLASSIFICAÇÃO TIPOLÓGICA

### ALFINETES DE OSSO

#### A — Alfinetes simples

##### I — Cabeças cónicas.

1. Bicónica (1-12)
2. Bicónica com disco entre os cones (13-14)
3. Cone assente num disco (15)
4. Cone assente num tronco de cone (16)
5. Cone assente directamente no pé (17-18)

(1) Bernard Beckmann, «Stüdien fiber die Mettlnadeln der romischen Kaiserzeit im freien Germanien», *Saalburg Jahrbuch*, XXIII (1966), pp. 12 e ss.

II — Cabeça piramidal.

1. Pirâmide sobre prisma (19-20)
2. Tronco de pirâmide sobre prisma (21)
3. Pirâmide sobre tronco de pirâmide e disco entre elas (22)
4. Pirâmide sobre tronco de pirâmide (23)
5. Pirâmide sobre prisma rectangular separados por estrangulamento (24)
6. Prisma rectangular rematado por pirâmide (25)

III — Cabeça em forma de paralelepípedo

1. Paralelepípedo chanfrado (26)
2. Paralelepípedo simples (27)

IV — Cabeça em forma de diamante (28-33)

V — Cabeça esferoidal (34-41)

VI — Cabeça parabólica (42-44)

VII — Cabeça oval (45-49)

VIII — Cabeça barrilóide (50-51)

IX — Cabeça discoide (52)

X — Cabeça em forma de cebola (53-56)

XI — Cabeça em forma de cálice de papoila (57-62)

XII — Cabeça em forma de roca (63-65)

XIII — Cabeça em forma de pinhão (66)

XIV — Cabeça em forma de dardo (67-68)

XV — Cabeça marcada por uma ranhura (69)

XVI — Sem cabeça (70-71)

B — Alfinetes ornamentados

I — Cabeça assente em toros

1. Cordiforme (72)
2. Em amêndoa (73)
3. Esferoidal (74-75)

II — Cabeça em andares sobrepostos

1. Em forma de balaustre (76-77)
2. Com anéis variados (78-80)
3. Com toros e remate em forma de sinete (81)

III — Cabeças estriadas

1. Ovóide (82)
2. Elipsoide (83)
3. Aguçada (84-87)

IV — Alfinetes de cabeça figurativa (88-92)

V — Alfinete de cabeça com incrustação (93)

## ALFINETES DE BRONZE

## A — Alfinetes simples

## I — Cabeça cónica

1. Bicónica (94)
2. Cone assente num tronco de cone (95-96)
3. Bitroncocónica (97)

## II — Cabeça piramidal

1. Pirâmide assente directamente ao pé (98)
2. Pirâmide assente num cubo (99)

## III — Cabeça prismática

1. Prisma hexagonal (100)
2. Prisma recto (101)

## IV — Cabeça em forma de diamante (102-104)

## V — Cabeça esferoidal (105-108)

## VI — Cabeça em forma de calote esférica

1. Assente directamente no pé (109)
2. Assente num tronco de cone (110)

## VII — Cabeça discoide

1. Com um só disco (111-112)
2. Com dois discos sobrepostos (113)

## VIII — Cabeça espatulada (114)

## IX — Cabeça indefinida (115-116)

## B — Alfinetes ornamentados

## I — Cabeça assente em toros

1. Cónica (117)
2. Em forma de calote esférica (118)

## II — Cabeça em andares sobrepostos

1. Em forma de balaustre (119-120)
2. Com anéis vários (121)

## III — Cabeça ou parte terminal estriada

1. Cabeça (122-123 e 125)
2. Parte terminal (124 e 126)

- IV — Cabeça prismática (127-128)
- V — Cabeça com anéis vários sobrepostos (129)
- VI — Cabeça em forma de calote esférica assente num tronco de cone (130)
- VII — Cabeça em forma de parafuso (131)
- VIII — Cabeça aguçada superiormente (132)
- IX — Cabeça com incrustação (133-136)
- X — Cabeça com pingentes (137-141)

ALFINETE DE PRATA (142)

## DESCRIÇÃO (2)

ALFINETES DE OSSO

- 1 — Cabeça bicónica. Cones iguais. Arestas vivas.  
Altura total: 87 mm. Altura da cabeça: 7,5 mm.  
Completo.
- 2 — Cabeça bicónica como a do anterior, mas mais alta.  
Altura total: 94 mm. Altura da cabeça: 5,5 mm. Diâmetro maior da cabeça: 7,5 mm.  
Completo.
- 3 — Cabeça bicónica como a do anterior, mas ainda mais alta.  
Altura total: 71 mm. Altura da cabeça: 7 mm. Diâmetro maior da cabeça: 8 mm.  
Incompleto.
- 4 — Cabeça bicónica como a do anterior, mas mais pequena.  
Altura total: 98 mm. Altura da cabeça: 3 mm. Diâmetro maior da cabeça: 6 mm.  
Incompleto.
- 5 — Cabeça bicónica como a do anterior, mas mais alta.  
Altura total: 58 mm. Altura da cabeça: 4 mm. Diâmetro maior da cabeça: 5,2 mm.  
Incompleto.
- 6 — Cabeça bicónica como a do anterior, mas ainda mais alta.  
Altura total: 60 mm. Altura da cabeça: 5,2 mm. Diâmetro maior da cabeça: 6 mm.  
Completo.

(2) A secção de todos os alfinetes é circular, salvo indicação contrária.

- 7 — Cabeça bicônica. Cones desiguais — o superior mais alto que o inferior.  
Arestas vivas.  
Altura total: 59 mm. Altura da cabeça: 8 mm. Diâmetro maior da cabeça: 7,5 mm.
- 8 — Cabeça bicônica, de cone superior mais baixo que o inferior.  
Altura total: 69 mm. Altura da cabeça: 5,5 mm. Diâmetro maior da cabeça: 8 mm.  
Incompleto.
- 9 — Cabeça bicônica. Cones iguais. Perfil boleado.  
Altura total: 10 mm. Altura da cabeça: 4,5 mm. Diâmetro maior da cabeça: 6 mm.  
Incompleto.
- 10 — Cabeça bicônica como a do anterior, mas maior.  
Altura total: 74 mm. Altura da cabeça: 6,5 mm. Diâmetro maior da cabeça: 8 mm.  
Incompleto.
- 11 — Cabeça bicônica como a do anterior, mas mais boleada.  
Altura total: 87,5 mm. Altura da cabeça: 4,5 mm. Diâmetro maior da cabeça: 7 mm.  
Completo.
- 12 — Cabeça bicônica com o cone superior regular e o inferior de arestas vivas.  
Altura total: 75 mm. Altura da cabeça: 4,5 mm. Diâmetro maior da cabeça: 6 mm.
- 13 — Cabeça bicônica, com disco entre os cones.  
Altura total: 89,5 mm. Altura da cabeça: 4,2 mm. Diâmetro maior da cabeça: 6 mm.  
Incompleto.
- 14 — Cabeça como a do anterior, mas de disco maior.  
Altura total: 60 mm. Altura da cabeça: 5,2 mm. Diâmetro maior da cabeça: 7 mm.  
Incompleto.

**Os alfinetes de cabeça bicônica são muito comuns. Em Conímbriga, provenientes das escavações antigas, há mais de 132 deste tipo. Beckmann integra no seu subgrupo VI b um alfinete do mesmo**

tipo, mas em bronze (forma 105) e data-o do século n d.C. É possível, todavia, que este tipo, pela sua simplicidade, tenha uma cronologia muito mais dilatada.

15— Cabeça de cone sobre disco.

Altura total: 9,5 mm. Altura da cabeça: 2,8 mm. Diâmetro maior da cabeça: 4 mm.

Completo.

16— Cone assente num tronco de cone. Arestas vivas.

Altura total: 107 mm. Altura da cabeça: 5 mm. Diâmetro maior da cabeça: 7 mm.

incompleto.

Há mais 9 alfinetes de cabeça em forma de cone assente num tronco de cone. É uma forma comum, que se fabricou também em bronze. Beckmann, em cuja tipologia esta forma tem o número 77, data-a do século ii ao iv d.C.

17— Cone assente directamente no pé.

Altura total: 51 mm. Altura da cabeça: 3,5 mm. Diâmetro maior da cabeça: 8 mm.

Incompleto.

18— Cabeça igual à do anterior, mas mais pequena.

Altura total: 60,5 mm. Altura da cabeça: 3 mm. Diâmetro da cabeça: 4,5 mm.

Completo.

Este tipo de cabeça cónica assente directamente no pé também se fabricou em bronze, pelo menos desde os inícios da nossa era até aos meados do século n (Beckmann, tipo 54). Em Conimbriga há mais 11 alfinetes do mesmo tipo.

19— Pirâmide assente num prisma.

Altura total: 53 mm. Altura da cabeça: 5 mm. Diâmetro maior da cabeça: 7 mm.

Incompleto.

20— Pirâmide assente num prisma.

Altura total: 50 mm. Altura da cabeça: 4,5 mm. Diâmetro maior da cabeça: 4,5 mm.

Incompleto.

- 21—Cabeça piramidal. Tronco de pirâmide assente num prisma.  
Altura total: 61 mm. Altura da cabeça: 4 mm. Largura máxima da cabeça: 4,5 mm.  
Completo.
- 22—Cabeça piramidal. Pirâmide sobre tronco de pirâmide e disco entre elas.  
Altura total: 47 mm. Altura da cabeça: 6,5 mm. Diâmetro maior da cabeça: 6,5 mm.  
Incompleto.

**Há em Conimbriga mais 9 alfinetes deste tipo.**

- 23—Pirâmide assente num tronco de pirâmide. Secção oval.  
Altura total: 100 mm. Altura da cabeça: 9 mm. Diâmetro maior da cabeça: 7,5 mm.  
Incompleto.
- 24—Cabeça piramidal. Pirâmide sobre prisma rectangular separados por estrangulamento.  
Altura total: 65 mm. Altura da cabeça: 7,5 mm. Largura máxima da cabeça: 3,8 mm.  
Incompleto.
- 25—Cabeça piramidal. Prisma rectangular rematado por pirâmide.  
Altura total: 36,5 mm. Altura da cabeça: 7 mm. Diâmetro maior da cabeça: 4 mm.  
Incompleto.

**Há mais 12 alfinetes deste tipo.**

- 26—Cabeça em forma de paralelepípedo chanfrado.  
Altura total: 65 mm. Altura da cabeça: 8 mm. Largura máxima da cabeça: 6,5 mm.  
Incompleto.

**Há mais 6 alfinetes deste tipo.**

- 27—Cabeça em forma de paralelepípedo.  
Altura total: 68 mm. Altura da cabeça: 4 mm. Largura máxima da cabeça: 3,5 mm.  
Incompleto.

**Há mais 3 alfinetes deste tipo.**

- 28 — Cabeça em forma de diamante.  
Altura total: 71 mm. Altura da cabeça: 4 mm. Largura máxima da cabeça: 3 mm.  
Incompleto.
- 29 — Cabeça em forma de diamante.  
Altura total: 49 mm. Altura da cabeça: 5,5 mm. Largura máxima da cabeça: 5 mm.  
Incompleto.
- 30 — Cabeça em forma de diamante.  
Altura total: 80 mm. Altura da cabeça: 6 mm. Largura média da cabeça: 5 mm.  
Completo.
- 31 — Cabeça em forma de diamante.  
Altura total: 89 mm. Altura da cabeça: 5,5 mm. Diâmetro maior da cabeça: 6 mm.  
Completo.
- 32 — Cabeça em forma de diamante, mas menor.  
Altura total: 73,5 mm. Altura da cabeça: 4 mm. Diâmetro maior da cabeça: 4 mm.  
Incompleto
- 33 — Cabeça em forma de diamante, cortada superiormente.  
Altura total: 60 mm. Altura da cabeça: 5 mm. Diâmetro maior da cabeça: 5 mm.  
Incompleto.

**Há mais 37 alfinetes de cabeça em forma de diamante.**

- 34 — Cabeça esferoidal. Cabeça totalmente esférica.  
Altura total: 98 mm. Diâmetro da cabeça: 5 mm.  
Completo.
- 35 — Cabeça esferoidal. Cabeça mais larga que alta.  
Altura total: 49 mm. Altura da cabeça: 5 mm. Diâmetro da cabeça: 6 mm.  
Incompleto.
- 36 — Cabeça esferoidal como a do anterior, mais pequena.  
Altura total: 64 mm. Altura da cabeça: 4 mm. Diâmetro da cabeça: 5 mm.  
Completo.

- 37 — Cabeça esferoidal. Cabeça mais alta do que larga.  
 Altura total: 68 mm. Altura da cabeça: 7 mm. Diâmetro da cabeça:  
 5.5 mm.  
 Completo.

**Os alfinetes de cabeça quase esférica, mas ligeiramente alongada, encontram-se com materiais do século I d.C. ou de inícios do II (3).**

- 38 — Cabeça esferoidal como a do anterior, mas menor.  
 Altura total: 45,5 mm. Altura da cabeça: 5 mm. Diâmetro da cabeça:  
 4 mm.  
 Incompleto.
- 39 — Cabeça esferoidal, cortada na base.  
 Altura total: 43 mm. Altura da cabeça: 8 mm. Diâmetro da cabeça:  
 9.6 mm.  
 Incompleto.
- 40 — Cabeça esferoidal como a do anterior, mas menor.  
 Altura total: 53 mm. Altura da cabeça: 6 mm. Diâmetro da cabeça:  
 7 mm.  
 Incompleto.
- 41 — Cabeça esferoidal como a do anterior, mas ainda menor.  
 Altura total: 96 mm. Altura da cabeça: 3,5 mm. Diâmetro da cabeça:  
 4,5 mm.  
 Completo.

**Há mais 40 alfinetes de cabeça esferoidal.**

- 42 — Cabeça parabólica.  
 Altura total: 73 mm. Altura da cabeça: 5,5 mm. Diâmetro maior da  
 cabeça: 6 mm.  
 Incompleto.

(3) J. Leite de Vasconcelos, «Sepultura de Galla», *O Archeólogo Português*, XXVIII (1927-29); A. Dumoulin, «Recherches archéologiques dans la région d'Apt», *Gallia*, XVI (1958), p. 209; H. Gunther-Simon, «Die römischen Funde aus den Grabungen in Gross-Gerau 1962-63», *Saalburg Jahrbuch*, XXII (1965), p. 53 e fig. 7, 3; Günther Ulbert, *Die römischen Donau-Kastelle Aisligen und Burghofe*, Berlim, 1959, est. 26, 36. Todavia, alfinetes do mesmo tipo aparecem em Alcludia juntamente com materiais dos séculos II e III d.C. (A. Ramos Folqués, «Unos pozos manantiales de época romana en la Alcludia de Elche», *Archivo Español de Arqueología*, XXXVI (1963), p. 240, fig. 15. O autor considera estes objectos como *stili* e não como alfinetes de toucado).

- 43 — Cabeça parabólica como a do anterior, mas menor.  
Altura total: 74 mm. Altura da cabeça: 5 mm. Diâmetro maior da cabeça: 5,5 mm.  
Incompleto.
- 44 — Cabeça parabólica como a do anterior, mas ainda menor.  
Altura total: 54 mm. Altura da cabeça: 4 mm. Diâmetro maior da cabeça: 3,5 mm.  
Incompleto.
- Beckmann atribui à primeira metade do século i d.C. um alfinete de cabeça semelhante à destes três últimos, mas de bronze (forma 50 da sua tipologia).**
- 45 — Cabeça oval irregular.  
Altura total: 63 mm. Altura da cabeça: 8,5 mm. Diâmetro maior da cabeça: 6,5 mm.  
Incompleto.
- 46 — Cabeça oval como a do anterior, mas mais pequena.  
Altura total: 61 mm. Altura da cabeça: 6 mm. Diâmetro maior da cabeça: 5 mm.  
Incompleto.
- 47 — Cabeça oval regular. Pé de secção oval.  
Altura total: 91 mm. Altura da cabeça: 9 mm. Diâmetro da cabeça: 7 mm.  
Completo.
- 48 — Cabeça oval como a do anterior, mas mais pequena.  
Altura total: 62 mm. Altura da cabeça: 7 mm. Diâmetro maior da cabeça: 6 mm.  
Incompleto.
- 49 — Cabeça oval como a do anterior, mas ainda mais pequena.  
Altura total: 58 mm. Altura da cabeça: 5 mm. Diâmetro maior da cabeça: 4 mm.  
Incompleto.

**Em Tosai de Manises (Alicante), num espólio do século i d.C., encontraram-se alfinetes semelhantes (4). Dada a simplicidade da**

(4) J. Belda, «Museo Arqueológico Provincial de Alicante», *Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales*, VI (1945), est. LXXV.

**forma, é todavia possível que se tenham fabricado noutras épocas.  
Há em Conímbriga mais 3 alfinetes de cabeça oval.**

50 — Cabeça barrilóide.

Altura total: 20 mm. Altura da cabeça: 11 mm. Diâmetro maior da cabeça: 10,5 mm.

Incompleto.

51 — Cabeça barrilóide como a do anterior, mas mais pequena.

Altura total: 64,5 mm. Altura da cabeça: 7,5 mm. Diâmetro maior da cabeça: 6 mm.

Incompleto.

**Há ainda outro alfinete de cabeça barrilóide.**

52 — Cabeça discoide.

Altura total: 60,5 mm. Altura da cabeça: 2,5 mm. Diâmetro maior da cabeça: 8,5 mm.

Incompleto.

**Há ainda outro alfinete deste tipo.**

53 — Cabeça em forma de cebola.

Altura total: 60 mm. Altura da cabeça: 7,5 mm. Diâmetro da cabeça: 7,5 mm.

Incompleto.

54 — Cabeça em forma de cebola.

Altura total: 84 mm. Altura da cabeça: 6 mm. Diâmetro da cabeça: 6,8 mm.

Incompleto.

55 — Cabeça em forma de cebola como a do anterior, mas menor.

Altura total: 54,5 mm. Altura da cabeça: 4,2 mm. Diâmetro da cabeça: 4 mm.

Completo.

56 — Cabeça em forma de cebola como a do anterior.

Altura total: 90,5 mm. Altura da cabeça: 4,5 mm. Diâmetro da cabeça: 4,1 mm.

Completo.

**Há mais 9 alfinetes de cabeça em forma de cebola.**

- 57 — Cabeça em forma de cálice de papoila.  
Altura total: 75 mm. Altura da cabeça: 11,5 mm. Diâmetro maior da cabeça: 8 mm.  
Incompleto.
- 58 — Cabeça em forma de cálice de papoila.  
Altura total: 80 mm. Altura da cabeça: 10 mm. Diâmetro maior da cabeça: 7,5 mm.  
Completo.
- 59 — Cabeça em forma de cálice de papoila.  
Altura total: 19 mm. Altura da cabeça: 9 mm. Diâmetro maior da cabeça: 8 mm.  
Incompleto.
- 60 — Cabeça em forma de cálice de papoila.  
Altura total: 97,5 mm. Altura da cabeça: 15 mm. Diâmetro maior da cabeça: 6,5 mm.  
Completo.
- 61 — Cabeça em forma de cálice de papoila.  
Altura total: 95,5 mm. Altura da cabeça: 16,5 mm. Largura máxima da cabeça: 6,5 mm.  
Completo.
- 62 — Cabeça em forma de cálice de papoila.  
Altura total: 48 mm. Altura da cabeça: 13,5 mm. Diâmetro maior da cabeça: 6,5 mm.  
Incompleto.

**Há mais 47 alfinetes de cabeça em forma de papoila.**

- 63 — Cabeça em forma de roca.  
Altura total: 89 mm. Altura da cabeça: 11,5 mm. Diâmetro maior da cabeça: 6,5 mm.  
Completo.
- 64 — Cabeça em forma de roca.  
Altura total: 75 mm. Altura da cabeça: 15 mm. Diâmetro maior da cabeça: 7 mm.  
Completo.
- 65 — Cabeça em forma de roca.  
Altura total: 81 mm. Altura da cabeça: 12,5 mm. Diâmetro maior da cabeça: 7,5 mm.  
Incompleto.

**Há mais 10 alfinetes de cabeça em forma de roca.**

**Num sarcófago de época romana tardia, em Stackeden (Mogúncia) Stumpel encontrou um alfinete semelhante (5).**

66 — Cabeça em forma de pinhão.

Altura total: 72,5 mm. Altura da cabeça: 11,5 mm. Diâmetro maior da cabeça: 6 mm.

Incompleto.

67 — Cabeça em forma de dardo.

Altura total: 65 mm. Altura da cabeça: 15 mm. Diâmetro maior da cabeça: 6,5 mm.

Incompleto.

68 — Cabeça em forma de dardo como a do anterior, mas mais pequena.

Altura total: 48 mm. Altura da cabeça: 4,8 mm. Diâmetro maior da cabeça: 2,8 mm.

Incompleto.

**Há mais 8 alfinetes deste tipo em Conímbriga.**

**Leite de Vasconcelos publicou, de uma sepultura do século i d.C. encontrada em Troia (Setúbal), um alfinete do mesmo tipo (6).**

69 — Cabeça rectangular. Pé de secção oval.

Altura total: 81 mm. Altura da cabeça: 3,5 mm. Largura máxima da cabeça: 2,5 mm.

Completo.

70 — Alfinete sem cabeça definida. Extremidade superior ponteaguda. Pé de secção quase losangonal.

Altura total: 52 mm. Diâmetro maior: 5 mm.

Incompleto.

**Na sepultura de Galla, atrás citada a propósito do nosso alfinete 68, também se encontraram dois alfinetes com cabeça ponteaguda.**

(5) B. Stumpel, «Bodendenkmalpflege — Bericht 1957/58», *Mainzer-Zeitschrift*, 54 (1959), p. 77, fig. 25, 4.

(6) J. Leite de Vasconcelos, «Sepultura de Galla», *O Archeólogo Português*, XXVIII (1927-29), p. 57.

- 71 — Alfinete sem cabeça definida. Extremidade superior em forma de pirâmide.  
Altura total: 72 mm. Diâmetro maior: 5 mm.  
Completo.

**Há mais 8 alfinetes sem cabeça distinta do pé.**

- 72 — Cabeça cordiforme assente em dois toros.  
Altura total: 68 mm. Altura da cabeça: 9 mm. Diâmetro maior da cabeça:  
8.5 mm.  
Incompleto.
- 73 — Cabeça em amêndoa assente em 5 toros decrescentes e de secção oval.  
Altura total: 26,5 mm. Altura da cabeça: 14 mm. Diâmetro maior da  
cabeça: 14 mm.  
Incompleto.
- 74 — Cabeça esferoidal assente num toro.  
Altura total: 70 mm. Altura da cabeça: 6,5 mm. Diâmetro maior da  
cabeça: 5 mm.  
Incompleto.
- 75 — Cabeça esferoidal como a do anterior, mas mais pequena.  
Altura total: 47 mm. Altura da cabeça: 6 mm. Diâmetro maior da cabeça:  
3.5 mm.  
Incompleto.
- 76 — Cabeça em forma de balaustre: parte bojuda central assente num toro e  
encimada por outro toro recortado. Pé de secção oval.  
Altura total: 57 mm. Altura da cabeça: 14,5 mm. Diâmetro maior da  
cabeça: 6,5 mm.  
Incompleto.
- 77 — Cabeça em forma de balaustre: parte bojuda central assente em dois toros  
e culminando num tronco de cone com um pequeno orifício médio.  
Altura total: 35 mm. Altura da cabeça: 14 mm. Diâmetro maior da cabeça:  
6.5 mm.  
Incompleto.

**Em Wroxeter (Inglaterra) encontrou-se um alfinete semelhante,  
que Bushe-Fox publicou (7).**

(7) J. P. Bushe-Fox, *Second report on the excavations on the site of the Roman town at Wroxeter (Shropshire)*, Oxford, 1914, est. X, 2.

- 78 — Cabeça em andares sobrepostos. Combinação profusa de toros com pérolas de diâmetros decrescentes da cabeça para o pé.  
Altura total: 71 mm. Diâmetro maior da cabeça: 10 mm.  
Incompleto.
- 79 — Cabeça em andares sobrepostos: pérola assente num toro e encimada por dois toros e um disco.  
Altura total: 25 mm. Altura da cabeça: 16 mm. Diâmetro maior da cabeça: 8 mm.  
Incompleto.
- 80 — Cabeça em andares sobrepostos: anel encimado por um toro, com gorja escavada entre os dois elementos.  
Altura total: 65 mm. Altura da cabeça: 7,5 mm. Diâmetro maior da cabeça: 6,5 mm.  
Incompleto.
- 81 — Cabeça em andares sobrepostos: 3 anéis quadrangulares com remate em forma de sinete — ornamento inciso em forma de cruz.  
Altura total: 37 mm. Altura da cabeça: 8 mm. Largura máxima da cabeça: 5.5 mm.  
Incompleto.
- 82 — Cabeça ovóide canelada, de secção oval. Pé ornamentado por estrias: sulcos em xadrês encimados por sulcos transversais e paralelos.  
Altura total: 29 mm. Altura da cabeça: 11 mm. Diâmetro maior da cabeça: 6.5 mm.  
Incompleto.
- 83 — Cabeça elipsóide assente num toro. Ornamentação com estrias angulares e paralelas entre si.  
Altura total: 59 mm. Altura da cabeça: 8 mm. Diâmetro maior da cabeça: 4 mm.  
Incompleto.
- 84 — Cabeça aguçada, não distinta do pé. Ornamentação de estrias transversais e paralelas.  
Altura total: 49 mm. Diâmetro maior: 5,5 mm.  
Incompleto.
- 85 — Cabeça como a do anterior. Ornamentação de estrias oblíquas e paralelas entre si na parte média, encimadas por outras transversais.  
Altura total: 34 mm. Diâmetro maior: 6,5 mm.  
Incompleto.

- 86 — Cabeça como a do anterior. Ornamentação de sulcos oblíquos e paralelos entre si.

Altura total: 61 mm. Diâmetro maior: 6 mm.

Incompleto.

- 87 — Cabeça semelhante a um cutelo, não distinta do corpo. Ornamentação de estrias.

Altura total: 75 mm. Diâmetro maior: 8 mm.

Incompleto.

**Não temos a certeza absoluta de se tratar, neste caso, de um alfinete. Poderá ser talvez uma sovela.**

- 88 — Cabeça em forma de tronco humano assente em dois toros.

Altura total: 85 mm. Altura da cabeça: 29 mm. Largura máxima da cabeça: 13 mm.

Incompleto.

- 89 — Cabeça em forma de busto feminino, assente numa peanha quadrangular.

Penteado do tempo dos Antoninos.

Altura total: 33 mm. Largura máxima da cabeça: 19 mm.

Incompleto.

- 90 — Cabeça em forma de busto feminino, independente do pé. Penteado contemporâneo de Trajano.

Altura total: 75 mm. Altura da cabeça: 31 mm. Largura maior da cabeça: 19 mm.

Incompleto.

**Os alfinetes de toucado rematados por bustos ou mesmo figuras de corpo inteiro são objectos de luxo e por isso nunca frequentes (8).**

- 91 — Cabeça em forma de dado. Números formados por círculos incisos com um ponto central: 6 no topo; nos lados, 2 contraposto a 3, e 4 a 5.

Altura total: 49 mm. Dimensões da cabeça: 9 x 7 x 6 mm.

Incompleto.

(8) Vejam-se alguns exemplos em M. Wheeler, *London in Roman Times*, Londres, 1946, fig. 32, 3; G. C. Boon, *Roman Silchester*, fig. 15, 2; British Museum, *Antiquities of Roman Britain*, Londres, 1958, fig. 27,9; J. A. Sáez de Buruaga, «Museu Arqueológico de Mérida (Badajoz)», *Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales*, VIII (1947), est. IV, 1; A. e J. Alarcão, «Achados na vila romana de Cardílio», *Arquivo de Beja*, XXIII-XXIV (1966-67), n.º 100.

**Os números deste dado são excepção aos dados romanos, onde a soma de dois lados opostos é 7.**

- 92 — Cabeça em forma de mão direita estendida e pé com ornamentação estriada e ramiforme.  
 Altura total: 75 mm. Altura da cabeça: 11 mm. Largura maior da cabeça: 6 mm.  
 Incompleto.

**Os alfinetes de cabeça em forma de mão não são raros; muitas vezes, a mão segura um objecto (9).**

- 93 — Cabeça hemisférica, com sulco médio e a parte superior escavada para incrustação de pedra ou esmalte que desapareceu.  
 Altura total: 64 mm. Altura da cabeça: 6 mm. Diâmetro maior da cabeça: 8,5 mm.  
 Incompleto.

**Em York (Inglaterra) encontrou-se um alfinete do mesmo tipo (10).**

#### ALFINETES DE BRONZE

- 94 — Cabeça bicónica dobrada em ângulo.  
 Altura total: 75 mm. Altura da cabeça: 4,5 mm. Diâmetro maior da cabeça: 5 mm.  
 Completo.

**Este alfinete é idêntico ao número 105 de Beckmann, do qual difere apenas por ter o ângulo da cabeça menos pronunciado. O número 105**

(9) Cagnat e Chapot, *Manuel d'Archéologie Romaine*, II, fig. 600, 2; J. P. Bushe-Fox, *Second Report on the excavations on the site of the Roman town at Wroxeter (Shropshire)*, Oxford, 1944, est. X, 2; M. Wheeler, *London in Roman times*, Londres, 1946, fig. 32, 1; British Museum, *Antiquities of Roman Britain*, Londres, 1958, p. 27, fig. 12; A. Dumoulin, «Découverte d'une nécropole gallo-romaine à Apt», *Gallia*, XXII (1964), p. 531, fig. 37; A. e J. Alarcão, «Achados na vila romana de Cardílio», *Arquivo de Beja*, XXIII-XXIV (1966-67), n.º 100.

(10) Royal Commission on Historical Monuments of England, *Eburacum - Roman York*, Londres, 1962, est. 71.

de Beckmann integra-se no grupo VI b do autor, atribuível ao século ii d.C.

95 — Cabeça em forma de cone assente num tronco de cone. Pé de secção quadrangular.

Altura total: 63 mm. Altura da cabeça: 7,5 mm. Diâmetro maior da cabeça: 7 mm.

Incompleto.

Semelhante ao 77 de Beckmann, este alfinete, bem como o seguinte, pode integrar-se no grupo IV b deste autor. A cronologia desta forma é todavia muito dilatada: meados do século i ao iv d.C.

96 — Cabeça cónica como a do anterior, mas de menores dimensões. Pé de secção quadrangular.

Altura total: 69 mm. Altura da cabeça: 3,8 mm. Diâmetro maior da cabeça: 3,5 mm.

Completo, mas torcido.

97 — Cabeça bitroncocónica, que parece estar incompleta superiormente.

Altura total: 88 mm. Altura da cabeça: 5,2 mm. Diâmetro maior da cabeça: 5 mm.

Completo, mas torcido.

Aparenta-se com o número 74 de Beckmann, datável da primeira metade do século i d.C. Este, todavia, tem a cabeça formada pela sobreposição de dois duplos troncos de cone.

98 — Cabeça em forma de pirâmide quadrangular assente directamente no pé, que é de secção rectangular.

Altura total: 30 mm. Altura da cabeça: 4 mm. Largura máxima da cabeça: 4,5 mm.

Incompleto.

99 — Cabeça em forma de pirâmide assente num cubo.

Altura total: 59 mm. Altura da cabeça: 5 mm. Largura máxima da cabeça: 3 mm.

Incompleto e torcido.

100 — Cabeça em forma de prisma hexagonal.

Altura total: 111 mm. Altura da cabeça: 12 mm. Largura máxima da cabeça: 4,5 mm.

Completo.

- 101 — Cabeça em forma de prisma recto levemente côncavo nas arestas. Pé de secção quadrangular.  
 Altura total: 57 mm. Altura da cabeça: 7,5 mm. Largura máxima da cabeça: 3 mm.  
 Incompleto.
- 102 — Cabeça facetada. As faces desenhavam triângulos, losangos e pentágonos.  
 Altura total: 53 mm. Altura da cabeça: 4,5 mm. Diâmetro maior da cabeça: 4,5 mm.  
 Incompleto e torcido.

Há mais três alfinetes deste tipo.

- 103 — Cabeça facetada. As faces desenhavam triângulos, losangos e octógonos.  
 Altura total: 50,5 mm. Altura da cabeça: 3,5 mm. Diâmetro maior da cabeça: 4 mm.  
 Completo.
- 104 — Cabeça facetada. As faces descrevem losangos e triângulos.  
 Altura total: 27 mm. Altura da cabeça: 4,5 mm. Diâmetro maior da cabeça: 4,5 mm.

Roosens publicou um alfinete semelhante, que considerou dos inícios do século v d.C. Hatt encontrou em Strasbourg, em estrato do século iv, um alfinete também idêntico ao nosso, embora de osso. Também em Wroxeter encontramos um paralelo mas infelizmente sem cronologia precisa (11).

Há em Conímbriga ainda outro alfinete deste tipo.

- 105 — Cabeça esférica.  
 Altura total: 24 mm. Diâmetro da cabeça: 11,5 mm.  
 Incompleto.

Encontra-se o mesmo tipo de alfinete em Ajslingen (Alemanha) — estação abandonada na época de Trajano (12). Dada a simplicidade

(11) H. Roosens, *Quelques mobiliers funéraires de la fin de Vépoque romaine dans le nord de la France*, Brugge, 1962, est. III, n.º 10; J. J. Hatt, «Fouilles de Strasbourg», *Gallia*, XI (1953), p. 245, fig. 1, n.º 38; J. P. Bushe-Fox, *Second Report on the excavations on the site of the Roman town at Wroxeter, Shropshire*, 1913, Oxford, 1914, est. X, fig. 2. Nas escavações de Wroxeter, Bushe-Fox descobriu materiais dos fins do século i ou começos do n até aos fins do m d.C.

(12) G. Ulbert, *Die römischen Donau-Kastelle Aislingen und Burghofe*, Berlim, 1959, est. 24, 9 e 10.

da forma, é todavia possível que este tipo tenha uma cronologia muito mais vasta.

**Há em Conimbriga mais dois alfinetes deste tipo.**

- 106 — Cabeça esférica como a do anterior, mas mais pequena.  
Altura total: 68 mm. Diâmetro da cabeça: 6 mm.  
Completo, mas torcido.

**Em Strasbourg, em escavações de J. J. Hatt, encontrou-se um alfinete semelhante datável do fim do século n d.C. (13).**

- 107 — Cabeça esférica, independente do pé, no qual se encaixa.  
Altura total: 45 mm. Diâmetro da cabeça: 8 mm.  
Incompleto.

- 108 — Cabeça esférica como a do anterior, mas mais pequena.  
Altura total: 49,5 mm. Diâmetro da cabeça: 3,1 mm.  
Completo, mas torcido.

**O alfinete de cabeça esférica ou esferoidal é a forma 48 do grupo III de Beckmann, datável dos meados do século i a meados do ii d.C.**

- 109 — Cabeça em forma de calote esférica assente directamente no pé.  
Altura total: 35 mm. Altura da cabeça: 2,8 mm. Diâmetro maior da cabeça: 4 mm.  
Incompleto.

**Este alfinete assemelha-se ao número 49 de Beckmann, atribuível aos séculos I-II d.C.**

- 110 — Cabeça em forma de calote esférica assente num pequeno tronco de cone.  
Altura total: 50 mm. Altura da cabeça: 2,5 mm. Diâmetro maior da cabeça: 2,5 mm.  
Completo.

- 111 — Cabeça discoide.  
Altura total: 35 mm. Altura da cabeça: 3 mm. Diâmetro maior da cabeça: 5 mm.  
Incompleto e arqueado.

(13) J. J. Hatt, «Fouilles de Strasbourg», *Gallia*, XI (1953), p. 237, fig. 9, n.º 26.

O número 95 de Beckmann, datável dos séculos MI d.C., é semelhante a este alfinete de Conímbriga. Em Strasbourg, porém, Hatt encontrou um alfinete da mesma forma, embora de osso, entre objectos do século IV d.C. (14).

112— Cabeça discóide, como a do anterior, mas mais reduzida.  
 Altura total: 36 mm. Altura da cabeça: 1,5 mm. Diâmetro maior da cabeça: 3 mm.  
 Incompleto.

113— Cabeça formada por dois discos sobrepostos.  
 Altura total: 66,5 mm. Altura da cabeça: 2 mm. Diâmetro maior da cabeça: 3 mm.  
 Completo.

114— Cabeça espatulada, de secção quase rectangular.  
 Altura total: 61 mm. Altura da cabeça: 3,8 mm. Largura máxima da cabeça: 2 mm.  
 Completo, mas torcido.

115— Alfinete sem cabeça definida.  
 Altura total: 56,5 mm. Diâmetro maior: 3,5 mm.  
 Completo.

Em Canterbury, num poço do século III ou IV d.C., encontrou-se um alfinete da mesma forma, embora de osso (15).

116— Alfinete sem cabeça definida, como o anterior, mas fino, de secção poligonal.  
 É feito de uma folha de bronze, lisa, enrolada sobre si mesma. Orifício circular no topo.  
 Altura total: 62 mm. Diâmetro maior: 2 mm.  
 Completo.

117— Cabeça cónica assente num toro.  
 Altura total: 68 mm. Altura da cabeça: 4 mm. Diâmetro maior da cabeça: 3,5 mm.  
 Incompleto.

(14) J. J. Hatt, «Fouilles de Strasbourg», *Gallia*, XI (1953), p. 245, fig. 16, n.º 2.

(15) Frank Jenkins, *Roman Canterbury. An account of the excavations in Burgate in 1946-48*, Londres, 1951, p. 34, fig. 16, n.º 3.

Assemelha-se ao número 86 de Beckmann, datável do século i ou ii d.C. Também na citânia de Briteiros se encontrou um alfinete semelhante (16).

- 118 — Cabeça em forma de calote esférica assente em dois toros. Pé ornamentado por sulcos transversais e paralelos pouco perceptíveis.  
Altura total: 94 mm. Altura da cabeça: 5,2 mm. Diâmetro maior da cabeça: 2,8 mm.  
Completo, mas torcido.

Podemos aproximar este alfinete do número 103 de Beckmann, que apresenta todavia a cabeça dobrada em ângulo. Este tipo de Beckmann data de 50-150 d.C. M. Cardozo publicou também um semelhante, mas com cabeça assente em maior número de toros, encontrada na citânia de Briteiros (17).

- 119 — Cabeça em forma de balaustre: parte bojuda assente num toro e encimada por outro toro e por uma calote esférica.  
Altura total: 78 mm. Altura da cabeça: 7 mm. Diâmetro maior da cabeça: 3.5 mm.  
Incompleto.

Cabe no tipo 81 de Beckmann, atribuível à segunda metade do século i e ao ii d.C.

- 120 — Cabeça em forma de balaustre, como a do anterior. Parte bojuda assente em três toros e encimada por dois toros. Orifício central na parte superior. Pé de secção poligonal.  
Altura total: 77 mm. Altura da cabeça: 13 mm. Diâmetro maior da cabeça: 5.5 mm.  
Incompleto e torcido.

Cabe no tipo 69 de Beckmann, datado de 50-150 d.C. M. Wheeler publicou também um alfinete semelhante encontrado em Londres (18).

(16) M. Cardozo, «Explorações arqueológicas na Citânia de Briteiros», *Revista de Guimarães*, LXV (1955), p. 436 e fig. 4, n.º 10.

(17) M. Cardozo, «Explorações arqueológicas na Citânia de Briteiros», *Revista de Guimarães*, LXY (1955), p. 436 e fig. 4, n.º 4.

(18) M. Wheeler, *London in Roman Times*, Londres, 1946, est. XLI, n.º 1.

- 121—Cabeça em andares sobrepostos, formada pela combinação de troncos de cone invertidos e toros; o cone de remate tem o topo levemente côncavo e com um ponto médio inciso. Pé de secção rectangular.  
 Altura total: 22,5 mm. Altura da cabeça: 19 mm. Diâmetro maior da cabeça: 6 mm.  
 Incompleto.
- 122 — Cabeça cónica assente directamente no pé e ornamentada por estrias que partem do vértice para a base. Duas estrias contornam a base.  
 Altura total: 117 mm. Altura da cabeça: 7 mm. Diâmetro maior da cabeça: 6 mm.  
 Completo, mas torcido.

**Este alfinete e o seguinte assemelham-se ao tipo 94 de Beckmann, da primeira metade do século i d.C.**

- 123 — Cabeça cónica como a do anterior, mas mais pequena, também estriada.  
 Altura total: 61 mm. Altura da cabeça: 3 mm. Diâmetro maior da cabeça: 3,5 mm.  
 Completo, mas torcido.
- 124 — Cabeça cónica não ornamentada. O pé é decorado com estrias em rede e em cruz.  
 Altura total: 75 mm. Altura da cabeça: 4 mm. Diâmetro maior da cabeça: 4 mm.  
 Incompleto.

**Encontramos paralelos para este alfinete e para o número 126 em Londres, Wroxeter e York. São todavia alfinetes de osso, não de bronze, e sem cronologia precisa (19).**

- 125 — Cabeça bicónica, com o cone superior ornamentado por estrias, que partem do vértice para a base.  
 Altura total: 85 mm. Altura da cabeça: 7,5 mm. Diâmetro maior da cabeça: 7,5 mm.  
 Incompleto.

(19) M. Wheeler, *London in Roman times*, Londres, 1946, est. XLI, n.º 10; J. P. Bushe-Fox, *Second report on the excavations on the site of the Roman town at Wroxeter*, Oxford, 1914, est. X, p. 2; Royal Commission on Historical Monuments of England, *Eburacum-Roman York*, Londres, 1962, est. 71.

- 126— Cabeça bicónica não ornamentada. O pé tem estrias oblíquas e paralelas entre si, pouco perceptíveis.  
Altura total: 76 mm. Altura da cabeça: 4,2 mm. Diâmetro maior da cabeça: 3,2 mm.  
Completo, mas torcido.
- 127— Cabeça em forma de prisma recto, ornamentada com estrias transversais e paralelas somente em duas faces laterais contrapostas.  
Altura total: 60 mm. Dimensões da cabeça: 17 x 3 x 2,5 mm.  
Completo.
- 128— Cabeça prismática, de arestas arredondadas. A cabeça é ornamentada: nas faces laterais maiores e contrapostas, duas estrias em diagonal e uma terceira a unir a linha média, dos lados menores; nas faces laterais menores e contrapostas, uma estria em diagonal e três estrias perpendiculares a esta.  
Altura total: 48 mm. Altura da cabeça: 5 mm. Largura maior da cabeça: 3.5 mm.  
Completo, mas torcido.
- 129— Cabeça formada por anéis sobrepostos, ora lisos ora estriados. Pé de secção quase circular.  
Altura total: 24 mm. Altura da cabeça: 20 mm. Diâmetro maior da cabeça: 7,5 mm.  
Incompleto.
- 130— Cabeça em forma de calote esférica assente num tronco de cone. Pé ornamentado com estrias oblíquas e paralelas entre si, numa zona limitada por duas estrias transversais.  
Altura total: 111 mm. Altura da cabeça: 3,5 mm. Diâmetro maior da cabeça: 3 mm.  
Completo.
- 131— Cabeça em forma de parafuso, com sulco inciso a envolver o topo. Pé de secção rectangular.  
Altura total: 21 mm. Altura da cabeça: 3 mm. Diâmetro maior da cabeça: 8.5 mm.  
Incompleto.
- 132— Cabeça aguçada superiormente, não distinta do pé, ornamentada com quatro estrias transversais, agrupadas duas a duas, pouco perceptíveis.  
Altura total: 56 mm. Diâmetro maior: 2 mm.  
Completo.
- 133— Cabeça afunilada, escavada para incrustar uma pedra ou esmalte que todavia já não existe. Pé de secção rectangular.

Altura total: 13 mm. Altura da cabeça: 8,5 mm. Diâmetro maior da cabeça: 11,5 mm.  
Incompleto.

134— Cabeça afunilada como a do anterior, mas mais triangular.

Altura total: 56 mm. Altura da cabeça: 5 mm. Diâmetro maior da cabeça: 9 mm.  
Completo, mas torcido.

135— Cabeça discoide, escavada para incrustar uma pedra que todavia já não existe.

Revestido de ouro.

Altura total: 39 mm. Altura da cabeça: 4 mm. Diâmetro maior da cabeça: 8 mm.  
Incompleto e torcido.

136— Cabeça em forma de pérola, de pasta vítrea, muito desvitrificada, com picado miúdo e irisão multicolor incipiente. O pé é de bronze.

Altura total: 77 mm. Altura da cabeça: 6 mm. Diâmetro maior da cabeça: 7,5 mm.  
Completo, mas torcido.

137— Cabeça em forma de placa triangular invertida com dois orifícios na base do triângulo; destes pendem os primeiros anéis de correntes que, provavelmente, sustentaram pingentes. Pé de secção quadrangular que progressivamente se transforma em circular.

Altura total: 74 mm. Altura da cabeça: 28,5 mm. Largura máxima da cabeça: 23 mm.  
Incompleto e ligeiramente torcido.

Os alfinetes com pingentes apresentam considerável variedade. O tipo 114 de Beckmann e possivelmente os números 115-119 do mesmo autor são alfinetes com pingentes, embora só o primeiro hoje os conserve. Por aqui se pode fazer uma ideia da variedade das formas. Outros tipos ainda encontram-se no British Museum e no London Museum (20). Nenhum constitui, porém, paralelo exacto para os alfinetes de Conímbriga. Os publicados por Beckmann são todos do século in d.C.

(20) British Museum, *Antiquities of Roman Britain*, Londres, 1958, p. 27 e fig. 14, n.º 13 e M. Wheeler, *London in Roman times*, Londres, 1946, p. 104, fig. 32, n.º 3.

- 138 — Cabeça em forma de placa de lados arqueados, o menor convexo, os maiores recortados em angras. Tinha quatro orifícios dos quais penderiam cadeias como no alfinete anterior.  
Altura total: 62 mm. Altura da cabeça: 24 mm. Largura máxima da cabeça: 12 mm.  
Incompleto e torcido.
- 139 — Cabeça com pingentes como a do anterior, mas mais completa, pois apresenta fragmentos das correntes inferiores.  
Altura total: 42,5 mm. Altura da cabeça: 24 mm. Largura máxima da cabeça: 15 mm.  
Incompleto e torcido.
- 140 — Cabeça em forma de placa de bordos muito recortados. Tem dois orifícios circulares junto do pé, dos quais pendem cadeias. Crescentes vazados e linhas ponteadas ornamentam a placa. A reconstituição que fazemos baseia-se num alfinete completo do British Museum.  
Altura total: 63 mm. Altura da cabeça: 13,5 mm. Largura máxima da cabeça: 7,5 mm.  
Incompleto.
- 141 — Cabeça em forma de placa circular que apresentava quatro orifícios. Dum deles parte o fragmento de uma corrente, possivelmente com pingentes. Pé de secção rectangular mas circular na extremidade.  
Altura total: 47 mm. Altura da cabeça: 14 mm. Largura máxima da cabeça: 13,5 mm.  
Incompleto.

ALFINETE DE PRATA

- 142 — Cabeça esférica assente em dois toros de diâmetro diferentes.  
Altura total: 14 mm. Altura da cabeça: 7 mm. Diâmetro maior da cabeça: 6 mm.  
Incompleto.

(Página deixada propositadamente em branco)

## LOCALIZAÇÃO DOS ACHADOS

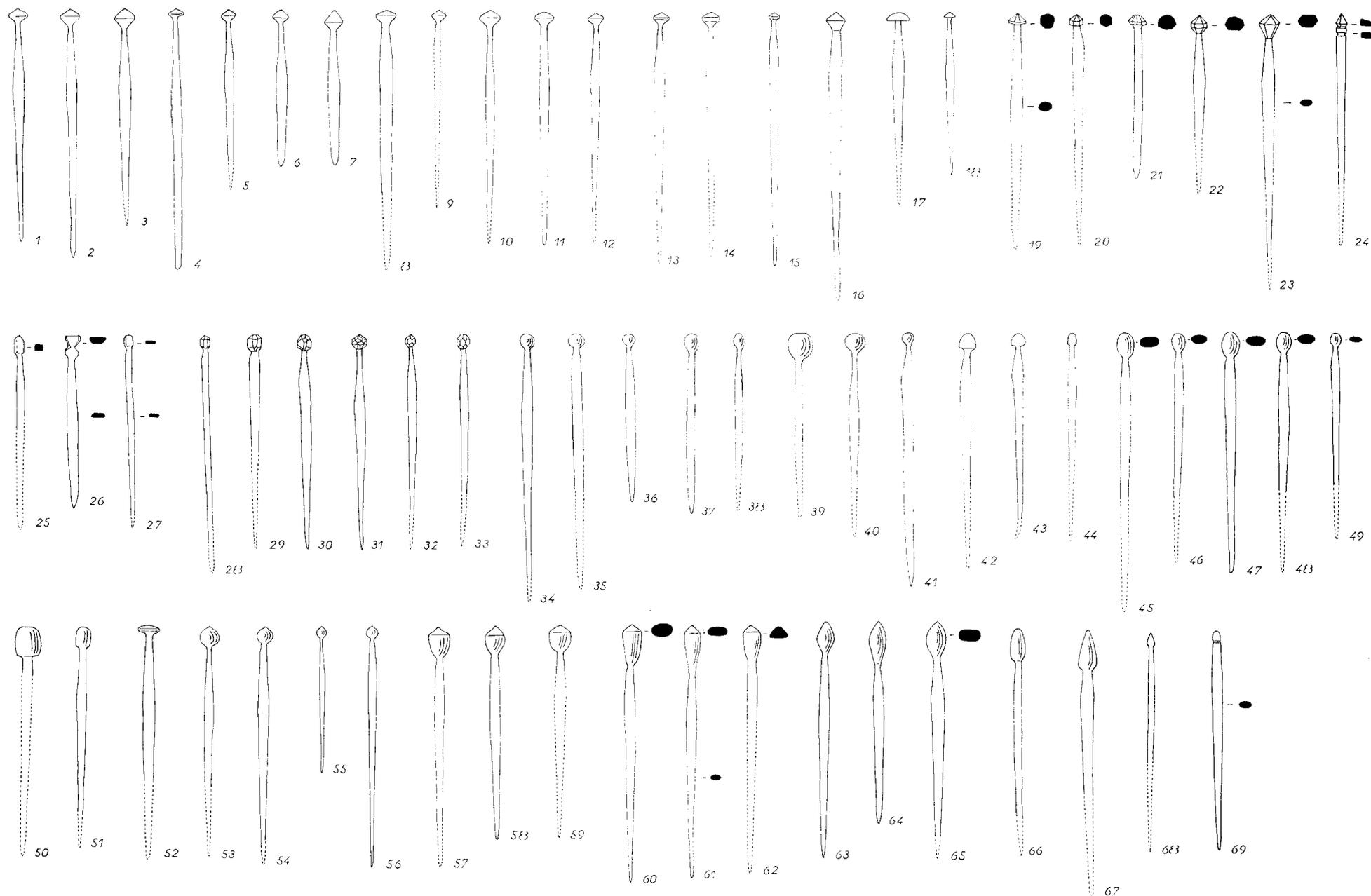
Zona A 3: 60  
Zona A 11: 41  
Zona A 12: 137  
Zona A 15: 53, 55  
Zona A 17: 30, 42, 72  
Zona A 35: 92, 129  
Zona E: 63, 68, 106  
Zona G 4: 8, 82, 93, 96, 101, 132, 141  
Zona H 2: 71, 97, 109, 123, 142.  
Zona H 3: 16  
Zona H 4: 20, 64, 84, 87  
Zona H 2, 3 ou 4: 11, 13, 23, 21, 65  
Zona H 5: 78, 95, 104, 105  
Cano: 117

A zona A corresponde ao chamado palácio extramuros. A zona E fica intramuros, encostada à muralha, a nordeste da cidade. As zonas G e H correspondem às Grandes Termas do Sul. O cano é o colector que atravessa a cidade de norte a sul sob o chamado palácio das termas.

Muitos alfinetes, provenientes das escavações do Doutor Virgílio Correia ou mesmo do Instituto de Coimbra não têm qualquer indicação do local exacto de achado.

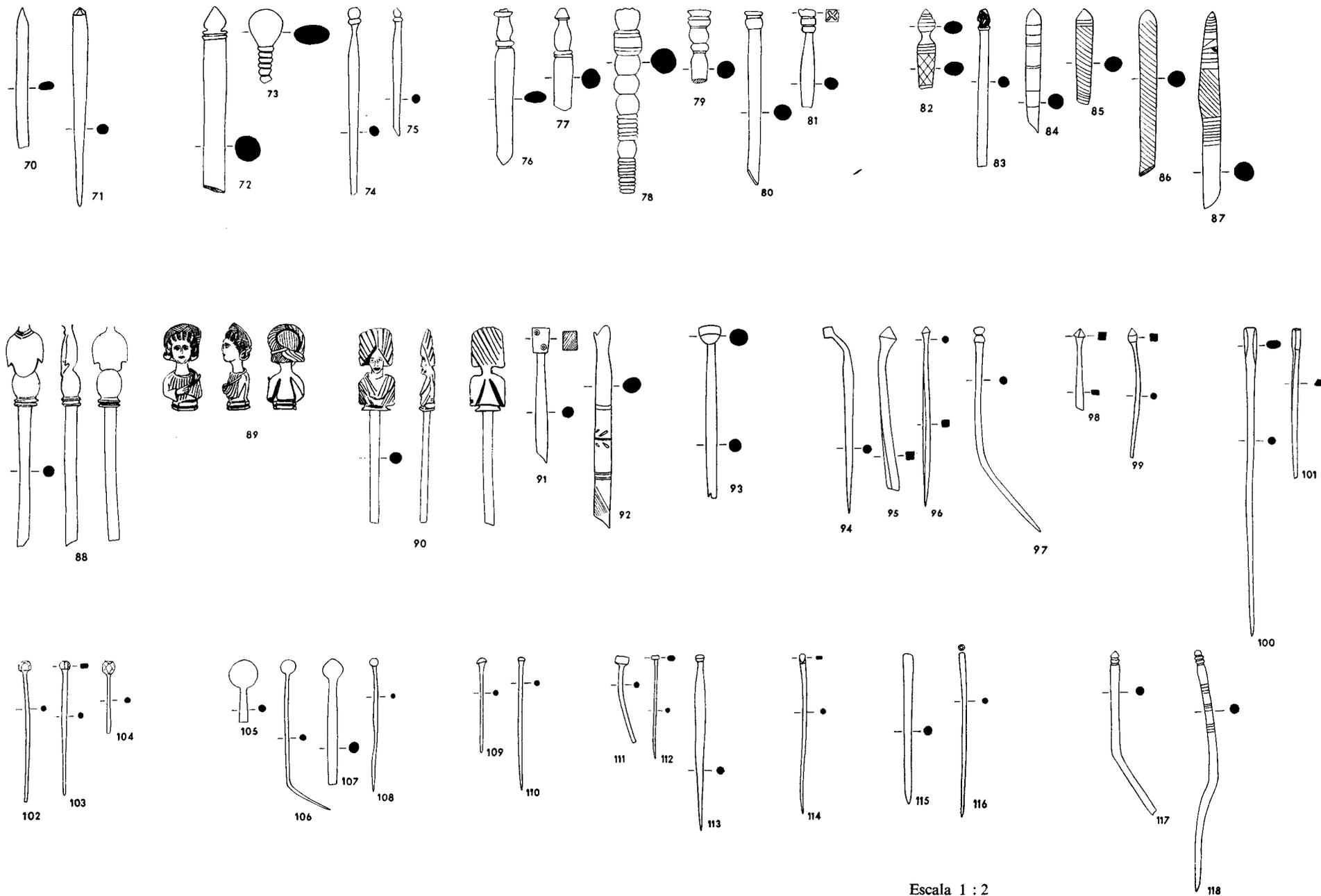
ELSA ÁVILA FRANÇA

(Página deixada propositadamente em branco)



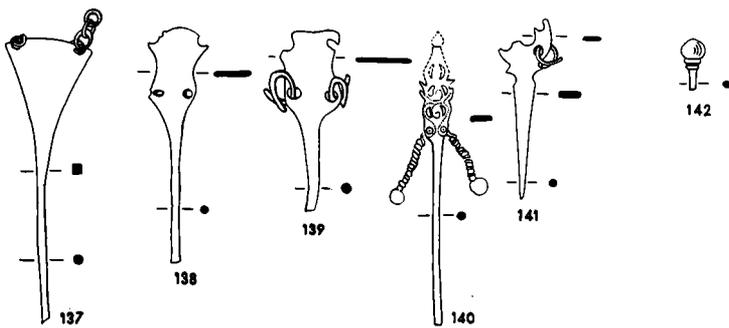
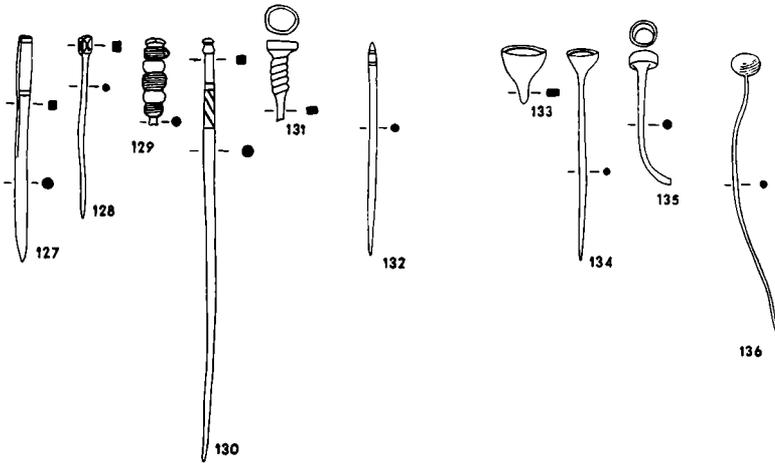
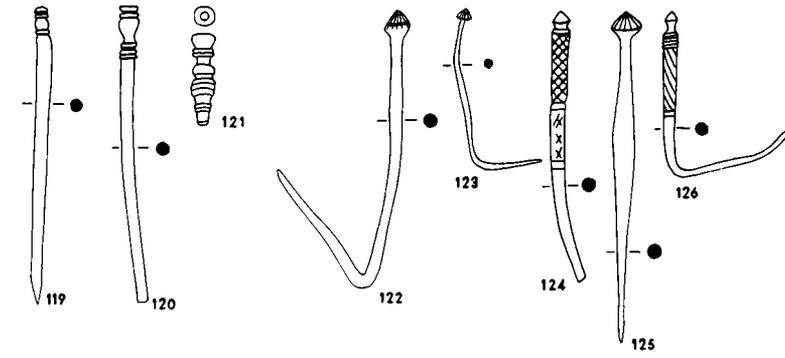
Escala 1 : 2

(Página deixada propositadamente em branco)



Escala 1 : 2

(Página deixada propositadamente em branco)



Escala 1 : 2



## ÍNDICE REMISSIVO

### A

*Abicada* — Mexilhoeira Grande, 17, 19, 20, 48, 51, 53, 54.  
*Adriano*, imperador romano, 22.  
*África* — 41, 45, 46, 50, 54, 58, 60.  
*Aislingen* — Alemanha, 76, 86.  
*Alarcão*, Adília—1, 10, 11, 14, 16, 19, 20, 21, 25, 27, 28, 29, 34, 35, 36, '48, 58, 68, 83, 84.  
——, Jorge—1, 10, 11, 14, 16, 19, 20, 21, 25, 27, 28, 29, 34, 35, 36, 48, 58, 68, 83, 84.  
*Albenga* — 58.  
*Albintimilium*, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 57, 58, 60, 62  
*Alcudia* — Elche, 76.  
*Alemanha*, 86.  
*Alentejo* — 4, 5, 7, 41.  
*Algarve* — 7, 8, 41.  
*Alicante* — 77.  
*Aljustrel* — Baixo-Alentejo, 7, 27, 33, 41, 48, 50, 54, 55, 56, 58, 62.  
*Almagro*, M., 12, 20.  
*Almeida*, Fernando de, 7, 35, 36, 37.  
*Alqueva*, barragem, 4.  
*Amattler*, coleção, 37.  
*Ampúria*.Sy necrópole, 12, 20, 51, 52, 53, 58, 60.  
*Andrade*, Rui Freire d', 7, 33, 41.  
*Antas*, Quinta das — Vide: *Quinta das Antas*.

*Antioch*, 50.  
*Antioquia*, 58, 59, 60, 61.  
*Antonino*, imperador romano, 22.  
*Antoninos*, imperadores romanos, 83.  
*Ípi* — França, 22, 23, 76, 84.  
*Aragão*, Augusto Carlos Teixeira de, 8.  
*Ara*, Torre de — Vide: *7brre çfe /Ira*.  
*Arronches*, 24.  
*Ashmolean Museum*, 38.  
*Atenas*, 58.  
*Augusto*, imperador romano, 11.  
*i4vi7a*, Gabriela Martin — Vide: *Martin Avila*, Gabriela.  
*Azinheiro*, 5.

### B

*Baa'*, deus, 12, 24.  
*Badajoz* — Espanha, 31, 83  
*Bairral*, necrópole, 62, 65.  
*Bairro Letes* — Faro, 9.  
*Ba'sa*, vila romana — Tavira, 7, 8, 10, 11, 12.  
*Bar Kokhba*, 19, 22.  
*Baradez*, J., 12, 24, 45, 46, 50, 51.  
*Barag*, D., 19.  
*Barcelona*, 37, 60, 64.  
*Barcelos*, 36.  
*Barreira*, Rossio da — Vide: *Rossio da Barreira*.  
*Basileia*, 22, 29, 37.  
*Beaker*, 34.

- Beckmann*, Bernard, 68, 72, 73, 77, 84, 85, 87, 88, 89, 90, 92.  
*Beja*, 7, 31, 32, 36, 41, 45, 46, 47, 49, 52, 56, 57, 59, 60, 61, 63, 64.  
*Bela* — Algarve, 8, 12, 13.  
*Belda*, J., 77.  
*Bélgica*, 11, 25.  
*Bensafrim*, 20.  
*Berber*, 29, 37.  
*Berlim*, 76, 86.  
*Boca do Rio* — Budens, 17, 18, 19, 59.  
*Boon*, G. C., 83.  
*Borba*, João Botelho Moniz, 7.  
*Bordighera* — Itália, 49.  
*Bo tto*, Pereira, 7, 8.  
*Braai*, W. C., 22.  
*Bragança*, 24, 41.  
*Bremen*, W., 22.  
*Britain* — Vide: *Inglaterra*.  
*Briteiros*, Citânia de — Vide: *Citânia de Briteiros*.  
*British Museum*, 83, 84, 92, 93.  
*Brugge*, 86.  
*Bruxelas*, 11.  
*Budens* — Algarve, 17, 18, 19.  
*Burgate*, 88.  
*Burghofe*, 76, 86.  
*Buruaga*, J. A. Sáenz de — Vide: *Sáenz de Buruaga*, J. A..  
*Bushe-Fox*, J. P., 81, 84, 86, 90.
- C
- Cabasse*, necrópole, 52, 53.  
*Cagnat*, 84.  
*Canelas do Douro*, 63.  
*Canterbury*, 88.  
*Cardilio*, 83, 84.  
*Cardoso*, Mário, 89.  
*Carnuntum*, 15.  
*Casa çfe Bragança*, 24, 41.  
*Castelo do Giraldo* — Évora, 4.  
*Cave al Horror* — Israel, 19.  
 -----*Letters* — Jerusalém, 19, 22.  
*Cerrado dos Fangueiros* — Eivas, 27.
- Chantemelle* — Bélgica, 11.  
*Chapot*, 84.  
*Chicago*, 37.  
*Chipre* (Cyprus), 10, 14, 21, 23, 34.  
*Citânia de Briteiros*, 89.  
*Clairmont*, 14.  
*Cláudio*, imperador romano, 8, 10, 11, 12, 13.  
*Coimbra*, 18, 94.  
*Colónia* (Köln), 13, 15, 22, 27, 28, 37, 38.  
*Comenda da Igreja*, anta — Montemor-o-Novo, 4.  
*Companhia Transtagana*, 33.  
*Contimbriga*, 4, 19, 36, 41, 42, 55, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 72, 73, 74, 78, 80, 86, 87, 88, 92.  
*Copenhague*, 49, 50, 51, 52, 53, 55.  
*Córdoba*, 33.  
*Corinto*, 50.  
*Correia*, Virgílio, 94.  
*Cortez*, F. Russel, 63.  
*Cova da Partora* — Valência, 52.  
*Curie*, 52.  
*Cyprus* — Vide: *Chipre*.
- D
- Daremberg*, 67.  
*Delgado*, Manuela, 43, 55, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65.  
*Deus*, António Dias de, 28, 29.  
*Doppelfeld*, O., 15, 28.  
*Douro*, Canelas do — Vide: *Canelas do Douro*.  
*Dragendorf*, 49.  
*Dumoulin*, A., 22, 23, 76, 84.  
*Dura-Europos* — Síria, 14, 58.  
*Dusenbery*, Elisabeth, 34.
- E
- Eburacum*, hoje York — Inglaterra, 13, 84, 90.  
*Elche* — Espanha, 76.

*Eivas*, 7, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29,  
41, 58, 64.

*England* — Vide: *Inglaterra*.

*Espanha*, 33.

*Évora*, 4, 7, 30, 31.

F

*Faculdade de Ciências do Porto*, 29, 32.

—— *Letras de Coimbra*, 18.

*Fangueiros*, Cerrado dos — Vide: Cer-  
rado dos *Fangueiros*.

*Faro*, 7, 8, 13, 14, 15, 41, 50, 51, 54,  
62, 63.

*Farrobo*, necrópole, 34.

*Ferreira*, O. da Veiga, 17, 18, 33.

*Figueira da Foz*, 7, 18, 20, 28, 58.

*Figueiredo*, João de, 41.

*Flávios*, imperadores romanos, 21.

*Folqués*, A. Ramos — Vide: *Ramos*

*Folqués*, /1.

*Fonseca*, Bélard da, 7, 32.

*Fonte do Milho* — Canelas do Douro,  
63.

—— *Ke//\*o* — Bensafrim, 20.

*Formiga* — Santiago de Cacém, 36.

*Formosinho*, José Ramos, 7, 17, 18, 41.

*França* (France), 22, 86.

*Franco*, Mário Lyster, 7, 41.

*Fremersdorf*, F., 13, 27.

*Fundação Calouste Gulbenkian*, 1, 7, 41.

—— do Cora de Bragança, 24, 41.

G

*Go//o*, 76, 80.

*Gama*, Eurico, 7, 41.

*Germânia*, 68.

*Giraldo*, Castelo do — Vide: *Castelo*  
do *Giraldo*.

*Guadiana*, rio, 1, 4.

*Gudiol*, J., 37.

*Guerreiro*, Maria Amália, 7.

*Gulbenkian*, Calouste, 1, 7, 41.

*Gunther-Simon*, H., 76.

H

*tfordew*, D. B., 7, 10, 13, 32, 37, 38.

*Harmondsworth*, 22.

*Hatt*, J. J., 86, 87, 88.

*Haynes*, E. Barrington, 22.

*Henrique* (D.), infante, 7, 8, 41.

*Herminio*, Monte — Vide: *Monte Her-*  
*minio*.

*Horta das Pinas* — *Eivas*, 23, 24, 28, 29.

I

*Igreja*, Comenda da — Vide: *Comenda*  
da *Igreja*.

*Inglaterra* (Britain, England), 13, 81,  
83, 84, 90, 92.

*Instituto de Coimbra*, 94.

*Isasco*, necrópole, 20.

*Isings*, C., 12, 14, 15, 16, 19, 20, 21,  
22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31,  
34, 36, 37.

J

*Jenkins*, Frank, 88.

*Jerusalém*, 19, 22.

*Junta Distrital de Beja*, 32.

----- *Évora*, 4.

K

*Karanis*, 19, 32, 37.

*Koln* — Vide: *Colónia*.

*Krefeld*, 22.

L

*La Granjita* — *Espanha*, 33.

*Lagos* — Algarve, 7, 17, 18, 23, 41,  
48, 51, 53, 54, 58, 59.

*Lamboglia*, Nino, 20, 45, 46, 48, 49,  
51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59,  
60, 61, 62, 63, 64, 65.

- Lancei*, Serge, 15, 18.  
*Lande iro*, César, 17, 18.  
*Largo da Sé* — Faro, 9, 13, 14, 50, 51, 54, 62, 63.  
*Leal*, Joaquim Bação, 1.  
*Les Blais*, 51.  
*Leyde*, 22.  
*Lisboa*, 7, 8, 23, 37.  
*London Museum*, 92.  
*Londres* (London), 13, 83, 84, 88, 89, 90, 92.  
*Lousa*, castelo — Mourão, 1, 2.
- M
- Mandil*—Algarve, 7, 8, 12, 13.  
*Manises*, Tosai de — Vide: *Tosai de Manises*.  
*Martin Avila*, Gabriela, 46, 57, 65,  
*Mattingly*, 8.  
*Mediterrâneo*, mar, 42, 58, 60, 61, 62, 64, 65.  
 — *Ocidental*, 45, 46, 50, 58, 59.  
 — *Oriental*, 45, 46, 50, 58.  
*Mérida*, 31, 83.  
*Merkens*, coleção — Colónia, 37.  
*Mexilheira Grande* — Lagos, 17, 19, 20, 48, 51, 53, 54.  
*Michigão*, 32.  
*Milho*, Fonte do — Vide: *Fonte do Milho*.  
*Minas de Aljustrel*, 7, 41.  
*Miróbriga*, hoje Santiago de Cacém, 7, 35, 36, 37, 38.  
*Mogúncia*, 80.  
*Monforte do Alentejo*, 5.  
*Monte Herminio*, hoje Serra de Portalegre, 28.  
*Monte Molião* — Lagos, 17, 18, 20, 21, 22, 23.  
*Montemor-o-Novo*, 4.  
*Montinho*, rio, 2.  
*Morin-Jean*, 15, 23, 28.  
*Mosca*, E., 20.  
*Mosteiros*, herdade — Arronches, 23.  
*Mourão*, 1.  
*Museo Arqueológico de Córdoba*, 33.  
 ----- *Mérida*, 31, 83.  
 ----- *Provincial de Alicante*, 77.  
*Museu de Arqueologia da Junta Distrital de Évora*, 4.  
 — *Arqueológico da Fundação da Casa de Bragança* — Vila Viçosa, 24, 36, 41.  
 ----- *e Lapidar do Infante D. Henrique* — Faro, 7-17, 41.  
 ----- *das Minas de Aljustrel*, 1, 33-35, 41.  
 — *de Copenhague*, 49, 50, 51, 52, 53, 55.  
 — *Monográfico de Conimbriga*, 4, 68.  
 — *Municipal de Eivas*, 7, 23-30, 41\*  
 ----- *da Figueira da Foz*, 1, 18, 20, 28, 58.  
 ----- *das Ruínas de Miróbriga* — Santiago de Cacém, 7, 35, 36-38.  
 ----- *de Santiago de Cacém*, 1, 35-36.  
 — *Municipal de Setúbal*, 7, 38.  
 — *Nacional de Arqueologia e Etnologia* — Lisboa, 7, 18, 37, 38, 42.  
 — *Regional de Beja*, 7, 31-33.  
 ----- *Évora*, 1, 24-25.  
 ----- *Lagos*, 1, 17-23, 41.  
 — *de Saint-Germain-en-Laye* — Paris, 5.  
 — *de Soares dos Reis*, 19.  
*Museum* — Vide também: *Ashmolean Museum*, *British Museum*, *Castelo do Giraldo*, *London Museum*.
- N
- New Haven*, 14.
- O
- Oleiro*, J. M. Bairrão, 68.  
*Ossonoba*, 9.

*Ostia*, 58.  
*Oxford*, 81, 84, 86, 90.

P

*Paço*, Afonso do, 1, 5.  
*Palestina* (Palestine), 38.  
*Pallarés*, Francisca, 45, 46, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 60.  
*Palma*, Torre de — Vide: Torre *¿fe Palma*.  
*Parabiago*, San Lorenzo di, 24.  
Par/s, 5, 15, 18.  
*Partora*, Cova de — Vide: Cova *¿/e Partora*.  
*Patronilho*, José, 7.  
*Pereira*, Jacinto, 35.  
Peres, Damião, 36.  
*Pinas*, Horta das — Vide: *Horta das Pinas*  
*Pires*, Antonio Tomás, 23, 24, 27.  
*Pollentia*, necrópole, 49.  
*Pollenzo*, necrópole, 20.  
*Pompeia*, 14, 21, 24, 31.  
*Ponsich*, M., 45, 46, 50, 51, 54.  
*Portalegre*, 25, 28.  
*Portel*, 5.  
*Portimão*, 37.  
*Porto*, 5, 29, 32.  
*Portugal*, 28, 29, 32, 34, 36, 41, 42.

Q

*Quinta das Antas* — Tavira, 8.

R

*Ramos Folqués*, A. 76.  
*Represas* — Beja, 41, 45, 46, 47, 49, 52, 56, 57, 59, 60, 61, 63, 64.  
*Retorta*, castro, 36.  
*Ribeiro*, F. Nunes, 32, 36, 41.  
*Rio*, Boca do — Vide: *Boca do Rio*.  
*Rocha*, Santos, 7, 18.

*Roosens*, H., 11, 86.  
*Rossio da Barreira* — Beja, 32.  
*Royal Commission on Historical Monuments of England*, 13, 14, 90.  
*Rua D. João IV*—Faro, 14, 15.

S

*Sáenz de Buruaga*, J. A., 31, 83.  
*Saglio*, 67.  
*Saint-Germain-en-Laye* — Paris, 5.  
*Samotrácia*, 34.  
*San Lorenzo di Parabiago*, 24.  
*Sanches*, Margarida, 18.  
*Santa Cruz* — Santiago de Cacém, 35.  
*Santiago de Cacém*, outrora Miróbriga, 7, 35, 36, 37.  
*Santos Gener*, Samuel de los, 33.  
*São Brás de Varche*, freguesia — Eivas, 27.  
*Sardenha*, 52.  
*Sassari*, 53, 58.  
*Sé* — Faro, 9, 13, 14, 50, 51, 54, 62, 63.  
*Seda*, ribeira, 5.  
*Serra de Portalegre*, antigo Monte Herminio, 25, 28.  
*Setúbal*, 1, 35, 37, 38, 80.  
*Severos*, imperadores romanos, 50.  
*Shropshire*, 81, 84, 86.  
*Silchester*, 83.  
*Simonett*, Charles, 22.  
*Siracusa*, 58.  
*Síria* (Syria), 38.  
*Sousa*, Rigaud de, 62, 65.  
*Stadecken* — Mogúncia, 80.  
*Strasbourg*, 86, 87, 88.  
*Stumpel*, B., 80.  
*Sunkowsky*, 15.  
*Sydenham*, 8.

T

*Tanit*, deus, 12, 24.  
*Tarradel*, M., 45, 46, 50, 51, 54.  
*Tarragona*, 48, 54, 58.

*Tavira*, 7, 8, 10, 11, 12.  
*Tibério*, imperador romano, 8, 9, 11,  
 14, 20.  
*Tipasa*, 12, 15, 18, 24, 51.  
*Tito*, imperador romano, 10.  
*Torre* — Santiago de Cacém, 35.  
 — *de Ares* — Tavira, 8, 12.  
 -----*Palma*, herdade — Monforte  
 dó Alentejo, 5.  
*Tosai de Manises* — Alicante, 77.  
*Trajano*, imperador romano, 83, 86.  
*Transtagana*, lugar — Aljustrel, 33, 34.  
*Tróia* — Setúbal, 80.

## U

*Ugo*, B., 20.  
*Ulbert*, Günther, 76, 86.

## V

*Valdoca*, necrópole — Aljustrel, 27, 35,  
 48, 58.  
*Valência* — Espanha, 52, 58.  
*Varche*, São Brás de, freguesia —  
 Eivas, 27.

*Fora*, 10.  
*Vasconcelos*, J. Leite de, 8, 24, 76, 80.  
 Estácio da, 7.  
 — Bélgica, 25.  
*Vessberg*, O., 14, 21, 22, 23, 34.  
*Viana*, Abel, 9, 17, 18, 24, 28, 29, 32.  
*Viena* (Wien), 15.  
*Vila Formosa*, ponte romana, 5.  
*Viçosa*, 24, 36, 41, 57, 59.  
*Vindonissa* — França, 29, 37.

## W

*Waagé*, Frederick O., 45, 46, 50, 60,  
 61, 62, 65.  
*Wheeler*, M., 83, 84, 89, 92.  
*Wien* — Vide: *Viena*.  
*Wint Hill*, 37, 38.  
*Wroxeter* — Inglaterra, 81, 84, 86, 90.

## Y

*Yadim*, 19, 22.  
*York* — Inglaterra, 13, 84, 90.

## ÍNDICE GERAL

|   | Págs.    |
|---|----------|
| AFONSO DO PAÇO e JOAQUIM BAÇÃO LEAL— <i>Castelo da Lousa (Mourão).<br/>Campanhas de escavações de 1965, 1966 e 1967</i> ..... | <b>1</b> |
| JORGE DE ALARCÃO — <i>Vidros romanos de museus do Alentejo e Algarve</i> . .  | 7        |
| MANUELA DELGADO — <i>Terra sigillata clara de museus do Alentejo e Algarve</i>  | 41       |
| ELSA ÁVILA FRANÇA — <i>Alfinetes de toucado, romanos, de Conimbriga</i> . . .   | 67       |
| <i>índice remissivo</i> .....   | 95       |

(Página deixada propositadamente em branco)

# CONIMBRIGA

REVISTA DO INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA  
DA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA (PORTUGAL)

PUBLICAÇÃO ANUAL

COLABORAÇÃO SOLICITADA

PEDIDOS À LIVRARIA DISTRIBUIDORA:

**Casa do Castelo, Editora — Rua da Sofia, 47-49**

**Coimbra — Portugal**

*Solicitamos permuta. On prie de bien vouloir établir l'échange.  
Sollicitiamo scambio. We would like exchange. Tauschverkehr erwünscht.*

